



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA

A BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA:  
CONVERGÊNCIAS LITERÁRIAS, RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS

THIAGO CIRNE FREITAS

Rio de Janeiro  
2016

THIAGO CIRNE FREITAS

A BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA:  
CONVERGÊNCIAS LITERÁRIAS, RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Dodebei

Linha de Pesquisa: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade

Rio de Janeiro  
2016



F866e

Freitas, Thiago Cirne.

A Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira: convergências literárias, raridades bibliográficas / Thiago Cirne. – 2016.

154 f. ; 30 cm.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

1. Livros Raros. 2. Lucia Miguel Pereira (1901-1959). 3. Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro. I. Título.

CDD 090

THIAGO CIRNE FREITAS

A BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA:  
CONVERGÊNCIAS LITERÁRIAS, RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Dodebei

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Gustavo Saldanha

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Cesar Augusto Garcia Lima

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/Universidade Federal Fluminense



#### DEDICATÓRIA

A Deus, pela paciência e amor dispensados à minha pessoa; pelo cuidado com o qual me amparou nestes anos de Universidade; pela força e disposição concedidas; pela capacidade de poder aprender.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Carlos e Selma, pela educação e apoio nestes anos de vida. Pessoas simples, que pelo exemplo, mostraram o bom caminho a seguir.

Aos meus amados irmãos, Diogo e Nathália, pelo amor e carinho; pelas boas risadas que sempre aliviaram o estresse.

À Vera Dodebei, pelos ensinamentos e orientações.

À Luciana Viégas, pelo apoio em estudar o acervo bibliográfico de Lucia Miguel Pereira.

Aos amigos do período acadêmico, pela troca de experiências e enriquecimento intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Aos bibliotecários da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, pelo trabalho desenvolvido, que, de tão grande excelência, me proporcionou calma e tranquilidade para administrar minhas funções, tempo e empenho.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a conclusão desta dissertação.

*Lo escrito puede y debe ser el pensamiento en el estado más perfecto; las palabras se van, los escritos permanecen.*

Paul Otlet em *El tratado de documentación.*

## RESUMO

A pesquisa tem por objeto de estudo a coleção especial formada pela escritora e crítica literária Lucia Miguel Pereira e o historiador Octavio Tarquinio de Sousa. A doação feita por familiares à Biblioteca da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro revelou a necessidade de identificar e descrever características de raridade e importância dos itens bibliográficos, à luz dos rastros memoriais contidos em dedicatórias e em outras marcas bibliológicas, no contexto das transformações culturais ocorridas no Brasil, na primeira metade do século XX, precisamente as décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950. Para o alcance deste propósito, foram utilizados os conceitos pertinentes aos campos da Bibliologia e da Biblioteconomia de Livros Raros, em especial os estudos de Ana Virginia Pinheiro, Aline Herbstrith, Stefanie Freire e Antonio Houaiss, que permitiram determinar a amostra de 20 obras consideradas raras. A análise dos exemplares está formalizada em quadros indicativos, sendo fundamentada pela pesquisa bibliográfica de raridade/importância e pela análise bibliológica.

Palavras-chave: Biblioteca particular. Livro raro. Análise bibliológica. Livros raros – Catálogos. Livros raros – Catalogação. Lucia Miguel Pereira. Octavio Tarquinio de Sousa.



## ABSTRACT

The research has the object of study the special collection formed by literary writer and critic Lucia Miguel Pereira and historian Octavio Tarquinio de Sousa. The donation made by relatives to the Library of the Attorney General of the State of Rio de Janeiro revealed the need to identify and describe the rarity features and importance of bibliographic items in the light of the memorials traces contained in inscriptions and other bibliological signs, in the context of cultural transformations occurred in Brazil in the first half of the twentieth century, precisely the 1920, 1930, 1940 and 1950. To achieve this purpose, it was used the concepts relevant to the fields of Bibliology and librarianship of Rare Books, specially the studies of Ana Virginia Pinheiro, Aline Herbstrith, Stefanie Freire and Antonio Houaiss, which allowed to determine the sample of 20 works considered rare. The analysis of the specimens is formalized in indicative tables being substantiated by the bibliographic rarity/importance research and bibliological analysis.

**Keywords:** Private library. Rare book. Bibliological analysis. Rare books – Catalogs. Rare books – Cataloging. Lucia Miguel Pereira. Octavio Tarquinio de Sousa.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Biblioteca em sua instalação original, residencial.....	27
Ilustração 2	Arranjo das obras na residência de Lucia e Octavio.....	27
Ilustração 3	Biblioteca em sua instalação atual, Procuradoria Geral do Estado – RJ.....	28
Ilustração 4	Móveis e estantes: instalação atual.....	28
Ilustração 5	José Lins do Rego, Octavio Tarquinio, Paulo Prado e outros.....	29
Ilustração 6	Octavio e Lucia entre intelectuais.....	30
Ilustração 7	Reunião na residência de Plínio Doyle.....	36
Ilustração 8	Registro de uma reunião do <i>Sabadoyle</i> .....	36
Ilustração 9	Indicativo sobre períodos de salvaguarda da coleção OTS e LMP.....	39
Ilustração 10	Anotação manuscrita e marcações.....	40
Ilustração 11	Detalhe da coleção de Lucia Miguel Pereira.....	46
Ilustração 12	Instalação de prateleiras e disposição das obras.....	46
Ilustração 13	Carlos Drummond com Gustavo Capanema.....	51
Ilustração 14	A mulher e o ensino “doméstico”.....	53
Ilustração 15	Representação do rei assírio Assurbanipal (668 a 627 AEC).....	59
Ilustração 16	Representação iconográfica de Assurbanipal, em guerra.....	59
Ilustração 17	Subtração textual, por determinação do Censor.....	60
Ilustração 18	Páginas com rasuras diretas, ao longo das manchas do texto.....	61
Ilustração 19	Dedicatória manuscrita de Afonso Arinos de Melo Franco.....	62
Ilustração 20	Anotações manuscritas, atribuídas a Francisco Campos.....	63
Ilustração 21	Rasuras e renumerações, atribuídas a Francisco Campos.....	63
Ilustração 22	<i>Boletim de Ariel</i> : Capa da edição de n. 8 de 1937.....	66
Ilustração 23	Página de propagandas do <i>Boletim de Ariel</i> .....	67
Ilustração 24	Análise física das obras durante inventário.....	73
Ilustração 25	Análise de documentos da biblioteca de Octavio e Lucia.....	74
Ilustração 26	Fichas catalográficas físicas.....	75
Ilustração 27	<i>Homepage</i> do catálogo online.....	75
Ilustração 28	Sequência de pranchas (Instituto de Arquitetos do Brasil).....	76
Ilustração 29	Espaços externo e interno (Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin).....	77
Ilustração 30	Pirâmide de inclusão de bibliotecas particulares em instituições.....	77
Ilustração 31	Mulher lendo, sentada, com um livro de encadernação clara.....	83



Ilustração 32	Livro diminuto, seguro pela leitora.....	84
Ilustração 33	A análise bibliológica: “conjunto tag” ilustrativo.....	93
Ilustração 34	Modelo de número de chamada com indicação única de prateleira.....	96
Ilustração 35	Retrato de Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá.....	134

## LISTA DE SIGLAS

BMJVS - Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto

CCLA - Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas

CEJUR - Centro de Estudos Jurídicos

DIORA - Divisão de Obras Raras (Fundação Biblioteca Nacional)

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

FBN - Fundação Biblioteca Nacional

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

FOLIAR - Fórum Internacional sobre Livros Antigos, Raros e Especiais

JO - Livraria José Olympio

LMP - Lucia Miguel Pereira

OTS - Octavio Tarquinio de Sousa

PGE-RJ - Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro

SSP - Secretaria de Segurança Pública

UCS - Universidade de Caxias do Sul

USP - Universidade de São Paulo

## LISTA DE ANEXOS

### **Anexo 1**

LMP – *Boletim de Ariel*, n. 5, fev. 1934..... 150

### **Anexo 2**

LMP – Padrão comum aos artigos do *Boletim de Ariel*..... 151

### **Anexo 3**

Biblioteca OTS/LMP – Mobiliário..... 152

### **Anexo 4**

Biblioteca OTS/LMP – Controle de ambiente..... 153

### **Anexo 5**

Biblioteca OTS/LMP – “Fantasma” e formulário para pesquisadores..... 154

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
2	<b>BIBLIOTECA PARTICULAR: PODERES E SIMBOLISMO</b> .....	21
2.1	Discussões em <i>De bibliothecis</i> .....	21
2.2	Bibliotecas, imagens e decoração.....	24
2.3	Rememoração e rastro.....	26
3	<b>MEMÓRIAS DE FAMÍLIA</b> .....	32
3.1	Entre amigos: o <i>Sabadoye</i> .....	35
3.2	Bibliotecas particulares: impressões culturais.....	37
3.3	Regulamento, atendimento e acesso na PGE-RJ.....	42
3.4	Memória e mediação.....	44
4	<b>A BIBLIOTECA DE OCTAVIO E LUCIA NO SÉC. XX: CONTEXTOS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO</b> .....	48
4.1	Um período de manifestos literários.....	49
4.2	O Estado Novo e a intelectualidade.....	50
4.3	Realidade, mulheres e poder: expressões de identidade em LMP.....	54
4.4	Bibliotecas e o “poder real”.....	58
5	<b>EXEMPLARES EM ESTUDO: UMA ABORDAGEM SOBRE RARIDADES</b> .....	70
5.1	Enfoque de raridade: bibliotecário, gerente e usuário.....	70
5.2	Sobre a eleição das 20 obras mais valiosas.....	79
5.3	O conhecimento sobre o livro, a Bibliologia e seus recursos.....	88
5.4	Análise bibliológica das obras raras presentes na coleção.....	95
5.5	Expectativas quanto à recuperação de informações: uma proposta de produto.....	131
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	136
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	141
	<b>ANEXOS</b> .....	150

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende, a partir da análise da coleção formada pela escritora e crítica literária Lucia Miguel Pereira, ao lado do seu esposo, o historiador Octavio Tarquinio de Sousa, descrever e revelar características de raridade e importância, à luz das transformações culturais ocorridas no Brasil, na primeira metade do século XX. Situam-se, mais precisamente neste escopo, as décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950.

Para o alcance deste propósito, aplicam-se os conceitos pertinentes aos campos da Bibliologia e da Biblioteconomia de Livros Raros, difundidos no Brasil, com bastante ênfase nos últimos anos, pela bibliotecária e pesquisadora Ana Virginia Pinheiro. Destacam-se dois importantes trabalhos de sua autoria: *Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica* (Rio de Janeiro: Presença, 1989) e, mais recentemente publicado, o artigo *Catálogo de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda* (Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 131, 2011), cuja edição impressa foi lançada em 2014. Outras investigações também foram desenvolvidas em âmbito acadêmico, a exemplo das dissertações de Aline Herbstrith Batista: *Conceitos e critérios para a qualificação de obras raras da Biblioteca de Direito da Universidade Federal de Pelotas* (apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas em 2012) e de Stefanie Freire: *As dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira* (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, em 2013). A importante obra de Antonio Houaiss, *Elementos de Bibliologia* (São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983) também consta como um dos relevantes estudos destacados neste trabalho.

Para a abordagem proposta, buscou-se realizar o inventário bibliográfico para conferência no que tange à integridade (completude) da coleção, com vistas à verificação de falhas quando da doação à Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro (PGE-RJ), localizada à Rua do Carmo, Nº 27, Centro, atual instituição mantenedora. Constatou-se que, em um universo de aproximadamente 8.500 itens (dos quais ca. de 8.000 são livros e periódicos e, ca. de 500, materiais avulsos), apenas 17 títulos não foram encaminhados à PGE-RJ.

Foram eleitas 20 das principais obras pertencentes à coleção de Octavio e Lucia<sup>1</sup>, seguindo os seguintes critérios de raridade<sup>2</sup>: a) *obras impressas no Brasil até 1860*; b) *obras impressas, em outras partes do mundo, até 1800*; c) *tiragens limitadas (até 300 exemplares)*; d) *obras com anotações manuscritas (assinadas ou com dedicatória), de personalidades*; e) *livros que conservem alguma particularidade, como encadernações de colecionadores ou de luxo*; f) *obras impressas em papel especial*; g) *obras com ilustrações reproduzidas por métodos artesanais, como xilogravura ou metal*; h) *Itens com marcas de propriedade (ex libris, ex dono, super libris), pertencentes a figuras eminentes*; i) *obras que revelem caráter de unicidade, a partir de pesquisas bibliográficas*; j) *primeiros fascículos de periódicos, de grande importância*; l) *edições consagradas, não reeditadas*.

A escolha da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira como fonte de pesquisa ocorre, em primeiro lugar, em virtude de seu elevado valor cultural e histórico que demanda a aplicação de padrões de análise e descrição próprias aos livros especiais e cimélios. Em segundo lugar, porque constatamos que o nível de descrição dos itens que acompanharam a coleção era genérico, com omissão de apontamentos minuciosos, os quais, por sua vez, têm o papel de garantir o acesso a elementos intrínsecos e extrínsecos quando solicitados pelo pesquisador.

É importante ressaltar que também fora doado, na mesma época, o catálogo disponível em [www.octavioelucia.com](http://www.octavioelucia.com), (2010)<sup>3</sup>. Esta ferramenta tem se mostrado pouco efetiva na recuperação de informações vitais às pesquisas realizadas, principalmente àquelas que se referem à figura de Lucia Miguel Pereira, no âmbito de sua produção.

O objetivo deste trabalho é investigar e diminuir a lacuna existente entre a demanda do pesquisador e os detalhes testemunhais registrados sobre as obras, que poderão imprimir respostas às suas indagações (tais como solicitações de obras com anotações manuscritas da própria Lucia, dedicatórias transcritas, detalhes físicos do item, etc.).

Desta forma, alcança-se um segundo e importante degrau: a disseminação de informações sobre a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira entre os pares, pois esta dissertação direciona-se à comunidade especializada (bibliotecários e gestores

---

<sup>1</sup> A partir deste momento, passaremos a nos referir à coleção especial de Octavio e Lucia como “Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira”, nome adotado institucionalmente pela PGE-RJ.

<sup>2</sup> Critérios para identificação de obras raras. Rio de Janeiro, 2010. 2 f. Documento administrativo elaborado por bibliotecários da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, a partir de consulta a instituições responsáveis pela salvaguarda de coleções raras ou preciosas.

<sup>3</sup> © 2010, Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa - Lucia Miguel Pereira [nota de rodapé do site]. A elaboração inicial do catálogo foi realizada por iniciativa da família.



de acervos especiais) e demais interessados nos estudos sobre a atuação intelectual do casal (arquivistas, historiadores e pesquisadores da área de literatura).

Um breve levantamento em mecanismos de busca da *web* revela a razoável repercussão midiática já obtida em torno da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, quando esta ainda não havia sido transferida para a Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro. O que há de inédito é o estudo sob o prisma biblioteconômico: o olhar a respeito das formas de organização e desenvolvimento, a abordagem sobre aspectos de raridade e memória - os quais se pretende que sejam alcançados aqui.

A Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira é formada em um período cujo cenário inspira debates literários, políticos e culturais. A sociedade da primeira metade do século XX ainda não experimentava uma ampla inclusão da figura feminina no meio intelectual. Essa fase coincide, em parte, com o período ditatorial do Estado Novo, que chegou a censurar diversas manifestações artísticas. Aos poucos, Lucia Miguel Pereira, ao lado de escritoras como Rachel de Queiroz, encontrou espaço e aceitação juntamente a nomes do porte de José Lins do Rego, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Percebe-se uma linha de ascensão que envolve Lucia a partir das publicações na *Revista Elo*, de pequena circulação, mas que já sinalizavam o talento da estudiosa, que teria destaque não apenas na crítica literária, mas nas áreas de biografia, tradução, romance e literatura infantil.

A escolha deste tema de pesquisa se deve à peculiaridade da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, incorporada à Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto, do Centro de Estudos Jurídicos da PGE-RJ, com todos os exemplares que pertenceram ao casal de intelectuais. Muitos dos itens contidos podem revelar as influências e proximidades entre escritores e demais atores envolvidos no processo de produção literária, crítica e intelectual, o que transformaria aquele espaço particular em lugar de trocas e significações culturais. Em outras palavras, um espaço não apenas voltado ao passado, mas com potencialidade interativa com o presente.

Trataremos aqui de uma coleção especial que espelha raridade bibliográfica, marcas e vestígios de memória familiar e sinais de uma vida de dedicação à Literatura e à História. A parte literária da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, objeto de atenção especial neste escrito, configura-se como uma página à parte na história dos intelectuais protagonistas do cenário brasileiro.

A discussão proposta tem como cerne as seguintes perguntas: a) Quais marcas e vestígios, presentes na Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, podem evidenciar a influência e atuação de Lucia, especialmente, na comunidade literária do Brasil? b) Coleções pertencentes a personalidades de influência intelectual podem se caracterizar como recortes culturais, tendo em vista o contexto no qual foram formados e desenvolvidos? c) A Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira reflete o desenvolvimento do pensamento intelectual do início do século XX? d) As obras inseridas no acervo apontam para relações de proximidade com outros escritores, editores e demais envolvidos na produção editorial dos anos 1930? Em síntese: uma biblioteca privada pode ser considerada uma narrativa de vida?

Esta pesquisa está organizada em seis partes. O capítulo 2 apresenta a revisão da literatura e busca tratar a questão da biblioteca particular sob a perspectiva de poderes e simbologia que, ante um olhar retrospectivo, revive os debates acerca da biblioteca na Antiguidade. Seu papel seria, dessa forma, um tema discutido entre intelectuais da Idade Antiga, como em Justo Lísio e Sêneca.

O terceiro capítulo aborda a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira como repositório de uma memória de família, que abre as portas ao convívio e recordações de convidados ilustres, participantes do grupo de intelectuais atuantes àquela época. Alguns fatos sobre este período de convivência estão concentrados basicamente em narrativas publicadas por Antonio Gabriel Fonseca Junior, neto de Octavio.

O quarto capítulo refere-se à Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira situada diante de alguns acontecimentos que movimentaram o cenário político e cultural no século XX: seus contextos de formação e desenvolvimento e possíveis influências sofridas poderão ser explorados aqui. Busca-se, neste capítulo, investigar a capacidade de reflexão, de um acervo particular, sobre aquilo que se passa enquanto movimento social, político e cultural de determinada sociedade.

O quinto capítulo propõe um olhar específico sobre itens raros da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, buscando descrevê-los e analisá-los a partir dos rastros memoriais, tipográficos e bibliológicos. Apresentam-se as expectativas quanto à recuperação de informações e quanto à segurança dos exemplares.

A metodologia aplicada às técnicas de seleção e descrição de itens raros ou especiais encontra convergência em autores como Ana Virginia Pinheiro e Stefanie Freire, principalmente em relação às práticas da fotobibliografia, formalização de notas de raridade,

transcrição de dedicatórias e pesquisa de raridade/importância. Contribuições importantes sobre Memória e Literatura em Sandra Regina Almeida, Antonio Gabriel Fonseca Junior e Luciana Viégas nos indicaram os principais pilares para o entendimento do que é, de fato, a coleção aqui analisada. Chamamos a atenção também para a presença de outros teóricos que, no decorrer da pesquisa, se tornaram fundamentais, lançando luz sobre pequenos detalhes – nuances sem as quais esta investigação estaria distante de seu objetivo.

O quadro a seguir sintetiza os campos de conhecimento, os conceitos ou abordagens conceituais e os respectivos discursos teóricos selecionados para sustentar esta pesquisa. É válido dizer que o aprofundamento do quadro teórico-conceitual ora apresentado é, ao mesmo tempo, imperativo e profícuo. O estudo sobre o universo das conjunturas que moldam a constituição de bibliotecas privadas, remanescentes de atividades intelectuais, deve ser desenvolvido considerando toda a trama de possíveis significações simbólicas que dão vigor inteligível aos suportes ali armazenados.

### QUADRO TEÓRICO-CONCEITUAL

CATEGORIAS	CONCEITOS/ABORDAGENS	DISCURSOS
<i>Análise e descrição da informação</i>	Exame e Bibliologia	Faria; Pericão (2008), Greenhalgh; Manini (2015), Houaiss (1983), Pinheiro (1989; 2011), Rodrigues; Calheiros; Costa (2007), Freire (2013)
<i>Coleção</i>	Estética sociológica Aproximações históricas	Rendeiro (2008) Pomian (1984)
<i>Ciclo de vida da biblioteca OTS/LMP</i>	Narrativas	Fonseca Junior; Vasconcellos (2011)
<i>Gestão</i>	Acesso e mediação Rememoração e rastro	Sanches; Rio (2010) Dodebei (2015, 2016), Almeida (2013), Fonseca Junior (2010), Viégas (2012)
<i>Memória (Marcas e vestígios)</i>	Memória coletiva	Namer (1987)
<i>Períodos históricos</i>	Manifestos literários	Martins (2002)
	Estado Novo	Corti (2013), Schwartzman; Bomeny; Costa (1984)
	Vigilância	Foucault (2002)
<i>Produção intelectual</i>	Biblioteca como instrumento Concepções	Conde (2011), Pereira (2005) Rocha (2012)
<i>Simbologia e História das Bibliotecas</i>	Homem como <i>animal symbolicum</i> Lugar de erudição	Cassirer (1977) Nelles (2008)

Fonte: Elaboração do autor (2016).

O foco principal desta pesquisa não trata de uma discussão aprofundada sobre os aspectos históricos ou mesmo simbólicos das bibliotecas, embora venhamos a tecer algumas

considerações sobre este assunto. Tem-se como prioridade a relevância material dos exemplares analisados, confrontados a uma conjuntura de mudanças sociais no Brasil.

Este estudo situa-se, assim, na esfera das *coleções especiais*, já que os exemplares que integram a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira compreendem uma série de particularidades e medidas cautelosas sob o ponto de vista de sua preservação, instalação e acesso.

## 2 BIBLIOTECA PARTICULAR: PODERES E SIMBOLISMO

O que há de fascinante em uma biblioteca particular? Em todas as épocas, e em todas as tipologias documentais (tabletes, rolos, códice), a intenção de armazenar o conhecimento tornou-se patente à luz da necessidade informacional. A extensão dessa indispensabilidade passou a recair, em larga escala, sobre a biblioteca. Entretanto, é possível observar que não é apenas o vetor informacional aquele que integra seus sentidos múltiplos. Neste trabalho avançamos no tempo, olhando para o passado.

Conforme expõe Ernst Cassirer (1977, p. 49-50), o sistema simbólico transforma toda a vida humana. Entende-se que “o homem não vive apenas numa realidade mais vasta; vive, por assim dizer, numa nova dimensão da realidade”. Deste modo, ele já não vive em um universo puramente físico, mas simbólico.

Na visão deste filósofo alemão, a linguagem, o mito, a arte e a religião são partes deste universo. Pode-se afirmar, então, que os espaços de memória, incluindo as bibliotecas, por vezes futuras coleções especiais, conservam e armazenam os artefatos que registram o universo mencionado por Cassirer.

Em sua obra encontramos um trecho que nos leva à reflexão sobre a questão simbólica e a vida do homem em sociedade. Cassirer afirma que “os grandes pensadores que definiram o homem como um *animal rationale* não eram empiristas, nem jamais tentaram oferecer uma explicação empírica da natureza humana”. O autor continua seu diálogo dizendo que “por meio desta definição, expressavam antes um imperativo moral fundamental”. A Razão seria, desta forma, segundo o filósofo, “um termo muito pouco adequado para abranger as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedade. Mas todas estas formas são simbólicas”. Em lugar de definir o homem como *animal rationale*, pondera Cassirer, deveríamos defini-lo como um *animal symbolicum* (CASSIRER, 1977, p. 51).

### 2.1 Discussões em *De bibliothecis*

Para discorrer sobre poderes e simbolismo na biblioteca particular, precisamente a residencial, tendo em vista a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira em seu caráter memorial histórico, é necessário entender sobre a própria construção desta simbologia, que é necessariamente pretérita e não absolutamente privada.

Aqui, trata-se da biblioteca como espaço de construção social, produzida e coproduzida por uma vida de dedicação às letras. Cabe frisar o nome da coleção, objeto desta dissertação: *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira*. A ordem dos nomes não denota maior relevância de um sobre o outro, pois Lucia e Octavio viveram uma vida intelectualmente harmoniosa. Porém, trataremos do acervo relacionado apenas à Lucia, ou seja, o segmento literário, pelas seguintes razões: a) questões acadêmicas<sup>4</sup> e b) questões de acesso/demanda<sup>5</sup>.

Sobre a questão simbólica, chamaremos a atenção para Paul Nelles (2008), em sua análise sobre o *De bibliothecis*, tratado de Justo Lúpsio<sup>6</sup>. Suas ponderações tornaram-se conhecidas pelo público no século XVII. O filólogo buscava conciliar uma abordagem historiográfica e estudos “arqueológicos” do passado em sua singularidade.

Lúpsio mostra a biblioteca antiga, essencialmente Alexandria, sob uma abordagem histórica. Segundo Nelles (2008, p. 200), a biblioteca que resultava dessas pesquisas apresentava pelo menos dois ensinamentos basilares ao século XVII: o primeiro seria pragmático e “afirmava as funções da biblioteca: lugar de erudição, estabelecimento para a pesquisa histórica e filosófica, sem finalidade pedagógica”. Como segundo ensinamento indica-se a veiculação na contracorrente do modelo predominante da biblioteca como espaço eclesiástico e seus aspectos religiosos. Apontava para o “ideal irenista de uma biblioteca concebida como lugar de pesquisas, sem orientação confessional” (NELLES, 2008, p. 201). Aqui reside, segundo o autor, uma ideia de biblioteca pública, que atravessaria todo século XVII.

Paul Nelles também ressalta a questão do excesso de livros e dos resultados dos modos aplicados de leitura, a partir das ponderações do escritor Sêneca, que havia formulado um julgamento severo sobre a abundância alexandrina, exprimindo muitas vezes seu interesse pelo papel dos livros e da erudição na vida intelectual. “Embora as advertências de Sêneca contra os livros e as bibliotecas tenham um valor, em parte, tópico, em sua denúncia rigorosa

---

<sup>4</sup> A coleção de Lucia Miguel Pereira fora estudada, em um primeiro momento, no curso de Especialização em Jornalismo Cultural, da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Como trabalho de conclusão apresentou-se a monografia intitulada *Lucia Miguel Pereira e sua biblioteca: do particular ao literário* (2013).

<sup>5</sup> No âmbito da Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto, observa-se que a demanda por conteúdos sobre Lucia Miguel Pereira é substancialmente maior, se comparada à busca por itens que pertenceram a Octavio Tarquinio.

<sup>6</sup> Uma das obras do filólogo e humanista flamengo Lúpsio (1547-1606), considerada como de maior influência entre seus contemporâneos, foi “*De Constantia libri dúo, qui alloquium praecipue continent inpublicis malis* cuja primeira edição apareceu em Leiden em 1584”. O tratado quase alcançou 50 edições, publicados em lugares como Leiden, Antuérpia, Frankfurt, Lyon, Paris, Amsterdam, Oxford, Munique e Bruxelas (CANTARINO, 2002, p. 457; 460).

da riqueza, do excesso e do luxo, tiveram um efeito impressionante sobre os leitores da Renascença” (NELLES, 2008, p. 202).

Para Sêneca, uma leitura bem-sucedida poderia apresentar “estritas consequências morais”. Nelles (2008, p. 202) cita o trecho contido em *De tranquillitate animi* em que o filósofo adverte: “Como vocês estão na impossibilidade de ler todos os livros que possuem, basta que possuam os livros que podem ler, e não mais”.

Sêneca continua a expressar suas lições em *De tranquillitate animi* “até as últimas conseqüências [sic]”. Era inevitável que a biblioteca fosse considerada como lugar de leitura sem proveito (NELLES, 2008, p. 202). “Alexandria tornou-se assim o próprio emblema da *studiosa luxuria*. Nessa biblioteca, atacava Sêneca, os livros não eram instrumentos de estudo, e sim ornamentos; mais comumente, os livros se tinham tornado uma decoração das salas de jantar” (NELLES, 2008, p. 202).

Voltemos a Lúpsio e o que *De bibliothecis* ofereceria, segundo Paul Nelles (2008, p. 203), na função defensiva às considerações de Sêneca: “Trata-se de uma defesa, não somente da biblioteca antiga, mas também de seu equivalente na Renascença”. De acordo com o autor, Lúpsio não seria o único a perceber certo veneno nas palavras de Sêneca, pois elas pareciam visar “muito diretamente os leitores do fim da Renascença, os quais se afogavam no oceano livresco infinito que submergia suas bibliotecas”.

O tratado de Justo Lúpsio parece ter, de certa forma, se consolidado durante o século XVII à luz de suas contribuições “arqueológicas” e práticas. Nas palavras de Paul Nelles, “Lúpsio comparou sua exploração da biblioteca antiga à mais arcaica das disciplinas ‘arqueológicas’, a numismática: as bibliotecas não eram dignas de comentários assim como as moedas?”. Em 1639, o *De bibliothecis* seria mencionado como “um manual sobre a arte de organizar e de dirigir as bibliotecas” (NELLES, 2008, p. 203-204).

Através da descrição da biblioteca antiga, Lúpsio situou um modelo de vida intelectual, tal a clareza com a qual o fez. Desta forma, observa-se:

A biblioteca se tornou, no fim da carreira de Lúpsio, tanto um lugar para a pesquisa historiográfica sobre todas as escolas de filosofia, quanto uma instituição de neutralidade otimista diante das divisões confessionais e culturais da Europa. Fazendo da biblioteca um lugar para o livre exercício da erudição, Lúpsio se distanciava da biblioteca polêmica da erudição eclesiástica, e se orientava para uma instituição cuja função irenista seria confirmada por Naudé em seu muito famoso e mal compreendido *Advis* (NELLES, 2008, p. 204).

Durante seus onze capítulos, *De bibliothecis* discorre sobre Alexandria. Apresenta pontos importantes como a atenção voltada para a localização da biblioteca na Antiguidade, os capítulos sobre mobiliário e a decoração da biblioteca. Paul Nelles ainda destaca que Lípsio teve o cuidado de observar as diferentes categorias de edifícios que abrigaram bibliotecas na Antiguidade, além da localização dentro dessas construções. Neste sentido, nota-se que as bibliotecas estavam, quase sempre, situadas em templos, rememorando o empreendimento do rei egípcio Osimândias, o primeiro a montar uma biblioteca, que era considerada “sagrada”. Aqui se trata da *animi medica officina*, um lugar para curar a alma, confiada aos sacerdotes do Egito (NELLES, 2008, p. 205).

Todavia cabe a ressalva de Nelles, para quem Lípsio estaria longe de concluir que a biblioteca romana serviria como espaço de intensa atividade religiosa. A interpretação daquilo que os antigos entenderiam por “templos” deveria partir, neste sentido, de um panorama contextual cívico.

## 2.2 Bibliotecas, imagens e decoração

A iconografia presente nas bibliotecas, em determinado momento, recebe atenção no texto de Paul Nelles (2008, p. 206). Em resposta aos ataques de Sêneca contra o caráter ostentatório da decoração das bibliotecas, é dito que Lípsio sublinha a eficácia das imagens para ajudar a leitura. Há o registro de bibliotecas cuja ornamentação representava homens sábios com o objetivo de elevação e vivificação da alma.

Temos a menção ao fato de no ambiente eclesiástico as Bibliotecas do Vaticano e do Escorial apresentarem essa prática por meios específicos, destacando seu potencial ideológico. Para Nelles, Lípsio afirmava que “esse gênero de imagens, nas bibliotecas antigas, se apresentava ao mesmo tempo na forma de estátuas de gesso e de pinturas”. Já na segunda edição do *De bibliothecis*, de 1607, Lípsio teria acrescentado que cópias reduzidas de estátuas eram colocadas diretamente sobre os *plutei* das bibliotecas (NELLES, 2008, p. 207).

Os conselhos de Lípsio sobre a decoração da biblioteca testemunham bem, afirma Paul Nelles (2008, p. 207), a “ambição erudita de restituir as práticas antigas de maneira mais completa possível. As imagens, pensava Lípsio, satisfazem ao mesmo tempo o olhar e o intelecto”.

Ainda sobre a questão imagética, o texto considera:



Para Lísio, as imagens na biblioteca ofereciam a oportunidade e o lugar da meditação erudita, e permitiam compreender melhor um autor. A decoração da biblioteca não era, como sustentava Sêneca, um puro ornamento; as imagens eram uma ajuda útil para ler um texto, elas permitiam ao leitor figurar uma imagem completa de um autor. Além disso, Lísio traçava um paralelo com a configuração material dos livros na Antigüidade [sic], sugerindo – e, para isso, se baseava em Sêneca – que uma imagem do autor ornava habitualmente o frontispício do livro antigo, reunindo assim os dois *loci* da leitura clássica, o livro e a biblioteca (NELLES, 2008, p. 207).

Lísio expõe, como explica Nelles, um tom menos secular na segunda edição do *De bibliothecis*, quando conclui que “com toda clareza, se as bibliotecas eram decoradas com estatuetas representando os autores, elas o eram também com as que representavam os deuses”. Para esta afirmação, Paul Nelles (2008, p. 208) comenta que Justo Lísio não havia apresentado provas.

A biblioteca e o leitor da Antigüidade são temas que costumam cativar os amantes da história da produção de registros e conhecimento. Isso acontece, em parte, pela impressão de que, além da informação, estavam em jogo o *status* e o poder à luz de um processo de significações culturais e sociais.

O tratado de Justo Lísio ganha ênfase a partir dos debates com Sêneca sobre a condição de bibliotecas e leitores no que tange às práticas de leitura e seus excessos. Fica a impressão de que Justo Lísio procura posicionar as coisas em seus devidos lugares. Se para Sêneca havia excessos em livros e imagens, Lísio caminha na direção de que uma biblioteca assume papel primordial na erudição do homem.

Neste contexto, há um espaço e uma função para os livros, para o ambiente da biblioteca e para cada item presente, fato que pode ser visto nas considerações sobre o uso de imagens de autores e deuses na ornamentação destes espaços, como pondera Paul Nelles.

Note-se que desde a Antigüidade havia o debate em torno do que exatamente a biblioteca apresentava enquanto corpo simbólico, muito antes de adentrar as residências de pensadores. A natureza arqueológica mostra a função da biblioteca como lugar de erudição e pesquisa. Avançado o tempo, esse espaço de *vivificação da alma*, e *lugar para o livre exercício da erudição* migra para as bibliotecas residenciais. Esta é a principal convergência entre as considerações de Paul Nelles e as implicações sobre coleções particulares de intelectuais. Soma-se a elas um terceiro e importante viés, que necessita ser explorado: a biblioteca como representação de marcas e vestígios memoriais. Faremos esta análise calcados nas ponderações de Sandra Regina Almeida (2013), salientando pontos acerca dos conceitos de *rememoração*, e do conceito de *rastro*.

### 2.3 Rememoração e rastro

Consideremos o primeiro: o da rememoração. A autora toma por base a reflexão que evoca o sentido de rememoração “tanto ao ato de lembrança da memória quanto ao retorno incessante das reminiscências do passado” (ALMEIDA, 2013, p. 59). A rememoração é entendida ainda como uma potente forma de “compreender como as experiências da memória coletiva e do legado histórico de outrem podem ser compartilhadas pela comunidade, apontando para a ligação intrínseca entre memória individual e memória social” (ALMEIDA, 2013, p. 59).

Na concepção da autora, essa “rememória” que é pertencente a um outro, essa “experiência da ordem da alteridade, torna-se transmissível àqueles cujas vivências são perpassadas por episódios igualmente emblemáticos por meio de marcas deixadas para serem desveladas e trilhadas por outros” (ALMEIDA, 2013, p. 59).

É possível identificar, na Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, os elementos a) *transmissibilidade* e b) *marcas a serem desveladas*. No primeiro caso, há uma transmissão legítima e intencional, pela via da doação formal de uma família (representada pelo neto de Octavio, Antonio Gabriel Fonseca Junior) à instituição mantenedora da biblioteca particular, atualmente a Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro (PGE-RJ).

Ressalte-se que na própria instalação existem traços nítidos do sentido de transmissão. Um dos objetivos é reproduzir o ambiente de forma semelhante àquele original (Figuras 1 a 4). Esta coleção especial teve abrigo na residência do casal, na Rua Gago Coutinho, bairro das Laranjeiras, Rio de Janeiro e era frequentada por intelectuais e personalidades do mundo literário. O próprio ambiente torna-se propício à formulação de uma imagem intelectual sobre Lucia e seu esposo, Octavio. Trata-se de um esforço para simbolizar a atuação dela como crítica literária, biógrafa e romancista e a dele, sobretudo, como historiador. O resultado do período de união conjugal reflete-se entre os 8.500 livros, periódicos, cartazes e outros materiais armazenados na biblioteca.



Figura 1: Biblioteca (instalação original, residencial).  
Fonte: Site Octavio e Lucia (2013).



Figura 2: Arranjo das obras na residência do casal.  
Fonte: Site Octavio e Lucia (2013).

A importância da coleção formada por Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira ultrapassa em muito a recordação familiar particular, assumindo importância cultural (CONDE, 2011). Lucia e Octavio foram dois dos principais intelectuais brasileiros do século passado, e a biblioteca era para ambos o mais indispensável dos instrumentos de trabalho. Para Miguel Conde, “ali estão as fontes usadas na criação de estudos pioneiros e até hoje influentes como ‘Machado de Assis’, de Lucia, ou os dez volumes da ‘História dos fundadores do Império do Brasil’, de Octavio. A biblioteca tornou-se “um grande registro dos hábitos de leitura e das matrizes intelectuais de uma certa *intelligentsia* brasileira das primeiras décadas do século XX” (CONDE, 2011).



Figura 3: Biblioteca (instalação atual, Procuradoria Geral do Estado – RJ).  
Fonte: Claunir Tavares/PGE-RJ (2013).

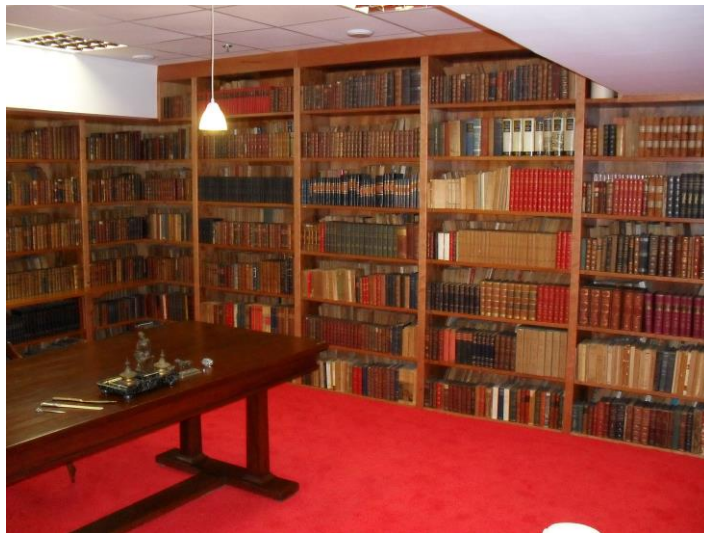


Figura 4: Móveis e estantes (instalação atual, Procuradoria Geral do Estado – RJ).  
Fonte: O autor (2012).

Trataremos agora das *marcas a serem desveladas*, que fazem parte do processo de rememoração. Alguns trabalhos têm sido publicados até o momento, encontrando como uma das principais estudiosas Luciana Viégas, autora da Tese de Doutorado *Escrever para compreender: uma leitura dos escritos da maturidade de Lucia Miguel Pereira*, defendida em 2012 na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Luciana reforça a ideia de Sandra Regina Almeida quando afirma que a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira

é o testemunho de uma época da inteligência no Brasil. Ali reside uma rede de significados compacta e relevante. Não é um amontoado de

quinquilharias guardadas à espera de alguém que lhes costure um sentido. Basta observar que a organização prévia das estantes se mistura a revistas nacionais e coleções francesas, aos títulos de autores de credos diferentes, à própria quantidade de volumes nas fileiras duplas<sup>7</sup>.

A presença de marcas pode ser bem definida pelo mobiliário; pelas reproduções de fotografias em que o casal aparece perfilado juntamente com outros intelectuais (Figuras 5 e 6); pela aproximação do *layout* original; pela disposição dos livros. Porém, as maiores marcas a serem desveladas estão apostas sobre os próprios livros, na forma de dedicatórias, anotações manuscritas, notas marginais e outras intervenções pós-editoriais que serão abordadas de maneira pormenorizada nos próximos capítulos.

Como nas palavras proféticas de Antonio Gabriel Fonseca Junior, “talvez no futuro, com a biblioteca em sua nova morada, alguém tenha a paciência de fazer um ensaio sobre as centenas de lindas, curiosas, inteligentes e espirituosas dedicatórias que tanto valorizam o acervo” (FONSECA JUNIOR ; VASCONCELLOS, 2011, p. 18).

As anotações e oferecimentos que constam nos livros podem dar uma ideia do circuito de intelectuais que o casal integrava. “Não são apenas fetiche da presença humana. Podem ser um roteiro básico da fértil troca de informações do período”, afirma Luciana Viégas<sup>8</sup>.



Figura 5 (Da esq. para a dir.): José Lins do Rego, Octavio Tarquinio, Paulo Prado, José Américo de Almeida e Gilberto Freyre.  
Fonte: Site Octavio e Lucia (2013).

<sup>7</sup> Entrevista concedida especialmente em colaboração à Monografia “Lucia Miguel Pereira e sua biblioteca: do particular ao literário”, do curso de Especialização em Jornalismo Cultural. Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Junho de 2013.

<sup>8</sup> Entrevista concedida especialmente em colaboração à Monografia “Lucia Miguel Pereira e sua biblioteca: do particular ao literário”, do curso de Especialização em Jornalismo Cultural. Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Junho de 2013.



Figura 6: Octavio, o primeiro à esquerda, e Lucia, à direita, entre intelectuais.  
Fonte: Site Octavio e Lucia (2013).

Na esteira de Sandra Regina Almeida, temos o conceito de *rastro*. Em sua abordagem, ela articula: “O rastro (ou traço, como procuro aqui explorar) é, portanto, um signo não intencional, pois não pode se [sic] controlado pela consciência” Ela difunde a ideia de que “rastros não são criados – como o são outros signos culturais e linguísticos –, mas, sim deixados ou esquecidos” (ALMEIDA, 2013, p. 62).

Um dos ganhos que esta pesquisa pode obter é o de recuperar possíveis rastros deixados por Lucia Miguel Pereira, ou nela centrados. O processo de seguir rastros é, segundo Almeida, “comparado ao trabalho do arqueólogo, metáfora evocada tanto por Benjamin quanto Freud, para se referir ao processo de rememoração e reconstrução [...]” (ALMEIDA, 2013, p. 63).

Os textos manuscritos por Lucia, deixados (apenas) em alguns de seus livros; os fascículos de periódicos com os quais colaborou, cuidadosamente guardados; a própria raridade de alguns exemplares a ela encaminhados – não seriam estes elementos “rastros” que podem corroborar uma vida de intensa e elogiosa dedicação à literatura? Certamente trata-se de sinais “não intencionais” dentro de uma linha cronológica. O peso comprobatório de cada obra inserida na coleção, como que fazendo parte de uma rede de conexões sociointelectual, é de tempos em tempos, redescoberto.

Há, portanto, implícito nesta coleção especial, um discurso simbólico momentâneo (quando alguém deseja guardar uma revista, para a qual colaborou, deposita ali não apenas uma simples fonte de informação, mas um produto de seu esforço de pesquisa/leitura) e, paralelamente, um discurso de construção de valor, que provém da pesquisa de outrem,

cadenciada pela soma de acontecimentos históricos e culturais que envolvem a formação da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira.

Os rastros memoriais que as dedicatórias presentes nas obras de uma biblioteca particular representam no presente, por exemplo, podem ser estudados como fenômeno da informação-memória na atualidade. Esses rastros são efeitos ecológicos da circulação de narrativas, produtos da dinâmica de trocas no meio ambiente (DODEBEI, 2015, 2016).

### 3 MEMÓRIAS DE FAMÍLIA

Há um provérbio bíblico que diz: “Existem amigos mais chegados que um irmão”<sup>9</sup>. Ao que se indica pelas imagens e relatos, o trecho acima parece refletir adequadamente a relação entre Lucia, Octavio e os amigos que frequentavam a residência do casal no bairro das Laranjeiras, Zona Sul do Rio de Janeiro. Desta maneira, é correto afirmar que as memórias familiares recaem diretamente sobre o fluxo de pessoas com as quais ambos conviviam.

Em análise preliminar, as informações levantadas que remetem a momentos passados, e que, por sua vez, ratificam todo um círculo de relações simbólicas, estão assentadas diretamente sobre a atividade livreira-editorial (produção nas décadas de 20, 30, 40 e 50), a coleção, e o conjunto de rastros evidenciados materialmente.

As obras estudadas nesta pesquisa foram reunidas por dois amantes dos livros e das letras e sua formação deu-se no início do século passado. “Como rios caudalosos, começa em pequenas nascentes e afluentes. O próprio Octavio, num de seus primeiros livros, *Monólogo das cousas*, publicado em 1914, já fala de sua primeira biblioteca, organizada aos oito anos de idade” (FONSECA JUNIOR, 2010).

Sobre a influência de Lucia na continuidade e desenvolvimento da biblioteca, então residencial, narra Antônio Gabriel (2010):

Um decisivo afluente veio de Lucia, que desde cedo se interessou pelas letras. Em pouco tempo, dominava com profundidade a literatura tanto francesa quanto inglesa. Conhecia igualmente bem o idioma alemão. Culta e inteligente, aluna do Colégio Sion nas Águas Férreas, editou em 1927 com duas outras Lucias, a Magalhães e a Lobo, uma publicação literária, a *Revista Elo*, com a qual, apesar da circulação limitadíssima, foi surpreendida pela transcrição de alguns de seus artigos em *O Jornal*, diário de grande circulação na época. O livro era então o principal transmissor cultural. Nem se pensava em televisão, fax, computador e, sobretudo, internet. Tudo era o livro. Com o passar do tempo, os dois afluentes se foram encorpendo, até que, na década de 1930, Lucia e Octavio se casaram e seus livros principiaram o que se tornaria o conjunto hoje pertencente à Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro.

Sobre essa fase, é dito que:

Às noites, recebiam ou visitavam amigos, quase sempre intelectuais cujas obras certamente fazem parte da biblioteca: muitas vezes, exemplares de luxo, fora do mercado e com dedicatória. É grande o esforço para, depois de

---

<sup>9</sup> Provérbios 18:24.



tanto tempo, lembrar das pessoas que transitavam em nossa casa. Peço perdão àqueles cujos nomes me esqueci, e que podem ter estado com Américo Lacombe, Afonso Arinos de Melo Franco, Alceu de Amoroso Lima, Álvaro Lins, Américo Facó, Antenor Nascentes, Antonio Candido, Astrojildo Pereira, Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Holanda, Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Lacerda, Cassiano Ricardo, Dario de Almeida Magalhães, Edmundo da Luz Pinto, Francisco de Assis Barbosa, Gastão Cruls, Hélio Lobo, Heloísa Alberto Torres, José Américo, José Honório Rodrigues, José Lins do Rego, José Maria Bello, José Olympio, Luis Jardim, Manuel Bandeira, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Paulo Inglês de Sousa, Prudente de Moraes Neto, Rachel de Queiroz, Roberto Alvim Correa, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Rubem Braga, Santiago Dantas, Sergio Buarque de Holanda, Vinicius de Moraes e Vitorino Nemésio (FONSECA JUNIOR, 2010).

A coleção formada pelo casal é vista como um somatório que envolve atividades, sua própria produção e a de amigos. Tal ligação eclode em uma espécie de tesouro bibliográfico, reconhecido e necessário aos estudiosos no campo da literatura. Pode-se dizer que as coleções seriam uma espécie de retrato do seu possuidor? Efetivamente muito da produção empreendida por Lucia Miguel Pereira parte da leitura e análise das obras ali contidas.

A biblioteca... é, portanto, o produto indireto de uma vida de trabalho e muitos amigos. Cerca de um quarto dos livros possui dedicatória a Lucia, a Octavio ou aos dois. Nada de livros a metro, como costumavam brincar. Os livros e eles formavam uma união quase simbiótica (FONSECA JUNIOR, 2010).

Em uma detalhada descrição do ambiente que envolvia a biblioteca em questão, a pesquisadora Luciana Viégas elenca a extensa lista de amigos literatos do casal Octavio e Lucia:

[...] instalada num cômodo de cerca de 25 metros quadrados sugeria, com a verdade possível que ultrapassa os ambientes cenográficos, que o trabalho, no decorrer de várias décadas, não havia sido interrompido. No centro da sala de estar, anexa à biblioteca, o baú remanescente do barroco mineiro preservava, entre documentos e recibos recentes da vida doméstica que ali prosseguia, matérias de jornais e correspondências dos anos 1930, 40 e 50. Antônio Gabriel de Paula Fonseca Junior – neto de seu marido e a quem ela criou como filho – guarda, especialmente, um testemunho material deste tempo: o caderno de autógrafos dos hóspedes da casa recolhido por ele quando menino, entre 1950 e 1956 (VIÉGAS, 2012, p. 17-18).

Os registros revelavam quem eram alguns dos frequentadores da residência do casal, que constantemente visitavam Octavio e Lucia e enriqueciam o caderno de autógrafos do então jovem Antonio Gabriel Fonseca Junior:

Acompanhar os bilhetes desta caderneta equivale a uma viagem no tempo e no cotidiano da casa. Em julho de 1950, por exemplo, ali se reuniram Luís Jardim, José Américo de Almeida, José Olympio e Gastão Cruis. No mês seguinte, Augusto Frederico Schmidt e Américo Facó encontravam-se com Afonso Arinos de Melo Franco e Rodrigo Melo Franco de Andrade. Manuel Bandeira e Jayme Ovalle assinam bilhetes na mesma data que Edmundo da Luz Pinto e Aurélio Buarque de Hollanda. Alguns dias antes, João Gaspar Simões e San Tiago Dantas visitam a casa. Após as mensagens de Rubem Braga, Hélio Lobo, Murilo Mendes e Maria da Saudade Cortesão e Antonio Candido, que lá as registraram em 1951, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Roberto Alvim Corrêa e Thiers Martins Moreira também deixam marcas de um encontro em 1952 (VIÉGAS, 2012, p. 17-18).

Viégas retoma à memória, em sua narrativa, um quadro bastante próprio à atmosfera familiar, ressaltando a mudança do ambiente físico em que se encontrava a biblioteca de Lucia e Octavio, posteriormente alocada na PGE-RJ. Há, neste contexto, o resgate de algo que se perdeu, uma substância que não se reproduz com remontagens ou instalações:

De 1953 ficam os autógrafos de Lucio Costa, Antenor Nascentes, Marques Rebelo e Prudente de Moraes, neto, para num salto de três anos encontrarmos o de Raquel de Queiroz [sic]. Entre tantos, os recados não datados de José Lins do Rego, Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Amando Fontes e Albert Béguin (...). O pequeno caderno não está agora no arquivo público, como também não estão o planifério que, sobre o sofá, ocupava a grande parede entre as janelas, e os portarretratos antigos. As fotos das novas paredes são reproduções das originais. Muito menos estão os jornais do dia ou o velocípede de algum dos netos de Antônio Gabriel. Não circulam os sons que vêm da rua nem os cheiros da cozinha. A dona da casa, na ausência de LMP, também não está mais entre nós (VIÉGAS, 2012, p. 17-18).

Nesta biblioteca chama a atenção não apenas a cobertura temática, mas o estado de preservação dos itens. É apropriado ressaltar que, além das características extrínsecas ao material – como tipo de encadernação, gravuras, ex libris e dedicatórias – o estado mais próximo do original de publicação também é considerado um elemento agregador de valor às obras. Neste quesito, cabe observar que grande parte das publicações, nacionais ou estrangeiras, encontra-se razoavelmente íntegras. A biblioteca não guarda nenhum original da escritora, pois era de sua vontade que, por ocasião de seu falecimento juntamente com seu esposo, os manuscritos fossem incinerados, desejo cumprido pelos familiares.

### 3.1 Entre amigos: o *Sabadoyle*

Pondere-se que, se falamos da memória familiar, também tratamos da vida intelectual de um casal. Alfredo Serrai já apontava para a biblioteca como lugar de construção. Para ele, existia, neste espaço, a memória coletiva das experiências existenciais, científicas e culturais do indivíduo e da sociedade (SERRAI, 1975, p. 142). Serrai não cita especificamente a biblioteca particular, porém seus princípios soam como aplicáveis a este contexto, uma vez que os espaços privados que guardam coleções de livros e outros documentos servem, muitas vezes, como abrigo às construções intelectuais coletivas, como debates, discussões ou simples reuniões entre amigos que partilham a mesma função.

Um exemplo claro desta prática está no chamado *Sabadoyle*. Plínio Doyle graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito, porém o amor aos livros lhe rendeu destaque como um dos maiores bibliófilos brasileiros, dono de um acervo de aproximadamente 25 mil itens. Organizou reuniões em sua residência congregando escritores famosos à sua época (Figuras 7 e 8). Tomamos a narrativa sobre este evento, segundo Elvia Bezerra (2014):

No dia 25 de dezembro de 1964 nascia, de maneira curiosa, no Rio de Janeiro, o último salão literário do Brasil. Curiosa porque, contradizendo as vaidades que costumam alicerçar esse tipo de agremiação, o Sabadoyle surgiu de um acaso: foi quando, no dia de Natal, Carlos Drummond de Andrade telefonou ao amigo e bibliófilo Plínio Doyle, pedindo-lhe para fazer uma consulta na sua biblioteca. Não houve rabanada que impedisse Doyle, apaixonado por doces, de receber o poeta no final da tarde daquele dia em que o mundo pensa mais em festa do que em livros. Verdadeiro homo cordialis, respeitado e amado por pesquisadores do Brasil e do mundo, Plínio Doyle começou sua prática de colecionador de maneira não menos casual: lendo um livro de Machado de Assis, de quem seria, por toda a vida, leitor devotado, encontrou referência elogiosa a uma peça de José de Alencar intitulada Mãe. Passou, então, a procurar a obra nos sebos do Rio de Janeiro, cidade onde nasceu e morou a vida inteira. Sem sucesso na busca para compra, acabou lendo a peça na Biblioteca Nacional, mas continuou a frequentar os sebos da cidade. Nasceu aí o bibliófilo, que vinha se somar ao advogado bem-sucedido (BEZERRA, 2014).

Elvia Bezerra comenta que a visita de Drummond no dia do Natal foi tão agradável que no sábado seguinte ele retornou. Aos poucos, destaca Bezerra, a ele foram-se juntando “outros escritores, seduzidos pelos mesmos atrativos: os livros, a boa conversa e o carisma do anfitrião. As reuniões, despreziosas e informais, continuaram a se realizar todos os sábados”. Após uma década o poeta Raul Bopp, que passara a fazer parte do grupo, cunhou o

neologismo *Sabadoyle* para designar os encontros, aos sábados, na casa de Plínio Doyle (BEZERRA, 2014).



Figura 7: Reunião entre intelectuais na residência do bibliófilo Plínio Doyle. Entre os presentes, Carlos Drummond Andrade, Guimarães Filho e Pedro Nava. Ao fundo, os livros armazenados e parte da biblioteca, servindo como cenário às reuniões dos “homens das letras”.  
Fonte: Blog Luis Afonso Costa (2010).



Figura 8: Registro de uma reunião do *Sabadoyle*. Ao fundo, parte da biblioteca de Plínio Doyle.  
Fonte: Blog Instituto Moreira Salles (2014).

Frequentaram as reuniões assiduamente: Drummond, Pedro Nava, Mário da Silva Brito, Paulo Berger, Homero Senna, Cyro dos Anjos, Homero Homem, Américo Lacombe, Alvarus, Di Cavalcanti, Rachel de Queiroz e Mario Quintana (BEZERRA, 2014).

De acordo com Elvia Bezerra, Plínio Doyle recorreu à prática do registro documental a partir de atas. “Difícil seria imaginar que Plínio Doyle, amante do documento e dedicado colecionador de manuscritos, deixasse escapar registro do que acontecia em sua biblioteca todos os sábados”, comenta. Em 1972 ele instituiu a prática de se fazer uma ata em cada

reunião. “Escritas em livro grande, de capa branca, feito sob encomenda, as atas, redigidas antecipadamente por participantes do grupo, homenageavam um escritor, uma obra, ou tratavam de outro assunto relevante” (BEZERRA, 2014).

A velha caderneta de Antônio Gabriel, que testemunhava as visitas ilustres à biblioteca de Octavio e Lucia e o livro de atas de Plínio Doyle são um tipo de metamorfose da memória familiar pois equivalem a “uma viagem no tempo e no cotidiano da casa” (cf. VIÉGAS, 2012, p. 17-18). O que seria mais um momento passageiro, um simples encontro, torna-se um vestígio palpável de uma memória familiar. Dessa forma, um breve registro material ratifica a ideia da biblioteca particular como portadora de significações culturais próprias do seu possuidor, e conseqüentemente relativa aos que o circundam: cônjuges, demais familiares e amigos.

### 3.2 Bibliotecas particulares: impressões culturais

Em uma biblioteca particular podemos encontrar representações de sentimentos e ideias do indivíduo, com todo o universo de impressões culturais, desde o momento em que o item é adquirido ou recebido em forma de presente. Cada exemplar monográfico, fascículo, recurso sonoro ou imagem estará imerso em uma rede de contextos históricos, culturais e sentimentais, onde, por conseguinte, poderá ser encontrada a memória de amigos, colaboradores e da própria família. “O livro também tem uma história: onde você comprou, com quem você estava, o que você estava fazendo. Olhamos para o livro além das interpretações que podemos tirar”, comenta a especialista em Literatura e tradutora Thallyta Alvarenga<sup>10</sup>.

Em 2013, parte do material reunido pelo radialista, DJ e apresentador Newton Alvarenga Duarte, o “Big Boy”, foi disponibilizado ao público através de uma página no Facebook. Newton foi um dos grandes responsáveis pela introdução da linguagem jovem e o estilo informal, adotados pelas rádios pop/rock no Brasil. Ainda jovem (Big Boy faleceu aos 33 anos, em 1977), possuía um raro acervo de 20 mil títulos, entre LPs e Compactos, nos mais variados gêneros musicais: rock, jazz, soul music, entre outros ritmos. Big Boy era conhecido como uma figura à frente de seu tempo e atuou em rádios como Mundial e Excelsior.

---

<sup>10</sup> Reportagem publicada na *Revista Biblio: cultura informacional* (versão online). 30 de jun. de 2014. Disponível em: <http://biblio.info/livros-em-cena/>.

Programas como *Ritmos de Boite* e *Big Boy Show* se popularizaram, alcançando grande sucesso junto ao público<sup>11</sup>.

Diversas imagens e, portanto, parte de sua história e de seu acervo, foram publicados em uma rede social através da página *Big Boy Rides Again* (BBRA), elaborada pela ex-mulher, Lúcia Duarte, e pelo filho, Leandro Petersen. O acervo de Big Boy está dividido em três partes: a discoteca – sob guarda do filho Leandro Petersen, que pesquisa o material; os impressos e iconográficos, guardados com Lúcia Duarte, e a filmoteca, depositada em comodato no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Seu acervo é tratado como um dos principais indicadores da memória da música em território brasileiro. O que nos chama a atenção neste e em todos os casos aqui mencionados é o fio condutor que rege as bibliotecas e demais acervos particulares: por mais que no início de sua formação eles assumam, em certo grau, um caráter pessoal (muitas vezes voltado à atuação profissional, intelectual ou artística de seu possuidor), cedo ou tarde as coleções serão absorvidas pela coletividade familiar, tornando-se um legado apropriado por cônjuges, filhos, netos e bisnetos.

Márcia Elisa Silveira Rendeiro salienta o conceito de Abraham Moles. Segundo ele, uma coleção pode ser vista como uma série infinita de objetos reunidos para um fim não funcional, “mas de estética sociológica, no sentido de um *socius* das coisas e não de seres humanos. Uma coleção é uma instituição na população dos objetos, pois ela tem uma estrutura, geralmente linear, da série muitas vezes realizada na base da raridade dos objetos sucessivos” (MOLES apud RENDEIRO, 2008, p. 97).

No contexto aqui abordado, a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira apresenta certa transversalidade às exposições de Rendeiro, pois ela possui três momentos ou períodos distintos (Figura 9), a saber: a) o primeiro, com o acervo instalado em seu lugar de origem, a residência do casal, ainda em vida; b) um segundo período, de guarda pelos familiares, em caráter *post-mortem*; c) o terceiro período, identificado a partir de 2011, quando a biblioteca é efetivamente instalada na sede da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, e assim, aberta ao público interessado.

No ciclo de vida da biblioteca, o primeiro momento é definido pela formação, desenvolvimento e utilização das fontes para produção (Figura 10). Cientes da posição intelectual ocupada por Lucia, diversos autores encaminhavam exemplares, incorporados por ela em sua coleção. São pertinentes as palavras da pesquisadora Luciana Viégas quando

---

<sup>11</sup> Reportagem publicada na *Revista Biblio: cultura informacional* (versão online). 23 de dez. de 2013. Disponível em: <http://biblio.info/big-acervo/>.

destaca a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira como sendo uma espécie de “mapa da cultura brasileira”<sup>12</sup>. Sua colaboração em jornais e revistas foi “regular e numerosa” (PEREIRA, 2005, p. 10) e seus livros, as bases onde foram solidificados seus estudos e análises. Tal incursão rendeu à Lucia o patamar de uma das “grandes e influentes referências da vida literária brasileira, mesmo antes do prestígio consolidado pelo lançamento, em 1936, de *Machado de Assis: Estudo Crítico-biográfico*, o seu admirável ensaio sobre a vida e a obra do escritor carioca” (PEREIRA, 2005, p. 10).



Figura 9: Quadro indicativo sobre os períodos de salvaguarda da coleção OTS e LMP.  
 Fonte: Elaboração do autor (2015).

<sup>12</sup> Informação verbal, concedida especialmente em colaboração à Monografia “Lucia Miguel Pereira e sua biblioteca: do particular ao literário”, do curso de Especialização em Jornalismo Cultural. Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Junho de 2013.

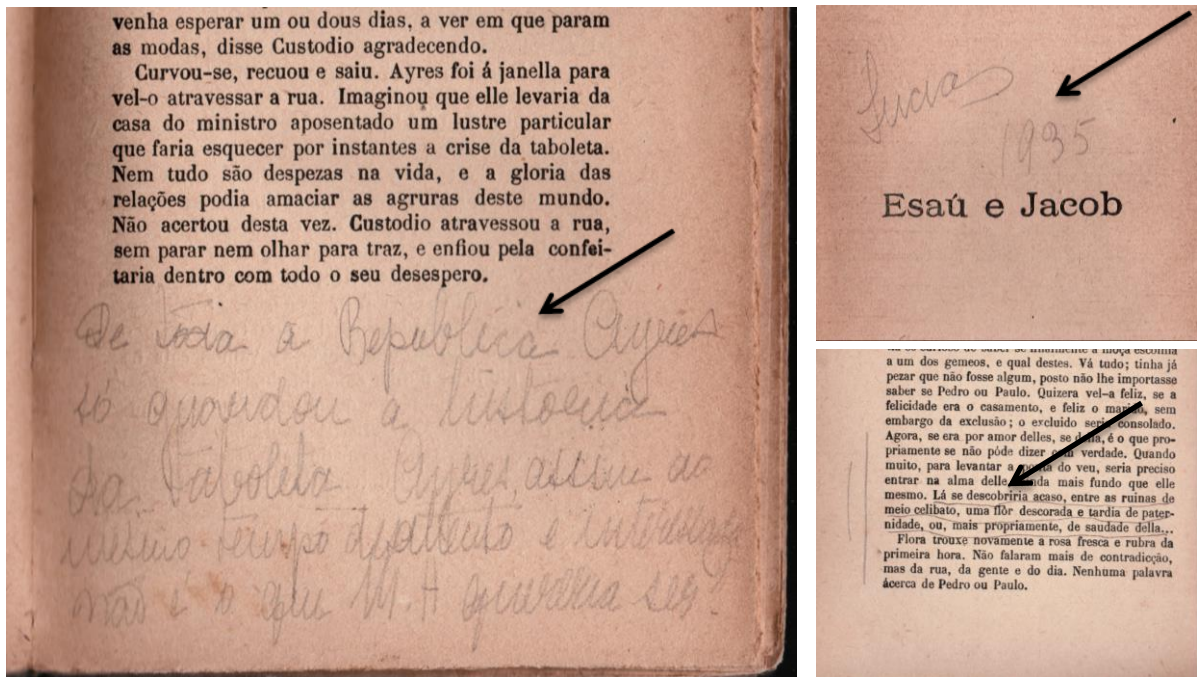


Figura 10: Anotações manuscritas (grafite) por Lucia. À direita, ex dono “Lucia 1935” e marcas sublineares e paragrafícas (grafite). Ao colacionarmos os livros que pertenceram à escritora, percebemos seu ritmo de produção crítica, evidenciado por anotações e marcações ao longo das páginas. Do livro *Esau e Jacob*, [1925].

Fonte: Fonte: Acervo da BMJVS – Biblioteca OTS/LMP.

Tendo em vista as circunstâncias culturais de sua época, “deter-se no conjunto da produção crítica da escritora mineira [...] é deter-se em um diuturno exercício de inquirição e pensamento em que a compreensão dos fatos do mundo se eleva como valor e horizonte” (VIÉGAS, 2012, p. 55).

Considere-se:

O pensamento, uma atividade exercitada pelo espírito, não tem um fim último, mas, tão somente, se realiza enquanto objetiva perceber a consciência de si mesmo e a de quem pensa na travessia em busca de significado. Não constitui atividade que exija qualquer tipo de superesforço das habilidades do ser humano, antes, é inerente à tentativa de, criando sentidos, tornar menos árida a experiência de desacomodação deste ser em um mundo onde apenas transita desde o momento em que nasce até o fenecimento. Não há como transitar, no entanto, sem o conhecimento do lugar da trajetória e da duração do deslocamento. As obras clássicas podem até nos vir em auxílio, comunicando-nos, segundo LMP, ‘uma sensação de estabilidade sempre confortadora para os passageiros que na terra nos sentimos’” (VIÉGAS, 2012, p. 55).



Luciana Viégas<sup>13</sup> ressalta que a biblioteca criada “por um historiador e uma escritora ao longo de uma vida de atividade incansável e interesses diversos mas compartilhados resguarda as referências de um período fundamental para a consolidação da modernidade no Brasil, que é a geração de 30”. Comenta ainda que “além disso, demonstra com clareza a dimensão de suas propostas: a abordagem muito meticulosa da voz brasileira na literatura e na história aliada a uma erudição que servia de trincheira para a defesa da expressão livre e da igualdade”.

O segundo período rege-se pelas ações de acolhimento familiar. Isso pode indicar que, enquanto a biblioteca constava sob a custódia da família, não obstante prováveis visitas de pesquisadores e interessados ao local, seu caráter era mais próximo ao “sentido de um *socius* das coisas e não de seres humanos”, pois com o falecimento do casal, em 1959, há um hiato de sentidos sobre os quais somente Lucia e Octavio possuíam discernimento.

Neste período constatamos a repercussão sobre a biblioteca na imprensa<sup>14</sup>, em veículos como *O Globo*<sup>15</sup>, *Revista de História*<sup>16</sup>, *O Estado de S. Paulo*<sup>17</sup> e *Globo News*<sup>18</sup>. Em âmbito acadêmico, tem sido apresentadas teses e dissertações sobre a atuação e influência de Lucia Miguel Pereira<sup>19</sup>. No que diz respeito à repercussão editorial, podemos mencionar duas importantes publicações: *A leitora e seus personagens* (Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992) e *Escritos da maturidade* (Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2005), sob a organização de Luciana Viégas.

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida especialmente em colaboração à Monografia “Lucia Miguel Pereira e sua biblioteca: do particular ao literário”, do curso de Especialização em Jornalismo Cultural. Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Junho de 2013.

<sup>14</sup> Mais Informações, biografias e imagens podem ser acessadas através do endereço: <http://www.octavioelucia.com>.

<sup>15</sup> CONDE, Miguel. A biblioteca de Octavio Tarquínio e Lucia Miguel Pereira. Matéria publicada em 09 de abr. de 2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/04/09/a-biblioteca-de-octavio-tarquinio-lucia-miguel-pereira-373707.asp>.

<sup>16</sup> MELO, Alice. Prateleiras abertas: biblioteca de intelectuais dos anos 1930 pode ser visitada no Rio. Matéria publicada em 01 de fev. de 2012. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/prateleiras-abertas>.

<sup>17</sup> LEITE, Edmundo. Biblioteca privada focada no primeiro reinado é aberta ao público. Matéria publicada em 01 abr. de 2011. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/blogs/arquivo/biblioteca-privada-focada-no-primeiro-reinado-e-aberta-ao-publico/>.

<sup>18</sup> Reportagem veiculada pelo programa *Espaço Aberto*, do canal Globo News, em 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iBKss35pA9c>.

<sup>19</sup> Dentre as teses apresentadas, destacamos: SANTOS, Juliana. **Ficção e crítica de Lucia Miguel Pereira: a literatura como formação**. Porto Alegre, 2012. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e VIÉGAS, Luciana K. **Escrever para compreender: uma leitura dos escritos da maturidade de Lucia Miguel Pereira**. Rio de Janeiro, 2012. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

No primeiro e segundo momentos, a biblioteca aqui analisada não apresenta caráter de salvaguarda institucional, não sendo, portanto, entendida como coleção especial. Estudos e processos que descrevam os exemplares, de acordo com as práticas da Biblioteconomia de Livros Raros, são ausentes. Chamemos, então, de terceiro período, aquele coberto a partir de sua instalação na PGE-RJ.

### 3.3 Regulamento, atendimento e acesso na PGE-RJ

O regulamento geral de acesso à Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto estabelece que a unidade, fundada em 1949, “se destina ao atendimento à Procuradoria Geral do Estado, subsidiando as pesquisas dos Procuradores, servidores, alunos do Programa de Residência Jurídica e estagiários, visando à disseminação informacional, para apoio nas atividades concernentes à representação judicial e à consultoria jurídica do Estado do Rio de Janeiro”. Tal panorama se resumia, até então, no atendimento ao público interno.

Após a inauguração da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, agora em um novo espaço, tornou-se urgente a necessidade de medidas que atribuíssem mais segurança<sup>20</sup> a este patrimônio, como novas regras de acesso, acompanhamento de visitantes, horários específicos para pesquisa, estudos de climatização e atualização de regulamento. Notamos que, enquanto residencial, havia uma “biblioteca de casal”, ou seja, uma biblioteca particular. A partir de sua instalação na PGE-RJ, ela passa à condição de coleção especial, mesmo tendo sido adotado o nome de “biblioteca” para designá-la. De acordo com a literatura especializada, observa-se que o objeto deste estudo corresponde às seguintes características:

<b>COLEÇÃO ESPECIAL</b>	
Diferem do restante das obras gerais pois não podem, em princípio, ser facilmente adquiridas; Nas quais a instituição, por sua área de interesse (valor institucional), atribui importância na sua manutenção e preservação;	(HANNESCH; LINO; AZEVEDO, 2006)

<sup>20</sup> Com a inclusão da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, foi facultado o livre acesso por pesquisadores de qualquer instituição nacional ou estrangeira. A visita pode ser agendada pelo e-mail *biblio@pge.rj.gov.br* respeitando-se o horário especial (11 às 16h) e o acompanhamento de um bibliotecário durante o período de permanência. Solicita-se documento da instituição interessada, expondo os motivos da pesquisa (trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, livros, etc.). As obras devem ser manuseadas com o uso de luvas e máscaras, no interior da Sala. Não é permitido o uso de máquinas fotográficas com *flash* e os aspectos legais pertinentes aos direitos autorais devem ser observados.

Obras que inicialmente não podem ser substituídas ou descartadas sem causar prejuízo à missão institucional, à sua relação com outros itens do acervo e à expectativa do usuário.	
Livros que, por qualquer razão, merecem o qualificativo de raros;  Devido à sua raridade, fragilidade ou importância, está apartada das coleções gerais de uma biblioteca.	(cf. FARIA; PERICÃO, 2008)
Por força da singularidade ou da raridade dos itens, da sua forma física, do conteúdo, dos assuntos ou outro significado especial, são distintos do acervo geral da biblioteca;  Recebem um tratamento diferenciado em relação à gestão, acondicionamento, catalogação, consulta, preservação e conservação;  Documentos únicos, escassos, raros, muitas vezes fragilizados, com significado histórico e valor no mercado livreiro, ou valor como artefato;  [Muitas vezes] são constituídas por acervos que pertenceram a renomadas personalidades.	(cf. CARVALHO, 2015)
Pode referir-se a diferentes formas de registro, segmentadas em coleções distintas, conforme sua materialidade – o conjunto dessas diferentes coleções especiais constitui um acervo especial.	(PINHEIRO, 2015)
Coleção especial pode, também, designar os itens mais valiosos de uma biblioteca que, por isto, devem ser reservados em áreas de maior segurança, sob condições mais restritas de acesso e uso.	(ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES apud PINHEIRO, 2015)

Fonte: Elaboração do autor (2016).

Antes da doação à PGE-RJ, é dito que, desde 1960, algumas universidades nacionais e estrangeiras tentaram adquirir a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira por meio de compra. Todavia, seu responsável, Antonio Gabriel Fonseca Junior, permaneceu “firme ao propósito” e não cedeu às “tentações pecuniárias ligadas aos livros” (FONSECA JUNIOR; VASCONCELLOS, 2011, p. 30). Ele relata, em tom bucólico, que “quis o destino que a biblioteca, cuja formação inicial se confunde com o início do século XX, fosse conservada praticamente no estado em que se encontrava em 1959” (FONSECA JUNIOR ; VASCONCELLOS, 2011, p. 30).

Com a nova coleção especial, veio também a responsabilidade principal que configura o terceiro período do ciclo que mencionamos anteriormente: o estudo, descrição e disseminação das raridades bibliográficas ali contidas. Por meio século, os cerca de 8.500

itens da coleção permaneceram “calados”, longe de ações biblioteconômicas<sup>21</sup>, apenas sob os cuidados de familiares, principalmente do neto de Octavio, Antonio Gabriel Fonseca Junior.

Nesta nova fase, de acesso aberto a todos os interessados tendo em vista sua instalação em um órgão público, ratificamos a necessidade de uma continuidade na divulgação da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira e de seu potencial enquanto fonte de pesquisa histórica. Entretanto, mais do que a repercussão informativa na mídia, são necessários esforços para a disseminação de estudos que tratem do valor e das características agregadas a uma coleção pertencente a intelectuais, tais como monografias, teses, dissertações e artigos. A presente dissertação busca, ainda que de maneira insuficiente e inicial, cobrir esta lacuna.

Temos, portanto, delineada, uma importante tarefa: a de mediar o processo de aquisição da informação pelos novos usuários da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, já que constantemente nos deparamos com demandas que objetivam os estudos sobre a relação de Lucia com outros atores intelectuais.

### 3.4 Memória e mediação

Neste cenário, entende-se que o processo de mediação se constitui pela interação informação/bibliotecário/usuário, conforme analisam Gisele Sanches e Simonar Rio (2010, p. 104). Para as autoras, existe como requisito indispensável para esse processo de mediação: “o conhecimento, por parte do profissional da informação, de sua comunidade usuária, o que pressupõe um entrelaçamento e uma identificação dos processos inerentes à unidade de informação para com seu usuário” (SANCHES; RIO, 2010, p. 104).

Como aclarar ao público o potencial em termos de documentação e registros históricos e culturais contidos na Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira (Figuras 11 e 12)? Na concepção de Sanches e Rios, se faz imprescindível o compromisso e a responsabilidade do profissional em participar do processo de *construção* de conhecimento político e histórico de sua comunidade usuária. Para tanto, o bibliotecário gestor, mais que mediador, deve reconhecer sua identidade profissional e também se reconhecer como parte integrante daquela comunidade.

Diante deste fato, podemos admitir que o entendimento sobre as qualidades e valores adquiridos por uma coleção especial assenta-se sobre a condição do bibliotecário como

---

<sup>21</sup> Nos referimos às ações biblioteconômicas e institucionais de preparo, conservação e circulação.

diretor, organizador, administrador, homem de estudo e educador, atributos destacados por Juan Albani em *Manual de Bibliotecología* (Kapelusz, 1968). Logo, nota-se que estas qualidades são movidas por um “triplo espírito”, a saber (ALBANI, 1968, p. 41-42, tradução nossa):

- 1) Espírito técnico: o bibliotecário busca realizar tudo da melhor maneira possível, com os melhores métodos praticados;
- 2) Espírito intelectual: ele recordará a todo momento que o livro é um produto de forças morais, espirituais, estéticas e científicas;
- 3) Espírito social: o bibliotecário deve aspirar a ser útil ao maior número de leitores e pesquisadores, contribuindo com as melhorias culturais e sociais.

Este espírito deve ser próprio à constituição da Biblioteconomia como carreira e como profissão, pois ela “tem como objetivo uma democratização da Cultura e a difusão do patrimônio bibliográfico” (cf. LOUREIRO; JANNUZZI 2005, p. 137). Temos, na condição de agentes culturais gestores, a missão de, ao mesmo tempo, impor um recorte administrativo processual, que é inerente às boas práticas profissionais: inventário, catalogação, procedimentos de conservação e restauro, preparo e acondicionamento, e procurar ao máximo manter a ideia de conjunto, de originalidade, dentro desta gama de procedimentos.

Os atributos postulados por Albani (1968) também assinalam a contribuição ainda mais significativa do bibliotecário em seu papel de mediador. Vale ressaltar que, com frequência, é ele quem terá maior conhecimento holístico<sup>22</sup> sobre o acervo especial gerido.

Podemos expandir nossa reflexão a uma “mediação-reconstrução” da memória familiar e, por consequência, uma retomada sobre a importância refletida nas obras publicadas por Lucia e seu espaço de influência e atuação. Sanches e Rio salientam que a ação de mediação da informação, efetuada pelo profissional bibliotecário, promove a valorização e transformação do espaço sociocultural da comunidade a qual atende ao promover tanto o consumo como também a produção de cultura (SANCHES; RIO, 2010, p. 104-105).

---

<sup>22</sup> Falamos do conhecimento sobre as coleções (partes) e suas inter-relações dentro de um todo (a biblioteca como unidade de informação). Esta confluência corrobora a ideia de biblioteca como “organismo em crescimento”, preconizada pelo bibliotecário indiano Shiyali Ranganathan (1892-1972).



Figura 11: Detalhe da coleção de Lucia Miguel Pereira. Boa parte das obras encontra-se em excelente estado físico.

Fonte: Claunir Tavares/PGE-RJ (2013).



Figura 12: Instalação de prateleiras e disposição das obras na PGE-RJ.

Fonte: Claunir Tavares/PGE-RJ (2013).

Identifica-se uma necessidade: a de promover a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, ressaltando seu caráter simbólico, entre o conjunto de informações intrínsecas (os próprios conteúdos publicados nos livros) e extrínsecas (os rastros e vestígios de memória, pertencimento e raridade/importância), extremamente significativas para nossa reconstrução.

Assim, Sanches e Rio (2010, p. 107) chamam a atenção para o fato de que o bibliotecário,

por ser um profissional que trabalha essencialmente com informação, está inserido e desempenha um papel construtivo neste cenário, a saber: gerenciar o espaço de aquisição da informação estrategicamente por meio de técnicas e procedimentos de tratamento, organização e disseminação da informação, de maneira a proporcionar uma maior interação de sua comunidade usuária com o conhecimento socialmente produzido. E é justamente a partir dessas necessidades que se estabelece a interação entre as atividades biblioteconômicas e os usuários. De maneira a ficar aparente neste momento as atribuições de maximizar o acesso à informação na forma de atuação do profissional da informação.

Entende-se a mediação da informação como toda a ação de interferência, realizada pelo profissional da informação, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que, nas palavras de Almeida Junior, “propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional [...]”. Ainda Segundo Almeida, a mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional (ALMEIDA JUNIOR apud RIO; SANCHES, 2010, p. 104-109).

Promover a interação da comunidade usuária com o conhecimento socialmente produzido na Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira é algo a ser alcançado à luz da mediação da informação munida de uma ação produtora. Neste sentido, o bibliotecário responsável por coleções bibliográficas de memória, por vezes, trará ao conhecimento do público informações inéditas através de artigos, livros, teses, dissertações e eventos. Tais ações estarão aglutinadas à sua atuação enquanto mediador.

#### 4 A BIBLIOTECA DE OCTAVIO E LUCIA NO SÉC. XX: CONTEXTOS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Este capítulo pretende situar o período histórico de formação e desenvolvimento da biblioteca de Octavio e Lucia, doada à Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro em 2011 – e aberta ao público desde então.

Para o alcance do propósito supracitado, busca-se evidenciar marcas e vestígios intrínsecos e extrínsecos, presentes em algumas bibliotecas, que sinalizem passagens históricas e culturais na sociedade, marcas estas registradas sobre livros e periódicos, e salvaguardadas através do tempo, como rasuras, anotações manuscritas, dedicatórias, etc.

A exemplo, ressaltamos os casos da Fundação Biblioteca Nacional (Divisão de Obras Raras), da Procuradoria Geral do Estado (Coleção Francisco Campos), além da própria biblioteca de Octavio e Lucia, para ratificarmos que, a depender dos acontecimentos e da posição social do proprietário do acervo, é possível que sua biblioteca testemunhe, por meio dos próprios materiais ali armazenados, maior ou menor grau de prestígio entre seus pares e perante a sociedade.

Salientamos aqui dois momentos específicos que irão impactar a produção artística no Brasil durante a primeira metade do século XX: o período de manifestos literários e a implantação do Estado Novo. A partir de itens documentais que estiveram presentes na Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, é possível uma reflexão a respeito das influências vividas e exercidas pelo casal, morto em 1959 em um desastre de avião no Rio de Janeiro.

Procuramos situar a formação desta coleção a partir da conjuntura sociocultural peculiar à primeira metade do último século. Iremos tratar especificamente do segmento literário da biblioteca, mais amplamente aplicado à Lucia, dada a procura mais acentuada por obras deste campo temático ou que tenham relação com sua atividade crítica. É relevante apontar que o fluxo de produção intelectual e artística no Brasil passará por dois momentos sensíveis que serão lembrados aqui: a) o período de manifestos literários e b) o período do Estado Novo<sup>23</sup>.

Ao traçar um panorama da crítica literária no Brasil ainda nos anos de 1920, Wilson Martins (2002, v. 1, p. 499) indica que todas as revoluções literárias e artísticas só se tornam realmente vitoriosas quando impõem seu academismo. Um exemplo desse raciocínio é o

---

<sup>23</sup> Fundado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que durou até 29 de outubro de 1945.



Modernismo em 1924, época em que Graça Aranha contestava a Academia em nome deste amplo movimento cultural, fazendo com que essa discussão se tornasse “um academismo contra outro”.

#### 4.1 Um período de manifestos literários

A segunda década do século XX presenciou os manifestos literários e o ano de 1924 foi visto como o “ano das crises de consciência”. Os manifestos “Poesia Pau-Brasil”, publicado no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro e depois transcrito pela *Revista do Brasil*, e a conferência sobre “O espírito moderno”, de Graça Aranha, na Academia Brasileira de Letras, movimentam a comunidade literária (MARTINS, 2002, v. 1, p. 500-501).

O Modernismo também inspirou o desenvolvimento dos “estudos brasileiros”, entre os quais, no que se refere à crítica literária de 1924, *Lauréis Insignes*, de Elísio de Carvalho; *A História Literária do Rio Grande do Sul*, de João Pinto da Silva; *O Elogio da Mediocridade*, “estudos e notas de literatura”, de Amadeu Amaral; *O Pensamento Poético de Gonçalves Dias*, de Jaime Balão Júnior; a *Vida de Castro Alves*, de Xavier Marques; *Vultos e Ideias*, de Vicente Licínio Cardoso, publicado juntamente com *Pensamentos Brasileiros*, além de *Figuras e Conceitos*, “todos identificados, sublinhava o autor, pela constância do ponto de vista essencialmente brasileiro; e a primeira série dos *Estudos Brasileiros*, de Ronald de Carvalho” (MARTINS, 2002, v. 1, p. 505).

A produção de Lucia inicia-se no ano de 1927, quando começa a publicar alguns artigos na *Revista Elo*, de edição bastante limitada (FONSECA JUNIOR, 2010). Anos mais tarde, vinculou-se à escritora a alcunha de “Madame de Staël do século XX<sup>24</sup>” pela importância de sua produção intelectual no Brasil, tendo ajudado a consolidar a geração de prosadores modernos da década de 1930 por meio de ensaios e artigos de jornal.

Bernardo de Mendonça, em prefácio à obra *A leitora e seus personagens* (seleta de textos publicados em periódicos, por Lucia, no período de 1931 a 1943), ressalta que sua influência crítica “notória e marcante para a maioria dos escritores que fizeram a poesia e a ficção brasileiras na primeira metade do século XX, expande-se na obra da ensaísta e pesquisadora, através de sucessivas reedições, e se incorpora, pela lucidez analítica, ao patrimônio cultural do país” (PEREIRA, 1992).

---

<sup>24</sup> Crítica literária, filósofa política e romancista francesa.

Nesse mesmo viés, Luciana Viégas destaca: “Lucia foi o eco, na imprensa da capital federal, das novas vozes que saíam do Nordeste e terminaram compondo o que conhecemos como a ‘cara do Brasil’ no século XX”. Mesmo em tempos conturbados, foi na atividade crítica, mais do que na de biógrafa ou romancista, que Lucia empreendeu o exercício de pensar as inquietações dos intelectuais de seu tempo (VIÉGAS, 2012, p. 62).

No ritmo do desenvolvimento e dos debates intelectuais, Lucia Miguel Pereira desenvolveu a crítica literária publicando textos em periódicos cariocas como *Boletim de Ariel*, *Revista do Brasil*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*. Atuou como biógrafa de Machado de Assis e tornou-se figura destacada no ensaísmo feminino. Raras vozes na crítica brasileira constituíram um legado tão grandioso quanto o de Lucia, seja pelo acerto de seus julgamentos críticos, quanto pelo tratamento despojado e firme com o tema literário, ou seja, sobretudo, “pela torrente de erudição humanista e finíssima sensibilidade – sem desprezo pela ironia – que conduz suas abordagens de obras ou períodos literários” (VIÉGAS, 2012, p. 17).

Lucia percebeu que o romance era o gênero que prevalecia entre os novos autores, renovando a literatura nacional em forma e temática. Atribuía isso “ao fato de ser o romance o gênero que mais se aproxima da vida, alimentando-se dela e refletindo-a não como um espelho ou uma fotografia, mas como realidade condensada e ‘deformada com aquela deformação inerente às obras de arte, recriada pela imaginação do autor’” (PEREIRA apud ROCHA, 2012, p. 12).

Assim, temos o enquadramento de Lucia Miguel Pereira frente ao seu tempo. Acompanhando os recentes lançamentos editoriais de sua época, a escritora desempenhou um papel importante na consolidação de obras e autores que a crítica posterior enquadraria no chamado romance de 30.

#### 4.2 O Estado Novo e a intelectualidade

O segundo momento de impacto histórico a ser mencionado é a implantação do Estado Novo. A coleção bibliográfica/documental da escritora Lucia Miguel Pereira situa-se em um recorte cultural, político e intelectual que movimentava os anos de 1930 e 1940. Esse período é contextualizado por Izaura Rocha (2012) quando afirma que “a intelectualidade brasileira vê-se também envolvida em questões de engajamento político e social” (Figura 13). Ilustremos esta atuação com dois nomes famosos - Drummond e Capanema:

Carlos Drummond de Andrade desenvolveria uma obra poética e literária da melhor qualidade, até chegar à posição de destaque que hoje ocupa como uma das figuras centrais de nossas letras. Gustavo Capanema entraria ativamente na vida política aos 30 anos, como secretário do Interior do governo Olegário Maciel, e dela não mais sairia. O que nem todos recordam é que, durante muitos desses anos, Drummond foi o seu chefe-de-gabinete, o intermediário eficiente, discreto e silencioso entre o político Capanema e tantos que dele dependiam ou a ele se dirigiam (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 23-24).

Para Rocha, “a literatura ocupará um papel relevante a partir do chamado romance social de 30, ao qual Lucia veio a se integrar como representante de sua vertente intimista”. A escritora acompanharia, de forma ativa, “o debate em torno do engajamento intelectual que resultaria no romance social brasileiro” (ROCHA, 2012, p. 1).



Figura 13: Drummond (terceiro da esq. para a dir.), com Gustavo Capanema (sentado), em 1932.

Fonte: Site Projeto Memória/Fundação Banco do Brasil (2010?).

Essa forma tão ativa de engajamento intelectual ocorre em tempos de projetos para a educação feminina (Figura 14). Durante o período de Gustavo Capanema como Ministro da Educação de Getúlio Vargas (de 1934 a 1945), por exemplo, é possível notar as tendências educacionais naqueles tempos. “O tratamento especial que Capanema reserva às mulheres se desdobraria em dois planos. Por um lado, haveria que proteger a família; por outro, haveria que dar à mulher uma educação adequada ao seu papel familiar” (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 107-108).

Entre os projetos propostos, observa-se:

O projeto do Plano Nacional de Educação de 1937 previa a existência de um ensino dito 'doméstico', reservado para meninas entre 12 e 18 anos, e que equivaleria a uma forma de ensino médio feminino. Seu conteúdo era predominantemente prático e profissionalizante, e fazia parte, no plano, do capítulo destinado ao ensino da "cultura de aplicação imediata à vida prática ou ao preparo das profissões técnicas de artífices." Era, pois, destinado principalmente a mulheres de origem social mais humilde, ainda que pudesse atrair também mulheres de origem social mais elevada, que dessa forma poderiam manter-se em um regime escolar estritamente segregado (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 108).

Neste sentido, os autores consideram as características e divisões apresentadas para o ensino feminino:

Segundo o plano, o ensino feminino se dividiria em doméstico geral (dois ciclos), doméstico agrícola (também dois ciclos) e doméstico industrial. O primeiro ciclo prepararia as mulheres para a vida no lar, o segundo formaria as professoras para esse sistema. No primeiro ciclo haveria, além dos trabalhos domésticos, o ensino do português, moral familiar, noções de civildade, matemática elementar, ginástica e canto. O aperfeiçoamento, por mais um ano, incluía a puericultura e "noções práticas de direito usual." A formação de professores para o sistema seria feita através da Escola Normal Doméstica, onde, durante dois anos, seriam estudados psicologia, moral e educação familiar, sociologia, direito da família, economia doméstica e contabilidade doméstica. O ensino agrícola e industrial femininos seguiriam trajetórias similares, mas adaptados à realidade da vida no campo ou no mundo fabril. O ensino doméstico rural deveria incluir, por isto, ensinamentos sobre diversas técnicas de cultivo e colheita, industrialização caseira de alimentos etc. (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 108).

Chama-se à atenção para o fato de este sistema não chegar a ser criado, porém sobreviveria, desse modelo, "o programa de educação doméstica tradicionalmente desenvolvido em algumas poucas instituições católicas destinadas à educação feminina" (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 107-108).



Figura 14: O Projeto do Plano Nacional de Educação de 1937 tinha como característica um ensino “doméstico”.

Fonte: SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984, p. 108.

À época de sua formação, a biblioteca pertencente ao casal de intelectuais tornou-se um “organismo em crescimento”<sup>25</sup> físico (em números), histórico (em fatos) e cultural (em seu contexto), uma vez que não se tratava de um conjunto meramente estático de assuntos gerais. A partir das características intrínsecas e extrínsecas de diversos livros nacionais e estrangeiros oferecidos a eles, percebe-se que constantemente eram acrescentadas obras de interesse literário e histórico, o que reforça o caráter especializado desta coleção.

Em meio ao período de transformações políticas e ideológicas surge um episódio sobre o qual desejamos nos ater neste percurso descritivo: a criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda)<sup>26</sup>, encarregado da propaganda e promoção do regime junto à população (CORTI, 2013).

<sup>25</sup> A Biblioteca como “organismo em crescimento” é uma das cinco leis fundamentais instituídas para a Biblioteconomia pelo pensador e bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan.

<sup>26</sup> Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939.

Neste sentido, Ana Paula Corti esclarece que

O DIP foi responsável pela censura a órgãos de imprensa e veículos de comunicação, sendo um instrumento estratégico na propagação de ideologias ufanistas e de exaltação do trabalho. Um exemplo ilustrativo dessa atuação foi a distribuição de verbas a escolas de samba, desde que trocassem a apologia à malandragem por temas "patrióticos" e de incentivo ao trabalho. Para difundir as ideias nacionalistas entre os mais novos o Estado tornou obrigatória a disciplina de Educação Moral e Cívica nas escolas (CORTI, 2013).

Aqui podemos notar um mecanismo de controle e censura. “O DIP tornou-se o órgão coercitivo máximo da liberdade de pensamento e expressão durante o Estado Novo e o porta-voz autorizado do regime” (DIP..., 2015). Este panorama chama à reflexão para as possíveis influências deste regime sobre a produção literária no Brasil.

Note-se que o discernimento sobre o real era uma das abordagens propostas por Lucia Miguel Pereira. Esse seria o papel da literatura (e da crítica), como responsabilidade intelectual (ROCHA, 2012, p. 14). No mesmo sentido, Rocha destaca que, para Lucia, essas atividades intelectuais eram profundamente afetadas pelo “mal-estar do tempo”, ou seja, pelas problemáticas do contexto histórico em que se realizavam. Lucia mirava sua defesa no sentido de que o romance assumiria sua função quando não houvesse rótulos limitadores.

#### 4.3 Realidade, mulheres e poder: expressões de identidade

Em seus romances *Maria Luiza* (Rio de Janeiro: Schmidt, 1933), *Em Surdina* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1933), *Amanhecer* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1938) e *Cabra-Cega* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1954), Lucia Miguel Pereira já espelhava criticamente “a realidade da mulher na época em que foram escritos – a submissão ao poder patriarcal, masculino, da sociedade, que não deixava margens para a expressão plena da identidade feminina”. A realidade social sustenta a base dos conflitos nos romances de Lucia, mesmo apresentada à luz do molde intimista dos dramas psicológicos em suas protagonistas (ROCHA, 2012, p. 14-15).

A leitura, a crítica e o estudo, ancorados na representatividade feminina, pode-se dizer, são frutos de uma evolução da qual Lucia Miguel Pereira, vivendo sua maturidade intelectual no século XX, indica ter usufruído de alguma maneira. Esta evolução transita pela “revolução” lembrada por Roger Chartier em *A mão do autor e a mente do editor*. Segundo o teórico, se “a leitura passou por diversas revoluções, que historiadores registram e discutem,

essas revoluções ocorrem durante o desenvolvimento do códice em longo prazo”. Para Chartier, entre as revoluções estão as conquistas medievais da leitura silenciosa e visual, a própria ânsia pela leitura que “tomou conta da era do Iluminismo ou, começando no século XIX, a chegada de novos leitores das camadas populares da sociedade, dentre os quais mulheres e crianças, tanto dentro como fora da escola” (CHARTIER, 2014, p. 22).

Vemos que, por extensão, a urgência nos estudos sobre as apropriações que envolvem a produção de livros e a formação de bibliotecas particulares pode ser sintetizada na fala do estudioso francês, em texto apresentado na aula inaugural da disciplina “Escrita e Culturas no Início da Europa Moderna”, ministrada em 2007 no Collège de France. Naquela ocasião, ele ponderou que “a palavra escrita é transmitida aos seus leitores ou ouvintes por objetos ou vozes, a lógica material e prática que precisamos compreender” (CHARTIER, 2014, p. 19; 27).

Se há uma “lógica material”, boa parte da lógica de armazenamento deste substrato está ligada às bibliotecas particulares. Procuraremos apontar algumas conexões entre esta lógica, a descrição dos objetos e seus desdobramentos em coleções especiais.

Tematizar a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira significa desvelar o potencial de uma coleção particular, especial, não apenas como uma fonte de pesquisa, mas como um retrato de pensamentos. Aquilo que permanece registrado em textos, publicados ou manuscritos, permanece eterno enquanto visível aos olhos do leitor. Como afirma Paul Otlet (1934, p. 257), “lo escrito puede y debe ser el pensamiento en el estado más perfecto; las palabras se van, los escritos permanecen”. Rocha (2012, p. 3) ratifica a grandeza do papel da escritora na luta pela liberdade intelectual, recriminando os extremismos ideológicos e a “contaminação da atividade criadora pela política, pautando-se por uma posição de livre pensar frente às imposições de tomada de posição entre extrema direita e extrema esquerda – que, naquela primeira metade do século, significava optar entre fascismo e comunismo [...]”.

A partir da criação do DIP, percebe-se uma formação imagética da figura de Getúlio Vargas. Serviços de propaganda e publicidade dos ministérios, departamentos e estabelecimentos da administração pública federal, além de entidades autárquicas “passaram a ser executados com exclusividade pelo órgão, que também organizava e dirigia as homenagens a Vargas, constituindo o grande instrumento de promoção pessoal do chefe do governo, de sua família e das autoridades em geral” (DIP..., 2015).

De acordo com o decreto que lhe deu origem, tinha como principais objetivos centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas; organizar os serviços de turismo, interno e externo; **fazer a censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da radiodifusão, da literatura social e política e da imprensa; estimular a produção de filmes educativos nacionais e classificá-los para a concessão de prêmios e favores;** colaborar com a imprensa estrangeira para evitar a divulgação de informações nocivas ao país; promover, organizar e patrocinar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística, assim como exposições demonstrativas das atividades do governo, e organizar e dirigir o programa de radiodifusão oficial do governo (DIP..., 2015, grifo nosso).

Com o decreto de criação, nota-se a legitimação de um mecanismo que aponta o que é útil e o que é danoso ao governo e à nação. Para Foucault, é exatamente a lei que definirá como repreensível o que é nocivo à sociedade. O criminoso seria aquele que danifica e perturba a sociedade, rompendo um pacto social (cf. FOUCAULT, 2002, p. 81).

Outra abordagem de Foucault diz respeito ao Panoptismo de Jeremy Bentham, uma forma de arquitetura “que permite um tipo de poder do espírito sobre o espírito; uma espécie de instituição que deve valer para escolas, hospitais, prisões, casas de correção, hospícios” (FOUCAULT, 2002, p. 87). Ainda segundo o filósofo e historiador, o *Panopticon* era um edifício em forma de anel, com uma torre situada ao centro. O anel possuía celas onde se encontravam crianças aprendendo, funcionários trabalhando, prisioneiros se corrigindo, tudo segundo o objetivo institucional<sup>27</sup>.

Assim, tudo o que fazia o indivíduo estava exposto ao olhar de um vigilante. “O *Panopticon* é a utopia de uma sociedade e de um tipo de poder que é, no fundo, a sociedade que atualmente conhecemos – utopia que efetivamente se realizou. Este tipo de poder pode perfeitamente receber o nome de panoptismo”. Segundo sua análise, “vivemos em uma sociedade onde reina o panoptismo” (FOUCAULT, 2002, p. 87).

Longe de obter respostas historicamente categóricas neste trabalho, podemos instigar a reflexão sobre os impactos da censura sobre a formação e desenvolvimento de bibliotecas particulares de caráter literário e mais ainda: pensar sobre quais as implicações de um “olhar vigilante” imposto à produção intelectual de figuras públicas, detentoras destas bibliotecas.

---

<sup>27</sup> Para maior entendimento acerca deste assunto, recomenda-se a leitura de: FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2002. Em paralelo, a aplicação da vigilância e da exposição na contemporaneidade pode ser vista em: KEEN, Andrew. **Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.



Agora, vejamos o contrafluxo das proposições que foram expostas acima: desta vez, quem exerce a influência na composição de uma biblioteca não é um poder estatal intransigente ou austero, mas o próprio acumulador ou proprietário.

O conjunto de suportes de informação e registros de conhecimento que compõem grande parte das bibliotecas de memória, pessoais ou institucionais, se reveste de um elemento vital à transmissão de saberes junto à posteridade. Marcas do tempo e da ação do homem, registradas sobre o papel, couro ou pergaminho, à luz da história, carregam consigo narrativas simbólicas que se encaixam cirurgicamente no pano de fundo dos acontecimentos.

Para esta discussão, também iremos sinalizar dois exemplos, a saber: o da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (DIORA/FBN) e o segundo, ocorrido no Centro de Estudos Jurídicos da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro (CEJUR/PGE-RJ).

Antes, cabe lembrar que ainda nos primórdios da tipografia em Portugal, o interesse inicial e deslumbrado por impressões foi, com o decorrer do tempo, ganhando traços de desconfiança por parte dos líderes religiosos e civis.

Discorrendo sobre a marcha tipográfica ao redor do mundo, Laurence Hallewell (1985, p. 3) relembra o fato de que os portugueses apreciavam tanto a nova arte que aqueles que a praticavam – exceto se estivessem “contaminados” pelo sangue mouro ou judeu – adquiriram *status* e os privilégios de cavaleiros da casa real.

Na verdade, os portugueses foram dos mais lentos a agir. Em 1508 os impressores foram solicitados a submeter à aprovação real os manuscritos de todos os trabalhos que ‘tratassem de matéria relativa à nossa Santa Fé’, mas os livros em geral não eram submetidos à censura prévia. Todavia, depois do concílio de Latrão de 1512, que reforçava o apelo do papa no sentido de que se adotasse a prática da autorização, cresceu o costume, entre os impressores, de obter a aprovação do bispo local para qualquer trabalho novo, como um meio de autoproteção. A legislação sobreveio apenas em 22 de fevereiro de 1537, alguns meses após o restabelecimento, no reino, da Santa Inquisição (HALLEWELL, 1985, p. 3-4).

No século XVIII, mais precisamente em 1770, as autoridades tornaram público um edital condenando à fogueira 120 obras. Em 1787, a rainha Maria I “editou uma carta de lei especialmente para endossar o Index<sup>28</sup> e alguns anos mais tarde, em 17 de dezembro de 1793, a antiga autoridade divina foi restaurada” (HALLEWELL, 1985, p. 3-4).

---

<sup>28</sup> O Index Librorum Prohibitorum da Igreja Católica, promulgado em 1559, listava títulos de conteúdo avesso às posições do papado.

É válido apontar a evolução dos mecanismos de censura e a abrangência temática à qual essa mesma censura alcançaria, com os seus mais diversificados temas. Dentre os assuntos submetidos ao exame de censura, encontram-se obras de poetas, filósofos e teólogos, que viram seus livros e ideias sendo alvo dos olhares reprovadores das autoridades, que avaliavam os títulos a cada edição, revisavam suas autorizações e sequer poupavam aquelas obras que não levantavam suspeitas.

Para controlar o grande número de materiais impressos, o governo português lançou mão de editais de censura. Teoricamente, esses editais indicavam o que poderia ser lido e até o que poderia ser impresso, vendido ou adquirido. Mesmo diante desse quadro, a *Real Bibliotheca*, possuía muitos dos itens censurados.

#### 4.4 Bibliotecas e o “poder real”

A identificação de obras censuradas na *Real Bibliotheca* é possível a partir da localização de exemplares no próprio acervo da Biblioteca Nacional brasileira, especialmente na Divisão de Obras Raras, uma vez que constitui o acervo básico-histórico da Biblioteca Nacional trazido para o Brasil pela corte de D. João, a partir de 1808, e desenvolvido até 1825.

Segundo Chartier, o “rei recebe, para sua ou suas bibliotecas, numerosas obras que lhe são oferecidas em dedicatória pelos autores que buscam sua proteção” e merecimento. Sua biblioteca seria, então, perfeita, no sentido de completude, a biblioteca de todos os livros. Através da dedicação das obras, o príncipe sentia-se louvado, um inspirador. Sua biblioteca “não é mais apenas um tesouro [...]. Ela se transforma num espelho onde se reflete o poder absoluto do príncipe”<sup>29</sup> (CHARTIER, 2000, p. 199).

Essa visão é compartilhada por Fernando Báez (2006, p. 39), em sua obra *História universal da destruição dos livros*, onde descreve a postura do rei assírio Assurbanipal (668 a 627 AEC), que logrou êxito na organização de sua vasta biblioteca (Figura 15 e 16):

O melhor da arte do escriba, que nenhum de meus antecessores conseguiu; a sabedoria de Nabu [deus da escrita e do conhecimento para os assírios], os signos da escrita, todos os que foram inventados, escrevi-os em tabletas,

<sup>29</sup> A palavra “príncipe”, na visão de Chartier (2000), não se refere à nobreza ou a alguém da linha sucessória de um reino, mas, principalmente, a alguém em pleno exercício de poder. Para mais informações sobre a prática do oferecimento de livros, recomendamos: FREIRE, Stefanie Cavalcanti. **As dedicatórias manuscritas**: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

ordenei-os em série, colecionei-os e os coloquei em meu palácio para minha real contemplação e leitura [...].

Tais observações apontam, conjuntamente, para a mesma direção. Com o alto fluxo de obras que dia após dia eram inseridas na coleção real, pode-se inferir que o corpo de bibliotecários, mesmo zelosos de suas tarefas, praticamente via-se impossibilitado de exercer vigilância, item a item, para evitar a incorporação de obras censuradas.



Figura 15: Representação do rei assírio Assurbanipal (668 a 627 AEC).  
Fonte: Site Adventistas.org (2014).



Figura 16: Representação iconográfica de Assurbanipal, em guerra. Durante seu reinado, a Assíria foi considerada uma grande potência mundial. Sua biblioteca era vista como uma marca de poder, contendo aproximadamente de 30.000 tabuletas em argila.  
Fonte: Site Mega Arquivo (2012).

Para a bibliotecária e mestre em História, Stefanie Freire, os livros sempre foram objetos de admiração e ostentação, “pois imprimem respeito, riqueza, grandeza e saber aos seus proprietários. Na sociedade medieval, poucos podiam comprar um livro, pois seu preço era extremamente alto, devido, principalmente, ao valor do suporte da escrita”. Ela lembra ainda que o livro era um artigo de luxo, adquirido e consumido por um círculo limitado de leitores “como os grandes senhores, membros da nobreza e aristocracia, as autoridades pontifícias e os reis. Cada livro era considerado uma obra de arte, pois era confeccionado manualmente pelos copistas, e ilustrado minuciosamente pelos iluminadores” (FREIRE, (2013, p. 24).

O poder real, como no caso de Assurbanipal e da *Real Bibliotheca*, era a tônica para que fossem dispostos a serviço do rei “todos os livros”. Assim, diversas marcas testemunhais de divergências ou convergências culturais, intelectuais ou religiosas podem ser vistas até hoje. Abaixo (Figuras 17 e 18), imagens de livros censurados, encontrados na Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional.

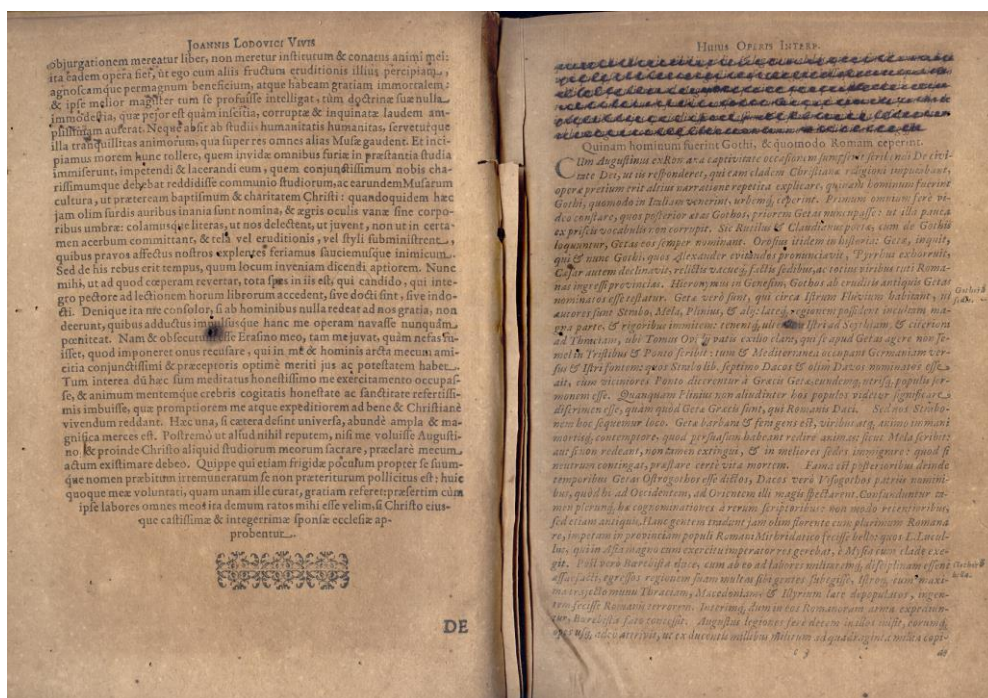


Figura 17: Subtração textual, por determinação do Censor, de uma edição latina de “Cidade de Deus” (*De Civitate Dei*, 1661), de Santo Agostinho.

Fonte: Acervo da FBN – Divisão de Obras Raras.

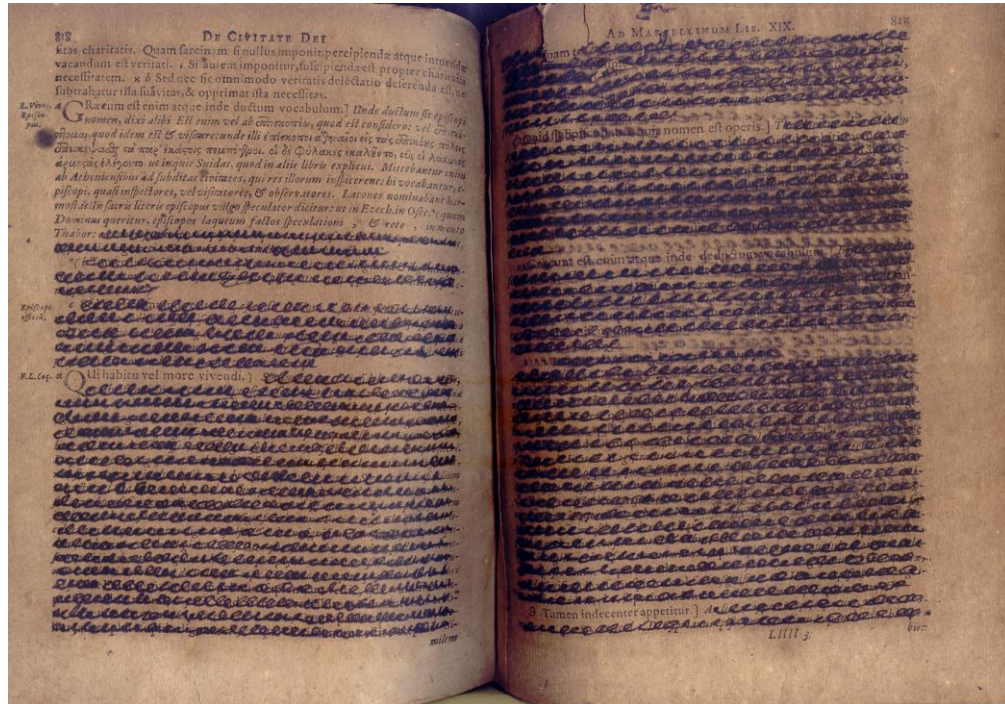


Figura 18: Páginas com rasuras diretas, ao longo das manchas do texto. (*De Civitate Dei*, 1661), de Santo Agostinho.

Fonte: Acervo da FBN – Divisão de Obras Raras.

O segundo exemplo para ilustração de nossa análise se passa na Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, mesmo órgão mantenedor da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira. Também falaremos de uma biblioteca antes particular, porém em escala numérica bastante inferior ao da DIORA.

Os livros que pertenceram ao jurista e político Francisco Campos foram incorporados à PGE-RJ entre 1971 e 1974, a partir de um convênio com o Fundo Estadual de Educação e Cultura<sup>30</sup>, sendo composta por cerca de 2.500 obras, muitas das quais, classificadas como raras ou preciosas.

Seu proprietário, Francisco Luís da Silva Campos, nascera em 1891, em Minas Gerais. Graduou-se em Direito pela Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte, iniciando as atividades políticas em 1919, como deputado estadual, pelo Partido Republicano Mineiro (SILVA, 2008). Dirigiu o Ministério da Educação e Saúde além de ter sido nomeado consultor-geral da República. Como ministro da Justiça, foi encarregado, por Getúlio Vargas, de elaborar a Constituição de 1937. Destacou-se, também, na criação de um novo código penal e de processo penal para o Brasil.

<sup>30</sup> Publicado no Diário Oficial I-GB, em 28/06/1971.

Ainda na década de 70, todas as obras desta coleção<sup>31</sup> receberam tratamento igualitário, sem acondicionamento ou sinalização que evidenciasse seu caráter especial. Com os exemplares “dispersos” em meio ao acervo corrente, era difícil acreditar que os materiais de estudo e apoio à produção intelectual de uma figura pública estivessem armazenados ali. Em 2010 foi proposto à equipe de bibliotecários um plano de atividades segundo o qual todos os itens da biblioteca de Campos deveriam ser identificados e armazenados separadamente.

A partir da pesquisa junto aos livros de tomo/registro, confrontados aos catálogos em ficha (dicionário e topográfico), foi possível extrair do acervo geral livros como *Institutiones juris romani privati* (Bonn, 1834), *Le droit civil: expliqué* (Paris, 1845) e até mesmo o curioso *Bell's new pantheon* (Londres, 1790). Também foram identificadas dezenas de dedicatórias (Figura 19) vindas de personalidades jurídicas como Afonso Arinos, San Tiago Dantas, Paulo Dourado de Gusmão e Paulo Bonavides.

Para Stefanie Freire (2013, p. 15), toda dedicatória, independente de quem a elaborou e/ou recebeu, possui um valor histórico único e insubstituível, pois é capaz de representar o contato e as trocas sociais realizadas entre o dedicador e o dedicatário [pessoa a quem é dedicada uma obra]. “Quando reunidas numa biblioteca particular, as dedicatórias podem ser analisadas como objetos de práticas simbólicas capazes de auxiliar, juntamente com outros documentos como as cartas, a construção de redes de sociabilidades e relações de poder” (FREIRE, 2013, p. 15).

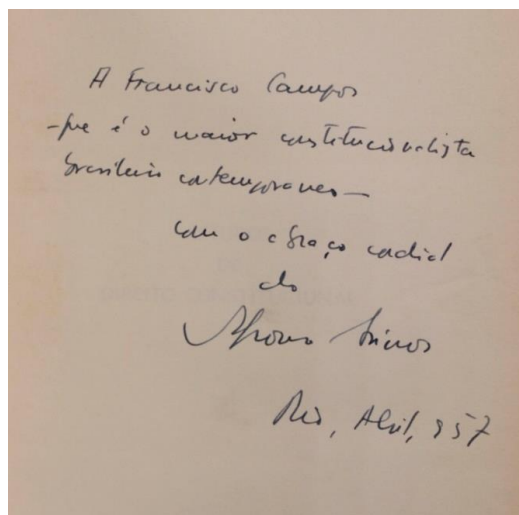


Figura 19: Dedicatória manuscrita de Afonso Arinos de Melo Franco. Do livro *Estudos de Direito Constitucional*, 1957.

Fonte: Acervo da BMJVS – Coleção Francisco Campos (CFC).

<sup>31</sup> Posteriormente, em 2010, sua biblioteca passou a denominar-se Coleção Francisco Campos.



Nascia, a partir deste momento, o interesse da instituição pela própria memória de sua biblioteca que, de certa forma, viria a narrar parte da história da Procuradoria Geral do Estado. Tal fato é ratificado pela bibliotecária, hoje aposentada, Lucia Maria Lefebvre Fisher. Após a breve passagem pela Biblioteca Nacional brasileira, Lucia prestou o concurso para a Procuradoria, iniciando suas atividades em 1955. Em entrevista publicada pela página de notícias da PGE-RJ<sup>32</sup>, ela declara:

Fiz o concurso e passei a trabalhar com a Wanda (Ferraz). A biblioteca começou com doações. Entrei aqui em julho de 1955, na rua Debret, onde hoje é o edifício do Jockey. Depois mudamos para a Erasmo Braga, 118, onde hoje é a Secretaria de Planejamento. Éramos poucos [...]. Depois, em 1961, com Carlos Lacerda, foram criados a carreira de Procurador e os concursos.

Na reportagem, a bibliotecária menciona a passagem de Philadelpho Azevedo, que foi Procurador-Geral do Estado do Rio de Janeiro e fundador da Revista de Direito da Procuradoria Geral, conforme o trecho abaixo:

Na lembrança, um usuário que marcou época. Gustavo Philadelpho Azevedo é citado como aquele que “criou isso tudo”. A servidora relata que o pai de Gustavo (José Philadelpho de Barros e Azevedo, que foi Ministro do Supremo) elaborava coletâneas de leis, publicadas no Jornal do Commercio, que eram armazenadas na biblioteca.

Alguns anos antes desta entrevista, publicada em 2015, livros da biblioteca de Philadelpho Azevedo passaram por um processo semelhante ao da Coleção Francisco Campos gerando assim, um segundo conjunto bibliográfico de memória, que leva o seu nome<sup>33</sup>. Os resultados obtidos a partir da identificação, tratamento técnico, pesquisa e divulgação destas coleções, foram vistas como positivas pela instituição e certamente favoreceram, em menor ou maior escala, um passo ainda maior, que foi o de receber, por doação, a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, objeto eleito neste estudo.

Temos aqui o jogo de influências e relações interpessoais que absorvem os processos de formação de bibliotecas. De acordo com a perspectiva encontrada em Icléia Thiesen (2009, p. 64), o conhecimento produzido apresenta vestígios que são apropriados no sentido de

---

<sup>32</sup> Reportagem disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeconteudo?article-id=2528095>. Acesso em: 10 nov. de 2015.

<sup>33</sup> Foram identificados aproximadamente 1.250 itens entre livros e periódicos. A fim de evitar o desmembramento dos volumes de periódicos, somente os livros, 270 ao todo, foram segmentados e armazenados separadamente.



integrarem coleções, fundos e acervos dignos de nele figurarem enquanto escolhas, relíquias, preciosidades e representarem as sociedades que os produziram, mesmo que em fragmentos. Segundo sua análise, elementos da memória coletiva e da história, em sua materialidade, a exemplo dos documentos num sentido mais amplo, constituem “superfícies de inscrição de informações, testemunhos do passado, prova ou expressão da verdade e do poder. Entre o presente e o passado determinados elementos ou suportes da memória coletiva nos permitem compreender e recompor o passado” (THIESEN, 2009, p. 64).

Estas implicações sustentam o que desejamos mostrar neste capítulo: o poder da biblioteca em representar contextos históricos de formação e desenvolvimento. Seja em uma Biblioteca Real ou especializada em Direito ou Literatura, a partir do grau de atuação e influência de seu possuidor, é grande a possibilidade de diálogo entre o bibliotecário e os documentos ali contidos.

Quando encontramos uma obra com rasuras feitas pela censura, como no caso da Biblioteca Nacional brasileira, ou um projeto anotado pelo organizador, como na Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, temos diante de nossos olhos um testemunho material que imprime e reconfigura o valor de documentos. Isso ocorre pois não se trata apenas da história narrada textualmente, pela tinta do impressor de um livro ou pela imagem gravada em uma página. Trata-se de algo que foi tocado, manuseado, colacionado pelos atores envolvidos, fragmento-símbolo dos desdobramentos históricos, políticos, artísticos, enfim, culturais.

A censura e os embates políticos, como vimos, também estarão presentes no período de atuação de Lucia Miguel Pereira. As relações interpessoais irão acompanhar, e até mesmo ditar, a agenda de seus compromissos editoriais e intelectuais – não apenas dela, mas de tantos outros críticos e escritores de sua época.

Um bom exemplo é o mensário *Boletim de Ariel* (Figura 22 e 23), empreendimento da Ariel Editora Ltda, com temas sobre o mundo das letras e das artes, àquela época, e que apresentava, ainda, as seguintes características: a) veículo que divulga os primeiros artigos de Lucia Miguel Pereira para uma publicação especializada, dando-lhe notoriedade como crítica literária (COUTINHO, 2010); b) apresentava uma abordagem cultural e sócio-política (LUCA, 2011); c) exemplifica os métodos vigentes no que tange à diagramação, propagandas, divulgação e seções (LUCA, 2011). Wilson Martins chega a afirmar, categoricamente, que o *Boletim de Ariel* será o “órgão crítico por excelência da literatura moderna na década de 1930” (MARTINS, 2002, v. 1, p. 540).

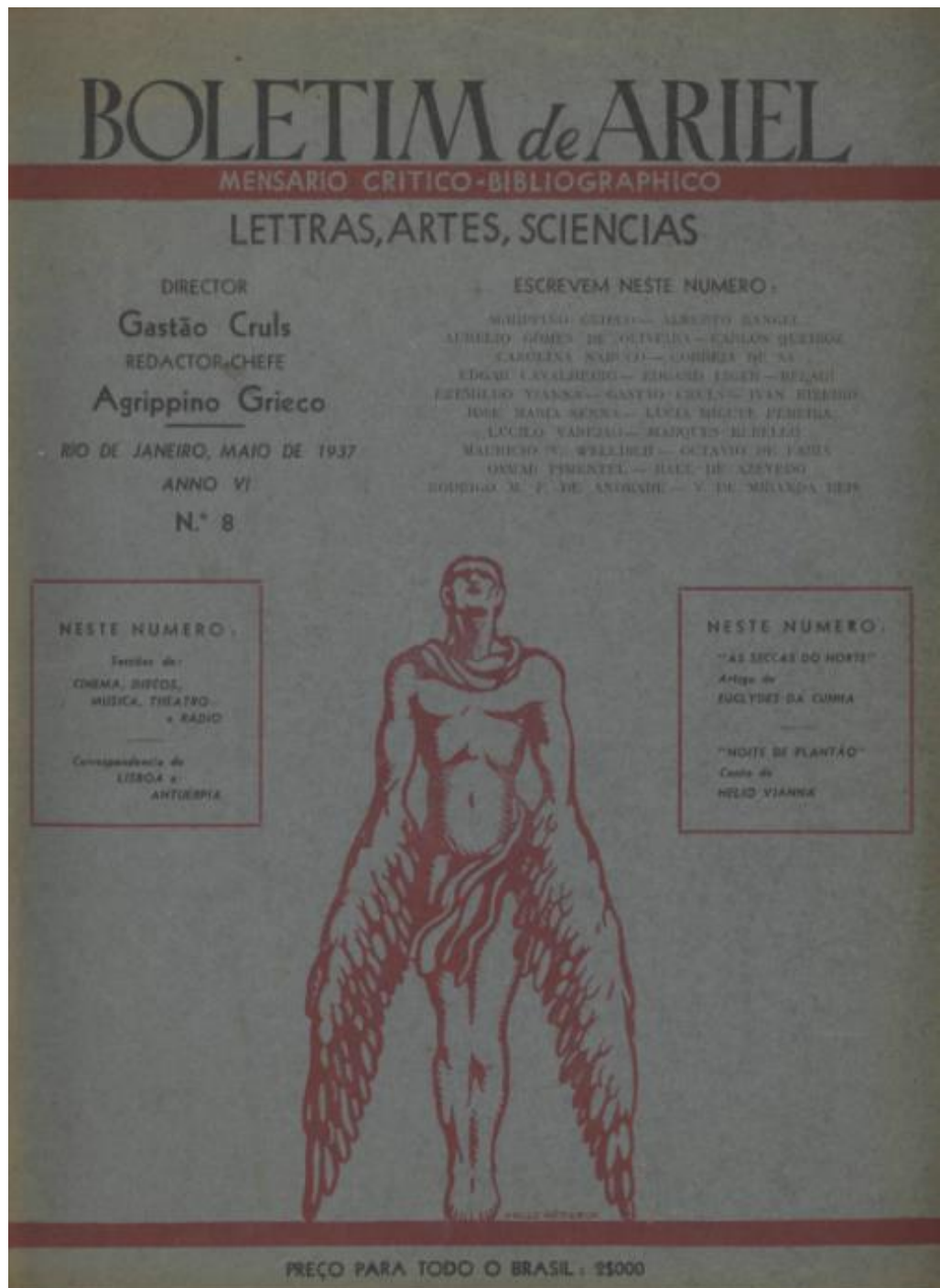


Figura 22: Capa da edição de n. 8 de 1937.

Fonte: Acervo da BMJVS – Biblioteca OTS/LMP.

BOLETIM DE ARIEL

**BOLETIM DE ARIEL**  
 DIRECTOR: — GASTÃO CRULS  
 REDACTOR-CHEFE: — AGRIPPINO GRIECO  
 EXPEDIENTE

*Preços para todo o Brasil*

Assinatura, 12 números .....	18\$000
Numero avulso .....	2\$000
Numero atrasado .....	2\$000

Os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O *Boletim de Ariel*, em sua parte editorial, só publica trabalhos inéditos, sendo assegurada a seus colaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o *Boletim* só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos doze meses.

O *Boletim* não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

Não ha restituição de originaes.

São correspondentes desta revista:

Na França — Sra. Picard-Loewy, Paris.  
 No R. G. do Sul — Sr. Paulo Arinos, Porto Alegre.  
 No E. S. Paulo — Dr. Waldmir Malheiros, S. Paulo.  
 Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar, Bello Horizonte.  
 Em Sergipe — Sr. Ernesto Abreu, Aracaju.  
 Em Pernambuco — Sr. Agorbal Jurema, Recife.  
 Em Alagoas — Sr. Valdemar Cavalcanti, Maceió.  
 Na Parahyba do N. — Dr. Adhemar Vidal, J. Pessoa.  
 No Pará — Dr. Gastão Vieira, Belém.

**Direcção, Redacção, Publicidade:**  
**ARIEL, EDITORA LTDA.**  
 Edificio d'A Noite — 8º andar — Salas 814/815  
 PRAÇA MAUÁ, 7 — Telephone 3-1310  
 Endereço teleg. *Ariel* (Western)  
 RIO DE JANEIRO — BRASIL

---

**LIVRARIA AMERICA**  
 Livros sobre todos os assumptos.  
 ASSEMBLÉA, 92 TEL. 2-9423

**LIVRARIA FRANCISCO ALVES**  
 PAULO DE AZEVEDO & Cia.  
 (Livros Editores e Importadores)  
 166 — Rua do Ouvidor — 166  
 RIO DE JANEIRO  
 End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

FILIAIS:

Bua Libero Badaró n. 49-A | Rua da Bahia n. 1052  
 S. Paulo | Bello Horizonte

# Antarctica

CERVEJA — GUARANA  
 SODA LIMONADA  
 LICORES

Entrega a domicilio — Telephone 2-5181

**Civilização Brasileira S.A.**  
 RUA SETE DE SETEMBRO, 162 Endereço Telegraphico  
 Tel. 2-8773 "Civilização"

**EDIÇÕES PROPRIAS DOS MELHORES LIVROS  
 NACIONAES E ESTRANGEIROS**

Deposito geral de todos os livros da  
 Companhia Editora de S. Paulo  
 (representação exclusiva para o Rio de Janeiro)

LEIAM:

## TRES GAMINHOS

Deliciosas novellas de  
 MARQUES REBELLO

PREÇO: 5\$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

Acaba de apparecer:

LUCIA MIGUEL PEREIRA

## Em Surdina

(ROMANCE)

PREÇO: — 7\$000

Pedidos a  
**ARIEL, EDITORA LTDA.**  
 Edificio d'A Noite — 8º andar — Salas 814/815  
 7, PRAÇA MAUÁ, 7 — RIO DE JANEIRO

Figura 23: Página de propagandas do *Boletim*. No canto inferior direito, anúncio do lançamento de *Em Surdina*, autoria de Lucia Miguel Pereira.  
 Fonte: Acervo da BMJVS – Biblioteca OTS/LMP.

Este periódico teve seu primeiro número publicado em outubro de 1931. Segundo Tania Regina de Luca (2011), tratava-se de um empreendimento da Ariel Editora, fundada por Agripino Grieco, sócio principal, e Gastão Cruls que ocupavam, respectivamente, os cargos de diretor e redator-chefe no *Boletim*.

Grieco (que fora crítico literário e ensaísta) e Cruls (escritor formado em medicina) experimentavam razoável respeito entre seus pares. Gastão Cruls “estudou com livros de contos, mas alcançou sucesso com um romance sobre a Amazônia. Incluído no movimento regionalista dos anos 1920 e considerado um descobridor da realidade brasileira, Cruls não se vinculou ao modernismo” (LUCA, 2011). Agripino Grieco “atuou como poeta e contista, mas abandonou a ficção para dedicar-se à crítica, que exerceu por décadas em vários órgãos da imprensa” (LUCA, 2011). Tania Regina aborda a relevância da Editora Ariel:

A Ariel tornou-se uma empresa importante e, ainda que tivesse um catálogo variado, que incluía traduções, obras jurídicas e assuntos não literários, dedicou considerável atenção a escritores brasileiros. Com o correr do tempo, atraiu nomes importantes que haviam sido lançados pela Livraria Schmidt Editora, fundada por Augusto Frederico Schmidt praticamente no mesmo momento que Cruls e Grieco iniciavam suas atividades e devotava exclusivamente à edição de autores brasileiros. Entre os nomes publicados pela Ariel estavam Jorge Amado, Gilberto Amado, José Maria Belo, Raul Bopp, Otávio de Faria, Murilo Mendes, Odilon Nestor, Lucia Miguel Pereira, Cornélio Pena, Graciliano Ramos, Marques Rebelo e José Lins do Rego, que também compareciam nas páginas do Boletim.

Conforme Luca (2011), a partir do terceiro ano de existência, em outubro de 1933, o *Boletim* passou a contar com um conselho consultivo, que se manteve até o encerramento da publicação, composto por Gilberto Amado, Lucia Miguel Pereira, Miguel Ozório de Almeida, Otávio de Faria e V. de Miranda Reis.

A respeito do conteúdo, o *Boletim* tratava de temas referentes ao mundo das letras - autores e livros clássicos, prêmios, lançamentos importantes, produção literária, questão ortográfica, condição do intelectual e considerações mais explicitamente vinculadas ao contexto sócio-político, embora em menor número. Ensaaios, notas críticas e resenhas sobre autores, obras ou lançamentos nacionais e internacionais davam o tom editorial ao periódico que incluía “notícias mais ligeiras, com clara predominância para a produção de cunho literário, ainda que não fossem raras as menções a obras de caráter didático, sociológico, político e religioso” (LUCA, 2011).

Retornemos à figura central e motivadora desta pesquisa: Lucia Miguel Pereira. Traçamos um breve paralelo, chamando a atenção para personagens imperiais e políticos, devotados às suas bibliotecas. Na verdade, estes exemplos não se tornam tão paralelos assim, pois a história, nem de longe, é estática. As influências e as relações vividas por pessoas

públicas, que deixam sua contribuição no desenho da história e da cultura, serão, em última instância, a conexão de causa e efeito de suas bibliotecas.

Se pensamos em uma biblioteca portadora de significações culturais, é preciso evidenciar quais exemplares, sejam livros, periódicos ou documentos avulsos, podem falar por si. Esse “falar” é um dizer material, significativo, curioso e ocasionado pela motivação do registro.

Na visão de Pierre Nora (1993, p. 11) essa curiosidade por lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Ele chama a atenção para o “momento de articulação” onde a “consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação”. Ainda segundo Nora, o sentimento de continuidade torna-se exatamente residual aos locais.

É possível chegar, à luz de tal premissa, a alguns pontos importantes sobre a biblioteca de Octavio Tarquinio e Lucia Miguel Pereira: a) tratava-se de um espaço de trocas, uma vez que a biblioteca possuía um caráter sociável e reunia uma série de grande nomes da literatura; b) outro aspecto relevante é o fato de Lucia partilhar um espaço editorial respeitável, como se pode ver nos fascículos do periódico *Boletim de Ariel*, armazenados na biblioteca, e isso a despeito de ser uma figura feminina em um país ainda de certa forma patriarcal; c) independente do recrudescimento político, sua produção zela pela liberdade intelectual, sem extremismos ideológicos e a “contaminação da atividade criadora pela política”.

## 5 EXEMPLARES EM ESTUDO: UMA ABORDAGEM SOBRE RARIDADES

A seleção de obras consideradas raras ou preciosas em bibliotecas tem deixado, felizmente, de ser uma escolha baseada em achismos. Vemos com entusiasmo este fato, pois o exercício da Biblioteconomia, em suas mais variadas especialidades, deve ser baseado em parâmetros científicos. Aliás, devemos atentar para o fato de que cada passo dado em uma biblioteca de obras raras ou especiais, sob o ponto de vista administrativo, pode resultar no prolongamento ou decréscimo da existência dos materiais ali depositados.

Na gestão de uma coleção valiosa devem-se ter critérios para gerir e, conseqüentemente, para *eleger*. Sobre este último termo, ressaltamos um de seus sinônimos: *consagrar* (COSTA, 1950, v. 1, p. 886). Trabalhar tendo em vista os critérios de raridade é, justamente, consagrar o que pode haver de mais nobre em uma biblioteca: sua memória materializada.

### 5.1 Enfoque de raridade: bibliotecário, gerente e usuário

Em sua dissertação de Mestrado, intitulada *Conceitos e critérios para a qualificação de obras raras da Biblioteca de Direito da Universidade Federal de Pelotas*, Aline Batista sinaliza que

O livro raro oferece aos membros da área patrimonial uma problemática complexa e específica, visto não existirem no Brasil leis que determinem diretrizes para o estabelecimento da raridade de um livro e a ausência destas interferem na atuação dos profissionais interessados neste documento, mas não impedem que o mesmo receba a atenção destes (CARTERI apud BATISTA, 2012, p. 19).

A autora reitera que os livros, em seu caráter antigo<sup>34</sup> ou raro, são vistos como “documentos representativos da memória de um país”, devendo ser considerados como “patrimônio histórico e cultural, um patrimônio literário e intelectual da região, representativo da memória regional, nacional e mundial” (BATISTA, 2012, p. 19). Para ela, eles mantêm a

---

<sup>34</sup> Registre-se a existência dicionarizada do verbete “Livro antigo”, a saber: Designação atribuída aos livros que foram produzidos desde a invenção da imprensa até ao início do século XIX; de modo mais preciso, e uma vez que os incunábulo constituem uma produção tipográfica à parte, não só pelas suas características próprias, mas também pelo seu tratamento catalográfico, pode dizer-se que o livro antigo abrange as obras impressas desde 1501 até 1800 inclusive (FARIA; PERICÃO, 2008).

memória do passado, pois refletem a comunidade e os indivíduos em determinados períodos da história e o registro destas ideias dá um sentido real de existência ao homem.

Outro ponto observado por Batista (2012, p. 21), diz respeito às possíveis barreiras à reposição de exemplares: “o uso de critérios de avaliação, para distinção de obras raras das demais, leva em conta o fato de as mesmas merecerem um tratamento diferenciado, devido à dificuldade de obtenção dos exemplares e seu alto valor histórico”.

No Brasil, a raridade bibliográfica passa a ter importância em meados da década de 30 do século passado. Embora Aline Batista apresente essa informação, ela lembra também que os bibliotecários ainda não têm uma definição clara “do que realmente seria uma obra rara, pois existem muitas características relevantes que devem ser estudadas para que se possa classificar com certeza o que é uma obra rara” (BATISTA, 2012, p. 22). Mesmo tendo decorrido quatro anos desde a elaboração de sua pesquisa – e muitos eventos tenham acontecido desde então – seu comentário merece nossa especial atenção.

Citaremos dois encontros recentes que demonstram a preocupação dos bibliotecários no sentido de unificar visões, talvez dispersas, sobre descrição, raridade e importância de acervos bibliográficos. Em 2014 a UNIRIO sediou o I Fórum Internacional sobre Livros Antigos, Raros e Especiais (FOLIAR) com a participação de especialistas do Brasil, Portugal e Argentina. O objetivo foi debater e articular ações no domínio do Livro Raro e das coleções especiais, por intermédio de 16 palestras.

O interesse pela memória registrada e sua salvaguarda mostrou-se em números. Mais de 120 participantes acompanharam atentamente as conferências de nomes como Analia Fernández Rojo (Biblioteca Nacional da Argentina), Leonor Antunes (Biblioteca Nacional de Portugal), Ana Virginia Pinheiro (Fundação Biblioteca Nacional/UNIRIO) e Eduardo Alentejo (UNIRIO). A programação também foi transmitida ao vivo através de um canal no Youtube e em informações via Facebook.

Na ocasião, em entrevista à página *Incunábulos*<sup>35</sup>, Ana Virginia Pinheiro, integrante da Comissão de organização do FOLIAR, disse que a ideia nasceu do desejo em convidar Analia Rojo, da Biblioteca Nacional da Argentina, para ministrar um curso no Rio de Janeiro.

Ela lembrou que, em relação ao processo de catalogação de obras antigas e raras em instituições do Brasil e do exterior, as dificuldades encontradas são comuns. “Observei que temos a identidade dos mesmos problemas. Com isso, a ideia foi crescendo de tal modo que

---

<sup>35</sup> A reportagem completa sobre o evento pode ser acessada na página do Incunábulos: [www.incunabulos.wordpress.com](http://www.incunabulos.wordpress.com). O site é especializado em História do Livro e das Bibliotecas.

ponderei sobre a necessidade de comprometermos os professores de nossa Escola. A Escola de Biblioteconomia da UNIRIO tem uma identidade com a Memória”, ressaltou.

A ideia é realizar um FOLIAR a cada dois anos, como destacou Ana Virginia, que afirmou ainda ter a expectativa de que esse tipo de evento não fique apenas como mais um de certificação curricular, mas que efetivamente cause uma transformação na visão do colecionismo de livros raros.

O segundo evento a ser exemplificado ocorreu em 2015, na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). A oficina *Obras Raras e Especiais Scientia et libris* foi uma parceria da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) com o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnologia em Saúde (Icict/Fiocruz). As atividades deram ênfase aos periódicos científicos que completaram 350 anos, desde a publicação do *Journal des Sçavans e Philosophical Transactions*, em 1665.

De acordo com o site da instituição, a programação contou com palestras nas áreas de Gestão dos periódicos científicos na Fiocruz, Periódicos médicos brasileiros e Preservação e conservação de acervos<sup>36</sup>.

Direcionada a “bibliotecários, estudantes de biblioteconomia, pesquisadores de coleções bibliográficas especiais e demais profissionais interessados no universo do livro raro”, a oficina buscou “incentivar a atitude responsável dos bibliotecários e pesquisadores na gestão de coleções especiais, subsidiar a formação e gestão de coleções bibliográficas especiais” (COC..., 2015).

Eventos desta natureza agregam ainda mais conhecimento aos bibliotecários gestores que, por vezes, necessitam estar atentos aos exemplos de outras instituições que passam por embates semelhantes e logram êxito em seus resultados. A consolidação de ações que estabeleçam um entendimento amplo acerca dos critérios de raridade parte da aceitação entre os pares e da observância, sobretudo, da trama de fatores pertinentes à determinação desses critérios:

A determinação de critérios para enfoque de raridade bibliográfica nas bibliotecas brasileiras implica na abordagem do caráter bibliológico das obras e na ênfase da influência social, econômica e cultural, sofrida por todas as autoridades que contribuíram na elaboração física e intelectual de uma obra. A análise desses critérios deve ser realizada, no mínimo, sob uma das seguintes perspectivas: a) do bibliotecário, em face de um acervo antigo; b) a do gerente da instituição, perante um acervo que desconhece e considera “valioso”, por constituir parte da história e da instituição; e c) a do usuário, que sistematiza as perspectivas anteriores (PINHEIRO, 1989, p. 21).

---

<sup>36</sup> Programa do evento disponível na página da Fiocruz: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/inscricoes-abertas-para-oficina-de-obras-raras>.



Lembramos ser extremamente necessário o estudo sobre a formação da biblioteca, sua materialidade e histórico, a fim de serem traçados os caminhos pelos quais ela percorreu durante seu desenvolvimento.

Durante as investigações para esta pesquisa e considerando o esquema apresentado, surge a pergunta: Como o enfoque descrito acima pode ser alcançado na Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira? Quais os subsídios básicos para a seleção das obras mais importantes e raras desta coleção especial?

Neste estudo podemos encontrar as três perspectivas: a do *bibliotecário*, a do “*gerente da instituição*” e a do *usuário*. Primeiramente, no que diz respeito à análise sob a perspectiva do bibliotecário, é pertinente afirmar que ela se manifesta através da observação material “*in loco*”, pois o próprio manuseio diário, as pesquisas e a curadoria para exposições e visitas técnicas oferecem um horizonte positivo para a indicação de exemplares que conservem particularidades<sup>37</sup>. Ademais, em nosso caso, chamamos a atenção para o procedimento de inventário bibliográfico, realizado em 2013, pouco mais de um ano após a instalação da biblioteca na sede da PGE-RJ (Figuras 24 e 25).



Figura 24: Análise física das obras durante inventário.  
Fonte: O autor (2013).

---

<sup>37</sup> Como, p. ex., anotações manuscritas, encadernações especiais, bilhetes inseridos nas obras, dedicatórias de personalidades, etc.



Figura 25: Análise de documentos da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira. Fonte: O autor (2013).

O inventário bibliográfico e o colacionamento dos itens revelaram que, no que tange à integridade (completude) da coleção, com vistas à verificação de possíveis falhas quando da doação à PGE-RJ, em um universo de aproximadamente 8.500 itens (dos quais ca. de 8.000 são livros e periódicos e, ca. de 500, materiais avulsos), apenas 17 títulos não foram encaminhados.

É possível que tais exemplares tenham sido emprestados por Lucia e Octavio ou até mesmo por seus familiares. O confronto dos *itens presentes x itens doados* foi possível graças ao envio, pelo doador, de uma listagem em CD-ROM, formato Microsoft Excel; 2 (dois) fichários físicos (Figura 26) e o próprio site da biblioteca: [www.octavioelucia.com](http://www.octavioelucia.com) (Figura 27).



Figura 26: Fichas catalográficas físicas. Serviço solicitado pela família do casal de intelectuais, antes da doação.

Fonte: O autor (2013).



Figura 27: *Homepage* do catálogo online, encomendado pela família antes da doação.

Fonte: Site Octavio e Lucia (2013).

As listas constando informações referenciais básicas sobre as obras foram de grande valia para a conclusão do inventário e a localização de exemplares com dedicatórias e anotações. As obras dos séculos XVIII e XIX também foram recuperadas visualmente, e com mais facilidade, a partir de sua consulta.

É comum o fato de boa parte dos acervos, em diversas bibliotecas, serem doados por personalidades como intelectuais, juristas, políticos, artistas e outras figuras públicas. Estas

doações ocorrem, geralmente, no período de formação inicial das bibliotecas, onde se percebe maior ênfase e grande volume de remessas encaminhadas, e ao longo dos anos, em caráter subsequente e esporádico, ora com maior intensidade, ora com poucos volumes.

Este fato pode ser notado, de maneira acentuada, em bibliotecas jurídicas (públicas ou privadas), Institutos de pesquisa e bibliotecas universitárias (Figura 28). Alguns exemplos: Em 2013 foram incorporadas ao acervo da Biblioteca do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), nove pranchas, sendo seis reproduções fotográficas de Marc Ferrez<sup>38</sup>, de croquis de fachadas de antigos prédios do Rio de Janeiro. Segundo o site da instituição, a doação foi feita por Alberto Dodsworth Wanderley, sobrinho-neto do ex-prefeito do Rio, Henrique Dodsworth, e sobrinho-bisneto de Santos Dumont (IAB, 2013).



Figura 28: Sequência de pranchas incorporadas ao acervo da biblioteca do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Fonte: Site Instituto de Arquitetos do Brasil (2013).

Existem ainda aquelas doações que causam grande repercussão na mídia. Foi o caso da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, inaugurada em 23 de março de 2013. A Universidade de São Paulo (USP) tem, desde então, a nobre incumbência de salvaguardar as obras, agora localizadas na Cidade Universitária, Zona Oeste de São Paulo (Figura 29). “O edifício, com 20 mil metros quadrados de área, abrigará 60 mil volumes de livros e documentos sobre o Brasil, com destaque para a coleção reunida pelo advogado, empresário e bibliófilo José Mindlin, doada à USP em 2005” (BERNARDES, 2012). Na inauguração do prédio estiveram presentes o então prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, e a ministra da Cultura à época, Marta Suplicy.

<sup>38</sup> Principal fotógrafo brasileiro do século XIX, dono de uma obra que se equipara à dos maiores nomes da fotografia em todo o mundo. “Mais conhecido do grande público por suas paisagens – sobretudo as fotografias panorâmicas da cidade do Rio de Janeiro e arredores, feitas com câmeras especiais em negativos de grande formato, técnica praticada por poucos fotógrafos do mundo e à qual ele dedicou toda a sua inventividade técnica” (MARC Ferrez, [2015?]).

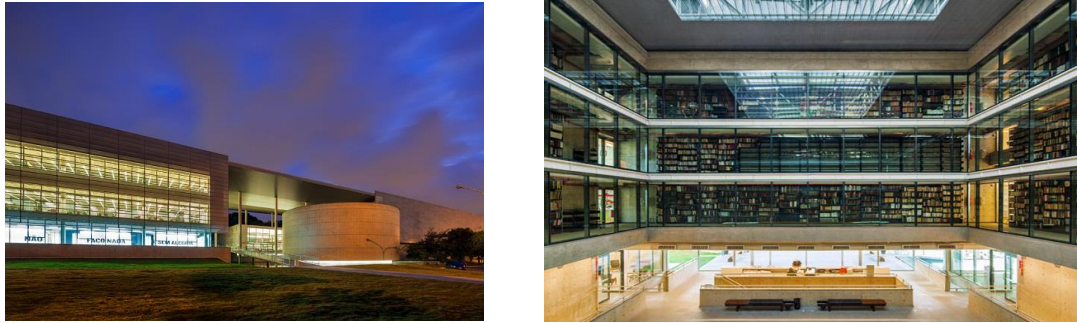


Figura 29: Espaços externo e interno da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, inaugurada em 23 de março de 2013.

Fonte: Site jovens.ime.usp.br (2014); macmoveisgyn.com.br (2015).

Em nosso caso, a aquisição ocorre em uma fase, chamemos, “intermediária”, dada a relevância cultural da biblioteca de Octavio e Lucia. É válido dizer que seu acréscimo representa um salto qualitativo no que diz respeito ao desenvolvimento e ao valor da coleção, que passou a atender não apenas o segmento jurídico. Vejamos o esquema abaixo (Figura 30):

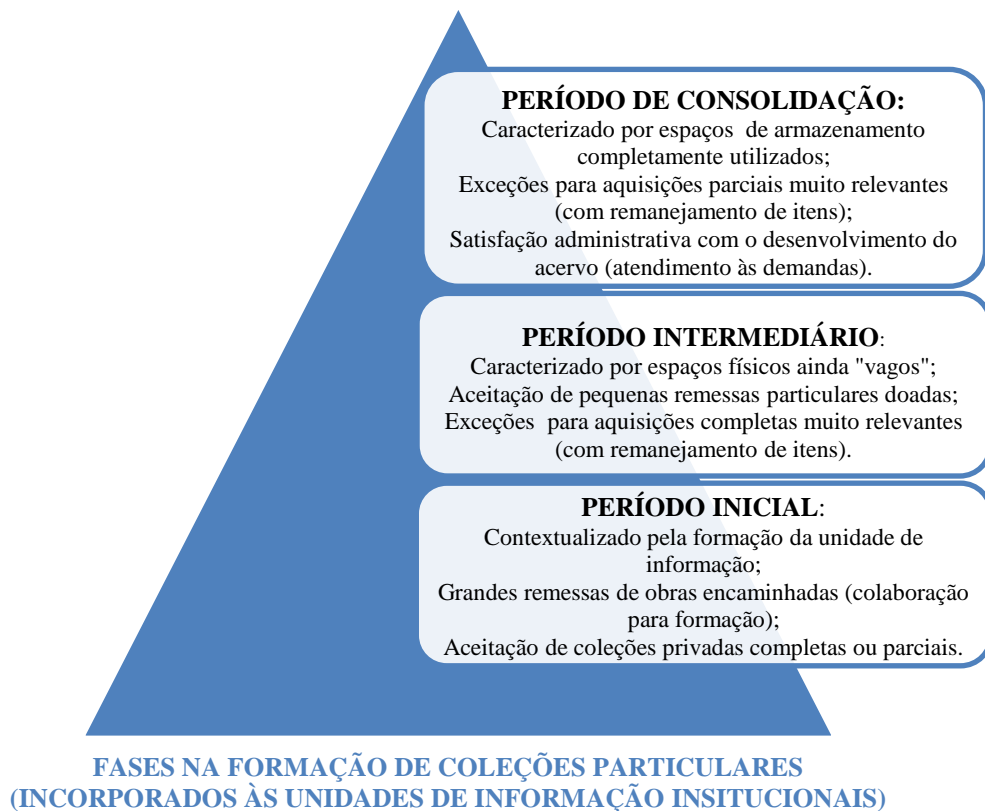


Figura 30: Pirâmide de inclusão de bibliotecas particulares em instituições.

Fonte: Elaboração do autor (2016).

Temos, portanto, a **visão do bibliotecário** para o enfoque de raridade, ou seja, a própria experiência adquirida no dia a dia da instituição, acrescida da pesquisa bibliográfica e da análise material.

Durante décadas a biblioteca examinada neste trabalho esteve sob os cuidados de Antonio Gabriel Fonseca Junior, neto de Octavio. Foi ele o responsável por este patrimônio, que permanecia no apartamento onde morou o casal, no Rio de Janeiro. O livro *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira* (Rio de Janeiro: Contra capa, 2011), que apresenta uma seleção de itens, e que tem o próprio Fonseca Junior como um dos autores, torna-se uma importante fonte que mostra a **visão do então "gestor"**. Eis o segundo enfoque correspondido, já que ele mesmo presenciou boa parte da formação da biblioteca. Deste modo, ainda que haja o “desconhecimento” bibliológico e catalográfico do conjunto, observa-se a afeição pelo “valioso”, por constituir parte da história familiar (cf. PINHEIRO, 1989, p. 21).

A **visão do usuário** pode ser sintetizada pelas considerações de Luciana Viégas, coordenadora de três livros<sup>39</sup> que reúnem artigos publicados por Lucia em vários momentos de sua carreira, além de uma tese que também trata da romancista. Retomemos com atenção suas ponderações, apresentadas no início deste estudo. Conforme sua análise, a biblioteca seria o “testemunho” de uma época da inteligência no Brasil, formando uma “rede de significados compacta e relevante”<sup>40</sup>. Esta afirmação sistematiza, portanto, as perspectivas para enfoque de raridade.

O aspecto ora apresentado nos oferece um caminho confortável para o exame material das obras, com a convicção de estarmos indagando sobre documentos que seriam importantes, no mínimo, pelo fato de terem pertencido a quem pertenceram. Afinal, qual seria o bibliotecário que assumiria uma postura de passividade frente a uma massa bibliográfica que pertencera a Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira ou Rachel de Queiroz? Descrever e analisar bibliotecas de intelectuais ou é uma ação motivada pela inquietação investigativa, ou nela resulta.

Reunidos estes elementos basilares, falaremos agora dos critérios de raridade, adotados desde 2010, pela Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto. Sua elaboração acontece

---

<sup>39</sup> Lucia Viégas publicou as seguintes obras: *A leitora e seus personagens* (1992); *Escritos da maturidade* (2005); *O século de Camus: artigos para jornal 1947-1955* (2015) e a tese *Escrever para compreender: uma leitura dos escritos da maturidade de Lucia Miguel Pereira* (2012).

<sup>40</sup> Entrevista concedida especialmente em colaboração à Monografia “Lucia Miguel Pereira e sua biblioteca: do particular ao literário”, do curso de Especialização em Jornalismo Cultural. Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Junho de 2013.

diante da necessidade de seleção de obras da Coleção Francisco Campos, processo já descrito. Os critérios escolhidos tornam-se, portanto, extensivos às demais coleções de memória da BMVS – aquelas atuais e as possivelmente incorporadas no futuro, total ou parcialmente.

Para a compilação dos critérios, foram pesquisados artigos sobre o tema, além de instituições que atuassem na gestão de obras raras. Na ocasião, elegeram-se como base os critérios de raridade adotados pela Fundação Biblioteca Nacional<sup>41</sup>, e pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul<sup>42</sup>, realizadas as adaptações necessárias às especificidades do Centro de Estudos Jurídicos da PGE-RJ.

## 5.2 Sobre a eleição das 20 obras mais valiosas

No livro *Elementos de Biblioteconomia*, publicado em Portugal no ano de 1943, Joaquim Costa, então diretor da Biblioteca Pública Municipal do Porto, apresentou uma lista relevante de categorias de obras consideradas por ele como “espécies preciosas e raras”. Costa ressalta que nas bibliotecas, “além dos livros impressos, de um mérito maior ou menor, segundo as circunstâncias que venham a contribuir para valorizá-los, convém destacar as espécies que podem ainda tornar-se excepcionalmente preciosas”.

Eis as categorias elencadas pelo autor à época, seguidas de suas respectivas descrições (COSTA, 1943, p. 27-30):

1 *Manuscritos* – “Livros de escrita manual, de merecimento variável, segundo a origem ou proveniência, a matéria que contenham ou a raridade que se lhes atribua, são considerados, por vezes, como exemplares muito valiosos nas coleções de uma biblioteca. Alguns deles são iluminados, em condições de um brilho magnífico, constituindo verdadeiras obras de Arte, ou peças singularmente maravilhosas”;

2 *Cimélios* – São “obras preciosas, e contam-se entre os melhores tesouros que se guardam nas Bibliotecas”;

3 *Calcógrafos* – Exemplares raros, “em certos casos, muito belos, de livros gravados sobre cobre”;

---

<sup>41</sup> CRITÉRIOS de raridade empregados para a qualificação de obras raras, [2000?].

Disponível em: <planorweb.bn.br/documentos/criterioraridadedioraplanor.doc>. Acesso em: 5 maio 2015.

<sup>42</sup> RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, 2006.

4 *Autógrafos*<sup>43</sup> – Frequentemente muito importantes, “sobretudo quando tenham saído da mão de escritores eminentes ou individualidades de destaque, e que possam constituir exemplares excepcionais para o estudo de uma ou outra personalidade, ajudando a projetar sobre ela alguma luz. São, em geral, trabalhos manuscritos que não chegaram a constituir obras completas e independentes, de certo vulto, como cartas, páginas originais ou papéis avulsos, destinados ou não a serem impressos”;

5 *Apógrafos* – A “cópia, mais ou menos fiel, de um escrito original. Alguns deles podem considerar-se como muito importantes e constituem subsídios de elevado mérito nas coleções das Bibliotecas públicas ou particulares”. Juarez Bahia (2010, p. 28) acrescenta ainda que o apógrafo seria justamente o oposto do autógrafo;

6 *Palimpsestos* – Manuscritos “de autores antigos, feitos sôbre pergaminho, e em que outra escrita foi lançada pelos copistas medievais, depois de terem apagado e delido previamente os textos primitivos”;

7 *Paleótipos* – “Devem ser citados entre as espécies raras mais antigas, pois a sua própria grafia revela essa antiguidade e a faz ressaltar”. Faria e Pericão (2008, p. 546) lançam luz sobre esta definição, informando que este termo, “caído em desuso, designava um incunábulo anterior a 1470”;

8 *Ex libris* – Obras com “simbólicos desenhos ou marcas [...], muitas vezes de grande beleza decorativa e heráldica, e que modernamente têm tentado os mais requintados colecionadores”;

9 *Quirótipos* – “Em que pode ver-se o texto original ao lado do que foi revisto, são particularmente valiosos, sobretudo quando formam verdadeiros livros anotados por personalidades célebres, tanto em Ciência como nas Letras ou na alta Cultura”. Livro contendo observações e acréscimos manuscritos do autor (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 614);

10 *Xilógrafos* [ou *xilografados*, *xilogravados*] – “São também livros excepcionais de elevado merecimento, para cuja impressão foram utilizadas placas de madeira, que, às vezes, são verdadeiras obras primas, e de uma raridade indiscutível”;

11 *Catenati* [ou *catenatus*] – “Livros encadeados ou presos por cadeias nas antigas Bibliotecas, sendo prática corrente em algumas delas, ainda no século XVII”;

12 *Incunábulos* – Livros impressos até 1500. “Assumem, em certos casos, um valor, que é difícil graduar, dada a sua estranha e incomparável raridade e nobreza”.

---

<sup>43</sup> O sentido do termo aplicado nesta lista, especificamente, difere daquele utilizado por Stefanie Freire (2013).



Os doze tópicos destacados por Joaquim Costa em meados do século XX, embora ainda válidos, apontam para o estado de mutabilidade e necessidade de pesquisa para determinação dos critérios de raridade bibliográfica a serem adotados por uma instituição. Muitos deles não refletem a realidade de salvaguarda da maioria de nossas unidades de informação, feitas algumas breves ressalvas com a Biblioteca Nacional brasileira e outras de caráter mais ou menos secular. Evidentemente, nem tudo que se aplica à biblioteca “A”, será adequado à biblioteca “B”. O caráter histórico e os objetivos de cada órgão devem ser aferidos antes da tomada de decisão sobre o que será tido como obra de elevado valor.

Mesmo aquelas bibliotecas ditas modernas, cujo acervo possa ser considerado corrente e atualizado, poderá guardar exemplares atraentes e de feitura esmerada, com tiragens limitadas ou para colecionadores, contendo grandes atrativos gráficos. Nem por isso, deixarão de ser vistas como raridades.

Após o embasamento para a seleção das publicações consideradas raras no escopo desta pesquisa, resumimos, de forma indicativa, as referências de cada exemplar e seus critérios correspondentes. Esta indicação tem o papel de situar o leitor de forma mais sistematizada, sendo alicerçada pelos preceitos:

<p>1) CRITÉRIOS DE RARIDADE (PGE-RJ/BMJVS)</p> <p style="text-align: center;">+</p> <p>2) OBRAS INDICADAS NO LIVRO <i>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</i></p> <p style="text-align: center;">+</p> <p>3) OBSERVAÇÃO E VERIFICAÇÃO “IN LOCO”, PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</p>
---

Naturalmente, os pontos 2 e 3 irão corroborar o ponto 1, pois estarão abarcados em algum tópico eleito para a determinação de raridade bibliográfica. A descrição das obras e suas respectivas análises bibliológicas serão dispostas posteriormente. Para a interpretação deste quadro, consideram-se os seguintes critérios de raridade efetivamente adotados pela Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto:

a) obras impressas no Brasil até 1860<sup>44</sup>;

<sup>44</sup> Uma explicação bastante razoável para a delimitação desta data, apresentada por Márcia Carvalho Rodrigues (2006, p. 118), está no fato de observarmos o “atraso no desenvolvimento da imprensa em certas regiões do

- b) obras impressas, em outras partes do mundo, até 1800<sup>45</sup>;
- c) tiragens limitadas (até 300 exemplares)<sup>46</sup>;
- d) obras com anotações manuscritas (assinadas ou com dedicatória), de personalidades;
- e) livros que conservem alguma particularidade, como encadernações de colecionadores ou de luxo;
- f) obras impressas em papel especial;
- g) obras com ilustrações reproduzidas por métodos artesanais, como xilogravura ou metal;
- h) itens com marcas de propriedade (ex libris, ex dono, super libris), pertencentes a figuras eminentes;
- i) obras que revelem caráter de unicidade, a partir de pesquisas bibliográficas;
- j) primeiros fascículos de periódicos, de grande importância<sup>47</sup>;
- l) edições consagradas, não reeditadas.

Embora Octavio tenha seu nome vinculado à figura do historiador, vale lembrar que ele também atuou como crítico, com razoável colaboração na imprensa. Aos 42 anos inicia sua carreira como historiador, dedicando-se, por completo a esta atividade (RODRIGUES, 1960). Este fato imprime ainda mais sentido a uma biblioteca, como dissemos, “de casal”. Tal situação nos faz dar ênfase às publicações que:

- a) Tenham como tema principal o assunto Literatura e seus desdobramentos (poesia, crônica, romance, ensaios, etc.);
- b) Apresentem anotações manuscritas por Lucia;
- c) Contenham dedicatórias à Lucia, apenas;
- d) Contenham dedicatórias à Lucia e Octavio;

---

Brasil”. No Amazonas, por exemplo, segundo dados apresentados por Rodrigues, a instalação irá ocorrer somente em 1854.

<sup>45</sup> Esta data, conforme indica Rodrigues (2006, p. 117-118), é convencionada para obras impressas no mundo inteiro, “excetuando o Brasil, devido ao fato de a imprensa ter se difundido no Ocidente entre os séculos XVI e XVIII de maneira irregular, tendo chegado mais cedo a algumas localidades e mais tardiamente a outras. Nesse período, o livro impresso ganhou face industrial, quando sua produção em papel artesanal perdeu representatividade”.

<sup>46</sup> Excluímos deste critério as “tiragens por demanda”, tidas como de baixa qualidade e de autores desconhecidos.

<sup>47</sup> Nesta pesquisa iremos descartar a análise de periódicos em razão das características tipológicas distintas (muitos volumes para a mesma publicação) e o tempo disponível para a realização do levantamento. Concentramos nossos esforços no exame de publicações em formato livro.

- e) Sejam edições diminutas, curiosas ou com “características que lembrem o feminino”<sup>48</sup> (Figuras 31-32), como encadernações em tecidos estampados, floridos ou em cores amenas;
- f) Sejam literárias, setecentistas ou oitocentistas.



Figura 31: Mulher lendo, sentada, com um livro de encadernação clara, nas mãos.  
*Leitura*, Almeida Júnior (1892).  
 Fonte: BORTOLANZA, 2014, p. 433.

<sup>48</sup> Na pintura, com certa frequência, as mulheres leitoras eram representadas empunhando livros encadernados em cores como rosa, verde e amarelo, em tons amenos. Bortolanza (2014, p. 424) destaca também que “as mulheres foram retratadas de múltiplas formas: solitárias e acompanhadas, distantes e atentas à leitura, mas repetidamente representadas em uma relação intimista com o escrito, quase sempre em espaços privados”. A biblioteca particular e residencial, e por extensão, a relação dos leitores com seus livros, é uma das mostras mais interessantes de uma liberdade de apropriação e, por conseguinte, de produção e reprodução. A própria história das práticas de leitura, como sugere Roger Chartier (1999, p. 78), a partir do século XVIII, “é também uma história de liberdade na leitura”. Segundo o teórico, é neste século que as imagens passam a representar os leitores na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama, ou seja, o leitor se apropriando intimamente do objeto. O *libellus*, por exemplo, é o livro “que se pode levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão” (CHARTIER, 1999, p. 9).

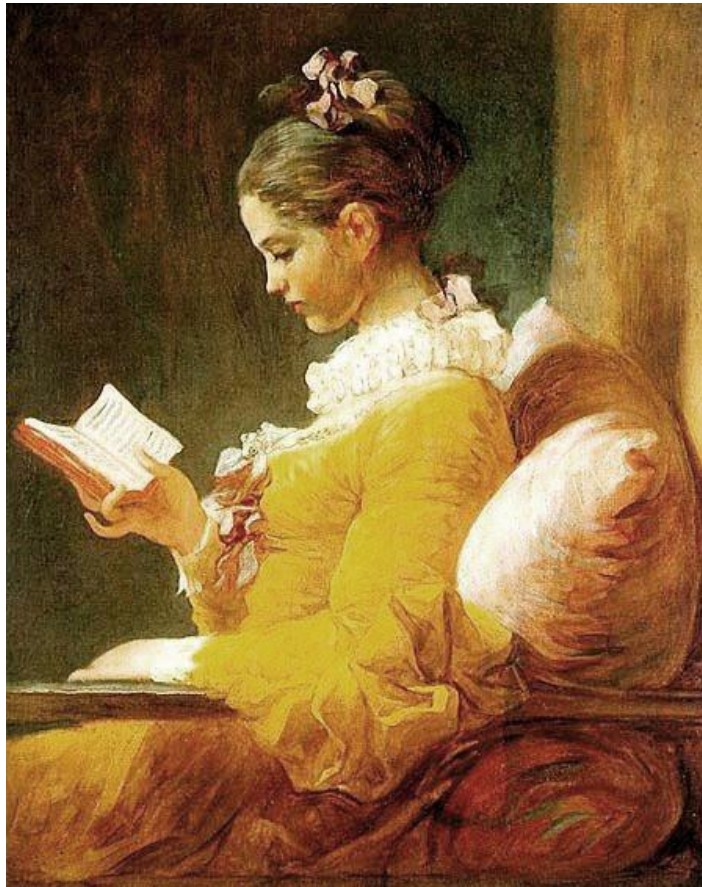


Figura 32: Nesta pintura, de Jean-Honoré Fragonard (ca. 1770-1772 ), percebe-se o livro diminuto (de bolso), com cortes laterais em dourado, seguro delicadamente pela leitora. Sendo leve, era sustentado por longo período, com uma das mãos.

Fonte: Site Peregrina Cultural (2012).

Em geral, os livros encadernados figuram em primeira fileira nas estantes da biblioteca. As obras em formato brochura foram armazenadas nas filas traseiras, o que oferece melhor efeito estético. Esta disposição favoreceu à busca visual por obras com encadernações mais atraentes, dotadas de lombadas e nervuras gravadas em dourado ou revestidas em pergaminho e ainda aquelas armazenadas em caixas-estojo, possíveis edições de luxo.

As listas referenciais utilizadas neste levantamento, encaminhadas pelo doador à PGE-RJ, possuem as colunas “Posição original”, “Autor”, “Título”, “Local” e “Ano”. A partir de seu exame, durante o inventário realizado, foram confrontadas e sinalizadas as obras pertencentes aos séculos XVIII e XIX. As referências a livros com dedicatórias, após a constatação de sua presença física, foram marcadas à margem com a letra “D” e as que possuíam anotações manuscritas, com a letra “A”. Sistematizamos a escolha da forma que segue:

1 Diante do exame das listas referenciais, observando-se as marcações "D", foram selecionadas, para análise bibliológica, as obras dos autores considerados mais célebres;

2 Buscamos no catálogo online, pelo referido autor, todas as obras disponíveis para consulta, para comparação entre as dedicatórias do mesmo;

3 No quesito "anotações manuscritas", sinalizadas pela letra "A", foram escolhidas aquelas de punho da escritora.

4 As obras anteriores a 1860 foram selecionadas para exame, dado seu número reduzido na coleção, e eleitas as de maior beleza, preservação de suporte e acréscimos artísticos (encadernações, gravuras, vinhetas, etc.).

Por vezes, ao manusearmos exemplares de determinada prateleira, em busca de um título específico, nos deparamos com outros itens dedicados, fato que agregou ainda mais dinamismo à investigação. Como exemplo, citamos o caso de *Lampião*, de Rachel de Queiroz, encontrado quando buscávamos pela crônica *O homem rouco*, de Rubem Braga.

Notamos que mesmo com a consulta ao livro *Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira*, fonte bastante expressiva para este estudo, e que já apresentara ao público algumas raridades pertencentes ao casal, não poderíamos, na atividade de pesquisa, reproduzir tão somente informações sobre exemplares elencados naquele livro, deixando, assim, a apuração na própria coleção. Assim o fizemos, na expectativa de novas descobertas, com resultados bastante satisfatórios.

Diante do exposto, formalizamos a seleção de obras consideradas raras, dentro dos critérios eleitos pela Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto, aplicáveis aos acervos de memória nela incorporados, a exemplo deste, sobre o qual discorreremos. Ao final de cada referência, consta a localização original das obras.



(Continuação)

PUBLICAÇÃO (Autor, título e imprensa)	Impressa no Brasil até 1860	Impressa, em outra parte do mundo, até 1800	Tiragem limitada (até 300 exemplares)	Anotações, assinadas ou com dedicatórias	Contém particularidades*	Impressa em papel especial	Ilustrações reproduzidas por métodos artesanais	Marcas de propriedade	Unicidade	Primeiros fascículos de periódicos (descartado)	Edições consagradas, não reeditadas
<b>16) QUEIROZ, Eça de. Os Maias:</b> episódios da vida romântica. Porto: Lello & Irmão, 1951. (D1).											
<b>17) QUEIROZ, Rachel de. Lampião:</b> drama em cinco quadros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. (D2a).											
<b>18) RACINE, Louis. La religion, et la grace, poèmes.</b> Paris: L. de Bure, 1826. (N5).											
<b>19) RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere:</b> (obra póstuma). Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. (L3).											
<b>20) TELLES, Lygia Fagundes. Ciranda de pedra:</b> romance. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1955. (Coleção Contemporânea, 6). (D2a).											

\*Observações sobre particularidades:

**Item 2:** O livro *Aspectos da literatura brasileira* contém duas dedicatórias: do autor e do diretor da coleção (ver análise).

**Item 5:** No livro *Gonçalves Dias: esboço biográfico*, Manuel Bandeira menciona o estudo de Lucia Miguel Pereira na orelha da publicação, dando sentido ao teor da dedicatória destinada à autora (ver análise).

**Item 8:** O exemplar de *La Divina commedia* é uma edição liliputiana, publicada em 1900.

**Item 9:** O livro *La vita nova* possui encadernação em pergaminho.

**Item 16:** Em *Os Maias*, grande parte das anotações encontra-se nas guardas dos volumes, formando uma espécie de sumarização ou plano de leitura elaborado por Lucia Miguel Pereira (ver análise).

**Item 18:** O livro *La religion, et la grace* contém encadernação luxuosa, diminuta, com pastas gofradas e dourações (ver análise).

Fonte: Elaboração do autor (2016).

Seria atividade gratificante mapear uma amostragem documental mais ampla, incluindo as obras que marcaram os estudos não apenas de Lucia Miguel Pereira, mas de seu esposo, Octavio Tarquinio. Outrossim, consideramos que não seria apenas gratificante, mas, por dizer, justo - razão pela qual motivamos este exercício às futuras pesquisas. Porém, como todo estudo, somos limitados pelo tempo. Daí, julgamos razoável a análise de 20 itens, sabedores de que é possível, em momento oportuno, ir além.

Se esse tempo, às vezes favorável, às vezes até competitivo, impõe a escolha de uma abordagem, optamos pela parte da biblioteca mais relacionada às atividades de Lucia em seu papel de escritora, fato já destacado. Tal apontamento se dá em função da notória procura por obras pertencentes a ela. Em segunda instância está o fato de já termos iniciado um levantamento a respeito da estudiosa, e sua produção, no trabalho de conclusão de curso do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo Cultural da Faculdade de Comunicação Social da UERJ, em 2013.

Somente as circunstâncias acima mencionadas poderiam promover, no contexto que aplicamos aqui, uma ruptura de olhares sobre a coleção. A ligação harmoniosa entre o casal, do ponto de vista intelectual, é tão intensa que fica o sentimento de um hiato momentâneo: a perda da oportunidade de refletir, ao mesmo tempo e no mesmo trabalho, sobre a formação de uma biblioteca concebida por um casal de intelectuais tão atuantes. Mas, como dissemos, essa “perda” momentânea pode ser converter em ganhos acadêmicos futuros, onde depositamos as sinceras expectativas.

### 5.3 O conhecimento sobre o livro, a Bibliologia e seus recursos

Falar sobre Bibliologia tem deixado de ser algo que cause espanto em boa parte dos profissionais. Embora haja um grande número de bibliotecários, gestores ou não, dedicando tempo de seus relatos e pesquisas à temática, ainda devemos difundir conceitos dicionarizados e aceitos em nossa comunidade crítica, ampliando os horizontes sobre o conhecimento do objeto livro.

A construção de uma obra bibliográfica é munida de inúmeros processos e etapas até sua conclusão, ou seja: sua formação enquanto item de desfrute intelectual e representativo. Paul Otlet assegura que o livro era objeto de maior divisão do trabalho e cooperação que existia, uma vez que parte de um projeto intelectual, do qual participam diversos atores até sua materialização. Ele observa que existe um ciclo, uma vida ou fase do livro (OTLET, 1934, p. 248), que se apresenta da seguinte forma:

**Elaboração intelectual** (redação e composição);

**Produção material** (imprensa, reprodução, multiplicação);

**Descrição** (catalogação, bibliografia);

**Crítica** (o juízo sobre a obra);



**Distribuição e circulação** (transportes, depósito legal, intercâmbios);

**Conservação** [medidas para manutenção e preservação];

**Utilização** (leitura, consulta e pesquisa) e

**Destruição** (acidentes e o fim do livro).

A produção do livro é vista como fruto da coletividade, que por sua vez é norteada por regras para cada operação. Segundo o pensamento otletiano, a elaboração das ideias é independente de sua redação, mas isso não denota negligência à sua materialização textual (OTLET, 1934, p. 248-249). Entender este grande e complexo processo de elaboração física, intelectual e cultural que envolve o livro é fundamental dentro da prática da análise bibliológica e da gestão de coleções especiais.

Como identifica Brunno Vieira (2015, p. 10), por mais que sejam animosos e animados com a profissão, os bibliotecários nem sempre sabem como lidar com a crescente demanda de espaço e preparação técnica dos conjuntos de volumes ditos especiais. Falar em “preparação” é falar também sobre análise e descrição, foco principal neste tópico.

Para Andre Araujo, temos diante de nós o debate e a troca de experiências sobre a raridade bibliográfica, tão presente nas instituições de informação e de memória. “Tal debate deve ser conduzido de forma crítica, de modo que a problematização atravesse a raridade bibliográfica para além das práticas e dos fazeres” (ARAUJO, 2015, p. 15). Araujo aponta ainda que independentemente da abordagem em que a raridade seja estudada, é importante que ela esteja fundamentada por conceitos teóricos, “sem deixar de lado a ideia de que, no fazer científico, conceitos teóricos não são elementos verdadeiros ou falsos: são construções planejadas que desempenham um determinado papel” (ARAUJO, 2015, p. 15).

No âmbito dos conceitos teóricos, faz-se necessário situar um em especial: o conceito de *Bibliologia*, corpo teórico largamente utilizado neste trabalho. Será justamente a organização material de cada exemplar que norteará as análises realizadas. Instrumentalizados com este nível de descrição, é possível aferir talvez não monetariamente o valor de cada obra (ainda que seja possível em alguns casos), mas o sentido simbólico do corpo material. Vejamos algumas definições sobre os verbetes “Análise bibliológica” e “Bibliologia”, empregados na literatura especializada:

<b>QUADRO DE CONCEITUALIZAÇÃO</b>	
<b>Análise bibliológica</b>	Técnica de colacionar os aspectos intrínsecos e extrínsecos à produção de um exemplar (GREENHALGH; MANINI, 2015, p. 22).
	Consiste no “exame da organização material do item e o reconhecimento de seus elementos, para descrevê-lo como monumento, a partir de terminologia específica, amplamente dicionarizada e referenciada. [...] Através do exame do item, folha a folha, página por página, conferindo sua numeração, reclamos e assinaturas, perscrutando a página impressa ou gravada para ressaltar as características materiais que atribuem importância à edição e às marcas do tempo, personaliza-se o exemplar” (PINHEIRO apud GREENHALGH; MANINI, 2015, p. 22).
	Sendo uma descrição minuciosa das características de cada exemplar, pode ser a ferramenta que ajudará na identificação dos exemplares, de modo que seja possível dizer sem dúvidas a propriedade dos livros, além de funcionar como orientação ao bibliotecário no momento de disponibilizar a obra para consulta, visto que, por meio das informações adquiridas com esta técnica, disponíveis no registro catalográfico da obra, saberá suas principais características (GREENHALGH; MANINI, 2015, p. 18).
	Técnica de descrever o livro página a página, procurando estabelecer todos os pontos que o individualize com relação aos demais, seja pelas características intrínsecas à produção do livro – como a adoção de gravuras, erros de paginação, de impressão – ou pelas características extrínsecas, onde serão levantadas todas as marcas que foram adquiridas ao longo dos anos de uso daquele volume, como anotações, Ex libris, assinaturas, carimbos, entre outros aspectos (GREENHALGH, 2014, p. 85)
<b>Bibliologia</b>	Ciência do livro, o corpo teórico da Análise Bibliológica que, por sua vez, implica o exame minucioso, o colacionamento do livro raro página-por-página (RODRIGUES; CALHEIROS; COSTA, 2007).
	Ciência do livro; ciência da comunicação escrita. Arte de discorrer sobre os livros e de falar deles com pertinência, tanto no que respeita à sua temática, como à sua história. História crítica dos livros incluindo sua origem, tema, tinta e forma interior e exterior [...] (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 98).
	Bibliologia é a disciplina do livro que o examina do ponto de vista de sua sistematização orgânica, como um todo composto de elementos materiais de suporte (folhas, cartões, peles, linhas, cola), de elementos materiais de representação simbólica (tintas, furos – nos livros de Braille – , cores) de elementos de eficaz disposição dos símbolos (tipos, letras, imagens, objetos visuais e tácteis), a fim de que a mensagem se possa consumir em sua finalidade de comunicação e expressão, com a completude possível (HOUAISS, 1983, v. 2, p. 41).

Fonte: Elaboração do autor (2016).

Respeitados as passagens e períodos históricos em que estes termos tenham sido utilizados, nota-se seu perfeito enquadramento no plano da materialidade dos registros de conhecimento, notadamente aqueles grafados sobre o couro, pergaminho e papel. Desta forma, tendo sido adotadas as práticas da análise bibliológica pelo bibliotecário curador do acervo, muitos são os benefícios a serem usufruídos pela unidade de informação.

Obviamente, sua adoção não se mostra um escudo intransponível. Deve-se atentar às muitas formas de dano, a exemplo do furto em suas mais diversificadas formas de subtração, chegando à mão armada. Lembremos do caso CCLA, com grande repercussão à época. No dia 8 de agosto de 2013, uma quadrilha invadiu o Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA) de Campinas e roubou grande quantidade de livros raros, além de outras obras importantes.

Funcionários e pesquisadores da instituição, que estavam no local, foram feitos reféns, amarrados e amordaçados enquanto os bandidos recolhiam itens de uma sala reservada.

A ação teve início às 16h e durou cerca de 1h15. De acordo com os funcionários, cinco bandidos armados [...] renderam ao menos 13 pessoas que estavam no 2º andar do prédio, localizado na Rua Bernardino de Campos, no Centro. Um frequentador do CCLA, de 47 anos, tentou fugir durante a abordagem e foi agredido com chutes [...]. As vítimas foram levadas de duas em duas para uma sala no 3º andar, onde tiveram mãos e pés amarrados e foram amordaçados com fitas. “Eles disseram para não nos preocuparmos, porque levariam apenas o que eles foram buscar”, lembra a coordenadora cultural Juraci Beretta Rodrigues da Silva, 65 anos. “Eles sabiam o que queriam, porque foram direto na sala dos livros raros, sem perguntar nada.” Um livro enviado por um imperador russo e uma carta enviada por um imperador chinês, ambas destinadas à Campos Sales, que estavam em um mostruário no corredor no 3º andar, foram recolhidos pelos bandidos. Ainda não há um levantamento de quantos e quais livros foram roubados da sala [...] há apenas a certeza de três obras importantes, também do acervo de Campos Sales. “De qualquer forma são obras raras ou até preciosas, e não se encontra outras iguais. Algumas da época de 1800”, comenta o presidente do CCLA Marino Ziggiatti. “Não tem valor, é inestimável. O valor maior é histórico” (QUADRA, 2013).

Não há procedimento de análise ou descrição que impeça uma ação como essa. Mas a identificação e descrição minuciosas do exemplar certamente legitimam a posse e devolução em ocasiões em que as obras sejam recuperadas pelas autoridades.

Alguns meses após o roubo a quadrilha foi presa pela polícia civil. “De acordo com a Secretaria de Segurança Pública (SSP), com os suspeitos foram encontrados quadros do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (CCLA), levados pelo grupo em agosto. No

total, 39 obras foram apreendidas durante a operação”, informou a matéria publicada pela página de notícias “G1”<sup>49</sup>.

Em sua tese *Segurança contra roubo e furto de livros raros: uma perspectiva sob a ótica da Economia do Crime e da Teoria da Dissuasão*, Raphael Greenhalgh apoia a ideia de “segurança”, presente na descrição detalhada de livros raros. Para o autor, a representação da informação presente em um livro raro pode ser usada como recurso que ofereça maior garantia. A análise bibliológica “que visa a descrever todas as características intrínsecas e extrínsecas à produção de um livro raro permite individualizá-lo, servindo como uma representação do objeto que permite identificá-lo em caso de roubo e furto” (GREENHALGH, 2014, p. 54).

Aqui cabe uma reflexão: é notório o fato de quadrilhas saberem como agir e o que levar, exatamente. É de extrema importância que o bibliotecário reconheça os valores embutidos sobre a coleção gerenciada.

Na concepção de Greenhalgh, a noção de livro raro como documento

permite que este seja objeto de estudo dos paradigmas cognitivo e social, quando considerado como informação-como-processo e informação-como-conhecimento; ou seja, quando o livro raro se torna parte das necessidades de informação dos usuários motivados por desejo próprio ou pelas relações sociais nas quais está inserido, que buscam a informação presente no “objeto” livro raro (GREENHALGH, 2014, p. 55).

Dessa forma, observar os detalhes que conferem às obras valores que despertem interesses alheios, deve ser uma das maiores preocupações do bibliotecário. As significações múltiplas (Figura 33) evidenciadas em suporte e informação atraem a atenção de toda sorte de leitores – os “bons” e os “maus”. Greenhalgh (2014, p. 56-57) justifica tal abordagem ponderando que o livro raro é um objeto informacional no todo e não apenas suporte. Em sua análise, o autor reforça a tese de que as características estéticas, a escolha da matéria-prima, o formato, a tipografia, entre outros elementos usados em um livro, refletem a memória individual daquele que exerce a profissão de encadernador, impressor, ou outro ofício ligado à impressão de livros, que cria um estilo próprio e que também reflete as características presentes na memória coletiva da sociedade em que este indivíduo está inserido.

---

<sup>49</sup> Veja a matéria *Polícia prende quadrilha e recupera obras raras roubadas em São Paulo*. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/11/policia-prende-quadrilha-e-recupera-obras-raras-roubadas-em-sao-paulo.html>.

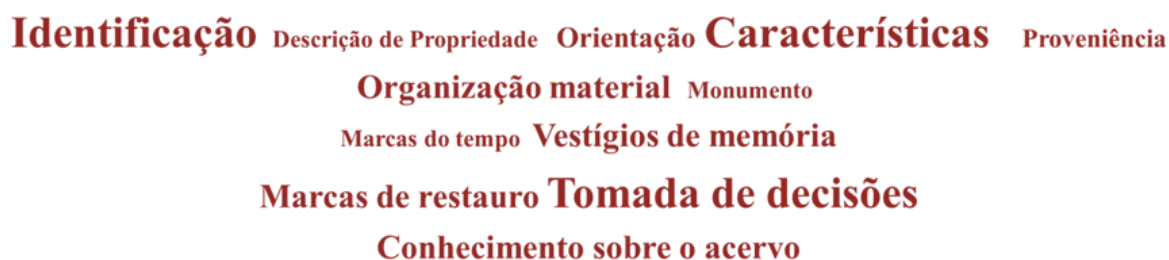


Figura 33: A análise bibliológica fornece um “conjunto tag”, ilustrativo, de elementos distintivos que podem auxiliar o bibliotecário no conhecimento e na gestão de obras especiais.  
Fonte: Elaboração do autor (2016).

A visão monumental do livro deve ter seu lugar reavido. Essa necessidade é debatida por Andre Araujo (2015, p. 16), partindo da ideia de que a Biblioteconomia de Livros Raros, “uma das disciplinas que fundamentam as pesquisas e as práticas ligadas à raridade bibliográfica”, explica o autor, embora seja constituída por conhecimentos provenientes do “diálogo com outras áreas, como a História do Livro, Bibliografia e Literatura, enfrenta uma batalha para que possa ocupar o seu lugar no campo dos estudos informacionais, documentais e sociais”.

Araujo complementa sua análise dizendo que “na verdade seria reocupar um espaço que já esteve mais presente, no passado, no campo da própria Biblioteconomia pela natureza de seus fundamentos e interesses” (ARAUJO, 2015, p. 16). Nesse caso, monumentalizar uma obra, extraindo dela “tudo” o que ela pode oferecer sobre sua confecção, circulação e marcha, não é mera perda de tempo<sup>50</sup>.

Desejo olhar mais para uma possível ampliação do objeto de estudo da área, ou seja, para além das coleções raras e especiais em si: seus contextos e forças que são produzidos a partir de suas representações documentárias, usos e apropriações. Para tanto, a discussão teórica parece ser o primeiro passo. Vivemos um momento crítico das disciplinas humanistas que lidam com a informação e o documento, uma vez que diariamente somos tomados

<sup>50</sup> Nesta perspectiva, Andre Araujo destaca a concepção de “livro raro”, mencionando que este valor emerge a partir da presença de algumas particularidades que o difere do livro “tradicional” ou corrente. Evocando o pensamento de Nathason e Vogt-O’Connor, salienta que em sua definição tradicional, um livro raro é aquele que possui um valor maior pelo fato da procura exceder o seu fornecimento. “Tal procura se deve a algumas características do livro raro, tais como: importância (ligado ao seu contexto de produção e utilização); escassez (fator decisivo para o estabelecimento de raridade, quando associado a outro critério); idade e imprensa; condição (qualquer deterioração pode diminuir o valor de mercado do livro); propriedades físicas e estéticas; associação (ligada ao seu proprietário) e assunto (fator não determinante para raridade, mas relevante)” (ARAUJO, 2015, p. 19).

pela avalanche de informações e pela ressonância de uma concepção de informação desprovida de fisicalidade. Esta concepção parece ter criado sua marca nas disciplinas ligadas ao campo informacional e documental, como é o caso da Biblioteconomia que, nos últimos anos, demonstrou maior interesse e dedicação às tecnologias da informação e comunicação e às práticas de gestão, sob uma perspectiva quase que a-histórica. Esta questão teria conduzido ao desinteresse pelo estudo da raridade bibliográfica de forma contínua e integrada no contexto da Biblioteconomia (uma vez que a raridade já era objeto da área em suas origens). Os estudos de raridade bibliográfica caminharam nos últimos anos quase que por uma via autônoma e paralela aos demais estudos informacionais e documentais, vide a configuração de publicações e eventos específicos que, raramente, permitem uma discussão mais transversal com os estudos atuais no campo da informação e do documento (ARAUJO, 2015, p. 16).

Podemos concluir que nenhum bibliotecário ou gestor de instituições de memória poderá aferir o valor informacional (conteúdo) de todas as obras de uma biblioteca. Tal capacidade pode ser vista tão somente em livros e filmes de ficção. Mas, certamente, procedimentos de análise permitirão observar, em bom grau, o valor material dos itens de seu acervo – chamariz para as atenções de visitantes, pesquisadores e até mesmo membros de quadrilhas especializadas em roubo e furto de obras raras e preciosas.

Uma vez entendido como um juízo público, a atribuição de raridade é muito mais do que uma ação técnica, individual. Trata-se de uma experiência social e cultural (ARAUJO, 2015, p. 21). Considere-se ainda que o fato de o livro raro não possuir uma definição evidente, destaca Andre Araujo, requer que o seu estudo e entendimento se dê a partir “de sua compreensão como documento: afinal, o livro raro resulta da história do impresso, do livro e da edição e, como conjunto, reflete a introdução de determinadas técnicas e estética” (CAMARGO apud ARAUJO, 2015, p. 21).

Para Araujo (2015, p. 21), a dimensão documental do livro raro também está no fato de que o “seu reconhecimento, conceituação, aquisição, organização, uso e difusão só são possíveis a partir da atribuição dos significados que são dados a ele, em um tempo e espaço determinados”. O autor problematiza a questão Raridade x monumentalidade onde residiria um problema para as instituições de memória e curadores. Ele enfatiza tal análise, apontando que a problematização faz repensar o papel dos tradicionais critérios para definição de livros raros dentro de um processo mais amplo de gestão. Assim, observa que isso leva à reflexão sobre os valores atribuídos a determinadas coleções com base em intencionalidades institucionais.

O que quero colocar em evidência é que a falta de debate conceitual e de reflexão contínua sobre os saberes e fazeres que envolvem a gestão de coleções raras e especiais faz com que instituições e curadores, por vezes, monumentalizem suas coleções, bem como os instrumentos criados a partir dessas. Um exemplo clássico é o uso alargado, automático e por vezes pasteurizado dos critérios para estabelecimento de raridade da Biblioteca Nacional (BN), em grande parte das bibliotecas de nosso país. Em nosso entendimento, estes critérios devem funcionar como princípios e referências e não, necessariamente, como instrumentos totais, uma vez que as instituições diferem umas das outras e que os significados dados aos documentos podem ser outros. Outro aspecto a se considerar é que bibliotecas são equipamentos culturais que possuem histórias distintas e colecionam livros e documentos sob motivações diversas. É esta pluralidade que aponta para a necessidade de uma revisão crítica dos instrumentos de trabalho no campo da raridade bibliográfica que são colocados como únicos, tanto do ponto de vista profissional quanto social (ARAUJO, 2015, p. 22).

Neste discurso, Andre Araujo exprime um tom crítico, afirmando que “se torna arriscado a constante monumentalidade<sup>51</sup> que se faz, no campo da raridade bibliográfica em nosso país, das instituições, dos documentos auxiliares à gestão e mesmo dos curadores. Para ele, existem “vozes institucionais não reveladas que precisam ser expostas”.

Por essa razão, conhecer a anatomia da biblioteca – na qualidade de organismo inserido em uma instituição “maior” – é uma das premissas à gestão razoável e, conseqüentemente, às tomadas de decisão qualificadas. Dentre elas está a definição, preparo e levantamento sobre o que há de mais valioso nos acervos.

#### 5.4 Análise bibliológica das obras raras presentes na coleção

Esta etapa da pesquisa apresenta a formalização das obras eleitas como raras e suas respectivas análises. Todos os 20 exemplares são descritos de maneira textual e imagética a partir dos seguintes campos:

1 Referência;

2 Localização original;

---

<sup>51</sup> Araujo fala sobre sua aplicação do termo “monumentalidade”, informando que a utilização é a mais clássica, como tem sido adotada nas ciências humanas e sociais, a partir da concepção “documento/monumento” de Jacques Le Goff (ARAUJO, 2015, p. 22). Em Le Goff (1990, p. 25) encontramos ainda: “Novas leituras de documentos, frutos de um presente que nascerá no futuro, devem também assegurar ao passado uma sobrevivência – ou melhor, uma vida –, que deixa de ser ‘definitivamente passado’. À relação essencial presente-passado devemos pois acrescentar o horizonte do futuro. Ainda aqui os sentidos são múltiplos”.

- 3 Localização atribuída pela instituição;
- 4 Fotobibliografia ou descrição didascálica;
- 5 Indicação de dedicatória ou autógrafo, seguida de transcrição quando possível;
- 6 Descrição de elementos bibliológicos;
- 7 Marcas de proveniência;
- 8 Observações;
- 9 Nota de raridade/importância;
- 10 Registro imagético;
- 11 Referências consultadas.

O campo 1 seguirá os padrões da NBR 6023: *informação e documentação: referências: elaboração*. No campo 2 serão sinalizadas as indicações alfanuméricas originais, estabelecidas antes da transferência da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira para a PGE-RJ.

O campo 3 oferece a localização atribuída pela instituição. Segundo o *Projeto de descrição e análise do acervo de Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira* (2015, p. 5)<sup>52</sup>, cada exemplar ganhará uma localização fixa atribuída pela instituição, “com objetivo de garantir a rápida identificação da obra (diminuindo a possibilidade de “perdas” por armazenamento errôneo), uma vez que os exemplares possuem apenas a localização ‘Estante-prateleira’”, como segue (Figura 34).



Figura 34 Modelo de número de chamada: indicação única de prateleira.  
Fonte: PROJETO de descrição e análise..., 2015.

<sup>52</sup> Projeto iniciado em dezembro de 2015.



Segundo este documento, com a complementação da localização, um item marcado como M14, por exemplo, seria transformado na forma que segue:

M14 (Localização original)  
IV,004,015 (Localização fixa atribuída)

Sendo: IV = Estante; 004 = prateleira; 015 = número da obra na prateleira.

O projeto de descrição da biblioteca destaca que existem localizações adicionadas pela letra “a”, que remetem à guarda do exemplar nas fileiras traseiras<sup>53</sup>. Neste caso, a localização teria o mesmo arranjo. Ex.: IV,003a,021 (PROJETO de descrição e análise... 2015). Esta atividade torna-se um ganho importante para a salvaguarda de exemplares pois é concebida segundo os padrões da Biblioteconomia de Livros Raros.

O arranjo dos livros nas estantes da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, originalmente, ocupa as prateleiras em sua totalidade. As exceções ficam por conta de exemplares em grande formato, armazenados horizontalmente, caixas que guardam documentos antigos e as prateleiras que armazenam as duas gavetas em madeira, contendo fichas catalográficas. Tal disposição também fora reproduzida na ambientação atual.

Essa circunstância ratificou a adoção do Sistema de Localização Fixa no projeto de descrição e análise, pois se aplica a bibliotecas “onde a conservação do livro é condição para salvaguarda de seu conteúdo, porque os livros são organizados segundo sua materialidade” (PINHEIRO, 2007a, p. 33).

A movimentação constante do exemplar nas prateleiras – característica do Sistema de Localização Relativa – é praticamente descartada quando confrontada com os benefícios da localização fixa. Evita-se, desta maneira, “o chamado ‘andar com os livros’, ocasionado pela eventual, senão rotineira, intercalação de outros itens entre aqueles já oferecidos para consulta” (PINHEIRO, 2007a, p. 34). A preservação das obras é uma condição plenamente atendida pelo armazenamento em formato fixo, pois

promove, também, o aspecto de ordem e economia de espaços, porque permite a ocupação das prateleiras em quase 100% de sua capacidade de armazenamento, exigindo um mínimo de folga de entremeio, para oxigenação, manejo e circulação dos itens (retirada e inserção). Folgas maiores seriam alertas sobre a ocorrência de faltas ou quebra de seqüência,

---

<sup>53</sup> Originalmente a biblioteca de Lucia e Octavio possuía estantes com prateleiras duplas. A parte traseira era mais elevada, na forma de um degrau, evidenciando o item armazenado. É provável que esta configuração tenha sido adotada em função das limitações de espaço. Assim, visualmente, pode-se afirmar que a biblioteca apresenta o dobro do tamanho que pode ser visto pelo visitante.

favorecendo o controle [...]. Esse sistema viabiliza o controle mais imediato da circulação dos itens, na medida em que a retirada de cada um de seu ponto de acomodação é marcada pela inserção de “fantasma”, no local. O “fantasma” é um mecanismo de controle, que ocupa o lugar de acomodação do item enquanto este estiver em movimento” (PINHEIRO, 2007a, p. 34-35).

A retirada de livros da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira das estantes é sinalizada pela inserção de “fantasmas” em papel, com o preenchimento de dados sobre a obra e o pesquisador. Ana Virginia (2007a, p. 35) narra que os “fantasmas”, por tradição, eram feitos em madeira, contendo uma fenda onde a ficha com dados sobre a obra era inserida. A própria inadequação do material levou à substituição por recursos alternativos.

Um catálogo que demonstre ao pesquisador os pormenores contidos nos exemplares analisados é primordial à implantação do Sistema de Localização Fixa. As desvantagens desse sistema

perdem sentido desde quando o acesso livre, expresso na sua forma menos favorável para a função de preservação – o *browsing* (exame dos itens em prateleiras, um a um, folheando sumários, índices e miolos, em busca da resposta a uma questão, que pode estar ou não definida) – foi substituído pela pesquisa remota, que exige instrumentos de busca e recuperação eficazes (PINHEIRO, 2007a, p. 37).

Tendo em vista o pouco tempo desde a implementação do projeto, a localização fixa atribuída será indicada entre colchetes. Ex.: [VI, 002,004]<sup>54</sup>. A explicação está no fato de o processo de análise bibliológica das obras (que também está em curso na BMJVS) ainda não ter alcançado a parte da biblioteca que contém as obras de literatura, fato que deverá ser concretizado em breve. Todas as análises realizadas nesta pesquisa serão deixadas como contributo para o *Projeto de descrição e análise do acervo de Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira*.

O campo nº 4 refere-se à Fotobibliografia ou descrição didascálica da obra. Trata-se de um método de descrição delineado pelo bibliógrafo norte-americano Henry Stevens no último quartel do século XIX. Elege e reproduz, textualmente, a folha de rosto como fonte principal de informação. “A fotobibliografia constitui um recurso, que tira do estágio “zero” aquelas coleções que não foram submetidas a qualquer tratamento biblioteconômico; cria condições de controle sobre acervos de memória que devem ser salvaguardados; e tem caráter

---

<sup>54</sup> Algumas das futuras notações oficiais poderão não corresponder exatamente a estas que utilizamos na pesquisa. Portanto, não deverão ser consideradas como definitivas, devendo o pesquisador consultar o catálogo no momento de seu levantamento ou solicitar auxílio ao bibliotecário curador em caso de divergências entre as localizações.

permanente – seus dados e sua estrutura podem alicerçar ou incorporar-se a quaisquer outros métodos de descrição bibliográfica” (PINHEIRO, 2007, p. 4-5).

No 5º campo aparecerá a indicação de dedicatórias ou autógrafos, transcritas quando possível. Por dedicatória, entende-se a nota de autor que precede o texto de um livro, “na qual ele oferece a um amigo ou protetor como sinal de estima, homenagem, amizade ou gratidão ou como agradecimento de patrocínio” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 224).

A prática da dedicatória ganhou destaque e valor histórico uma vez que “os escritores, protegidos por reis e grandes senhores, deviam testemunhar publicamente os seus sentimentos em recompensa do benefício ou favor recebido”. Quanto à forma, são impressas ou manuscritas. “No primeiro caso, constam geralmente de uma homenagem sob forma de epístola-dedicatória ou inscrição, que o autor ou editor faz a alguém, enquanto que, no segundo, podem constar apenas de uma oferta” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 224).

Ressalte-se que, em sua dissertação, Stefanie Freire (2013, p. 39) esclarece que é importante não confundir dedicatória manuscrita com autógrafo. “O autógrafo, como conhecemos, nada mais é que a assinatura de alguém famoso. É algo impessoal que apenas indica um contato superficial de um fã com seu ídolo. Por sua vez, a dedicatória, principalmente a manuscrita, é capaz de transformar o exemplar dedicado em um repositório de verdadeiros textos literais, conforme a relação do dedicador com o dedicatário”. Neste espaço também será utilizado o recurso da Fotobibliografia. A pesquisa desenvolvida por Freire (2013, p. 22) demonstra sua aplicabilidade à descrição de dedicatórias, com êxito. “Esse método, que originalmente se restringe à transcrição de folhas de rosto, permite fácil adequação de seus procedimentos à análise de dedicatórias”.

O campo 6 destina-se à descrição de elementos bibliológicos tais como: letras capitulares, assinaturas, reclamos, vinhetas, anotações manuscritas, falhas de composição do exemplar, etc. Como base para esta etapa, seremos norteados, principalmente, pelo recente estudo de Ana Virginia Pinheiro: *Catálogo de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda*<sup>55</sup>. No campo 7 estarão sinalizadas, quando houver, as marcas de proveniência da obra como carimbos ou ex-libris. No campo 8 serão indicadas as observações do bibliotecário, quando necessárias.

O campo 9 é destinado às notas de raridade/importância sobre o exemplar analisado. Estas notas foram pesquisadas em fontes de rotina (catálogos e bibliografias) e extraordinárias (teses, artigos, sites). Elas são vitais para ampliarmos o conhecimento a respeito de cada

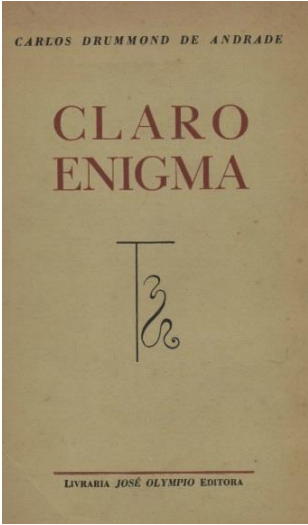
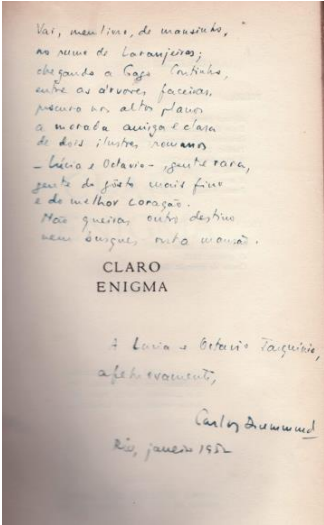
---

<sup>55</sup> Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 131, p. 185-213, 2011 (Rio de Janeiro, 2014).

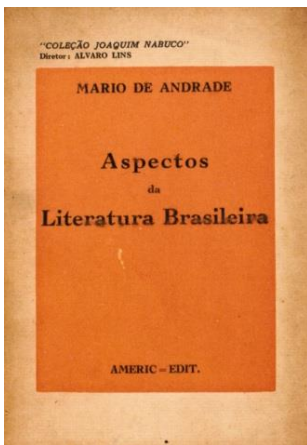
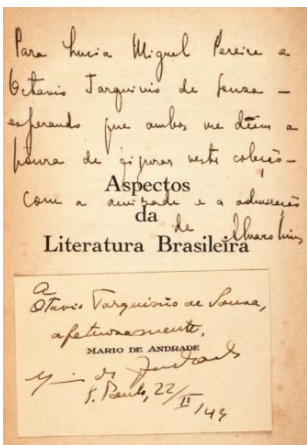
edição, bem como sua relevância dentro de determinado cenário social. No caso em que as obras estejam apenas arroladas nas fontes, sem teor expressivo à nota, faremos menção à publicação. Ex.: (CATALOGUE..., 1866, p. 77).

No 10º campo estarão inseridas 2 (duas) imagens referentes à identificação visual ao leitor, como página de rosto, gravuras, anotações manuscritas, dedicatórias - consideradas como particularidade de maior destaque no item.

A análise será finalizada pelo 11º campo. Neste, estarão apontadas as referências completas, utilizadas durante a elaboração de cada análise, principalmente na redação das notas de raridade/importância.

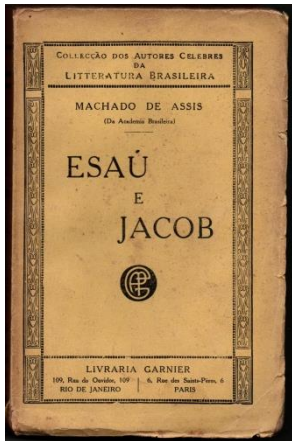
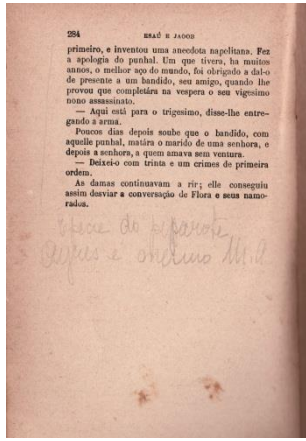
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 1</i>	
<b>1 Referência</b>	ANDRADE, Carlos Drummond de. <b>Claro enigma</b> : poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. 128 p., 23 cm.
<b>2 Localização original</b>	E3
<b>3 Localização atribuída</b>	[VIII.003.026]
<b>4 Fotobibliografia</b>	CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE // CLARO ENIGMA // <i>poesia</i> // 1951 // LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA // RUA DO OUVIDOR, 110 – RIO DE JANEIRO
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	Vai, meu livro, // de mansinho, no rumo de Laranjeiras; // chegando a Gago Coutinho, // entre as árvores faceiras, // procurando nos altos planos // a morada amiga e clara // de dois ilustres romanos // – Lúcia e Octavio –, gente rara, // gente de gôsto mais fino // e de melhor coração. // Não queiras outro destino // nem busques outra mansão. // A Lucia e Octavio Tarquinio, // afetuosamente, // Carlos Drummond // Rio, janeiro 1957 [falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: meia, capa dura, em couro azul e papel marmorizado (azul-amarelo-vermelho). Lombada gravada em dourado. Guardas em papel fantasia (verde-bege-azul); Inclui capa original; Páginas acidificadas; Caracteres romanos e aldinós; Manchas d'água; Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Este exemplar fez parte da exposição sobre obras da Biblioteca de Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, com dedicatórias de autores nacionais, realizada em maio de 2014 (PGE... 2014).
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	“O livro, de 1951, é considerado um rompimento no trabalho do autor por ser diferente do que ele fazia até então – Carlos Drummond de Andrade faz parte da segunda geração modernista da década de 1930” (SIMAS, 2013).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa original.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	PGE realiza mostra de livros autografados..., 2014. In: Procuradoria Geral: Notícias. Disponível em: < <a href="http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2073196">http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2073196</a> >. Acesso em: 2 mar. 2016.

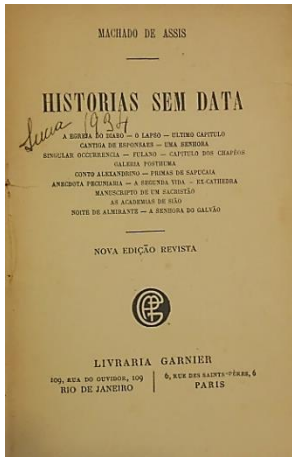
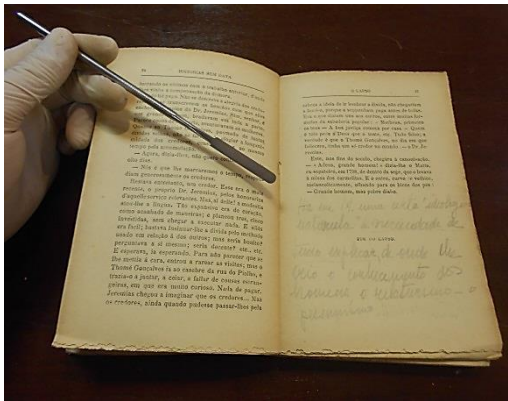
	SIMAS, Anna. Claro enigma mostra outra face de Drummond, 2013. In: Gazeta do Povo. Disponível em: < <a href="http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/vida-na-universidade/vestibular/claro-enigmamostra-outra-face-de-drummond-exkyprgelytnw0nh2atci3ozy">http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/vida-na-universidade/vestibular/claro-enigmamostra-outra-face-de-drummond-exkyprgelytnw0nh2atci3ozy</a> >. Acesso em: 2 mar. 2016.
--	--

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 2</i>	
<b>1 Referência</b>	ANDRADE, Mário de. <b>Aspectos da literatura brasileira</b> . Rio de Janeiro: Americ-Edit, 1943. 250, [6] p., 19 cm. (Coleção Joaquim Nabuco). Coleção dirigida por Álvaro Lins.
<b>2 Localização original</b>	A6a
<b>3 Localização atribuída</b>	[IV,006,014]
<b>4 Fotobibliografia</b>	MARIO DE ANDRADE // Aspectos da Literatura Brasileira // AMERCI=EDIT.
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	Para Lucia Miguel Pereira e // Octavio Tarquinio de Sousa - // esperando que ambos me dêem a // honra de figurar nesta coleção - // Com a amizade e a admiração // de Alvaro Lins [falsa página de rosto]; A // Octavio Tarquinio de Sousa, // afetuosamente, // Mario de Andrade // S. Paulo, 22/II/43 [Em cartão fixado "MARIO DE ANDRADE", falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Brochura; Páginas acidificadas; Caracteres romanos e aldinós; Texto em linha tirada; Contém 1 cartão postal inserido na obra, não preenchido: "GUGLIELMO FERRERO L'AUTEUR DE: L'UNITÉ DU MONDE..." (entre as p. 92 e 93).
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	**
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Em 1943, dois anos antes de sua morte, Mário de Andrade publicou " <i>Aspectos da Literatura Brasileira, O Baile das Quatro Artes</i> , crítica, e <i>Os Filhos de Candinha</i> , crônicas. [...] Coberto de reconhecimento pelo papel de vanguarda que desempenhou em três décadas, Mário de Andrade morreu em São Paulo-SP em 25 de fevereiro de 1945, vitimado por um enfarte do miocárdio, em sua casa" (MÁRIO...,1996-2008). "Foi um dos principais responsáveis pela divulgação e estabelecimento do movimento modernista no Brasil" (MÁRIO..., [2016?]). Álvaro Lins, cuja dedicatória também consta no exemplar, foi professor, crítico literário e jornalista. "Era respeitado pela maioria dos grandes escritores brasileiros do seu tempo. [...] A presença de Álvaro Lins na História da Literatura Brasileira da primeira metade do século passado foi marcante" (SILVA JUNIOR, 2002, p. 127; 133).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	MÁRIO de Andrade. In: Projeto Releituras, 1996-2008. Disponível em: < <a href="http://www.releituras.com/marioandrade_bio.asp">http://www.releituras.com/marioandrade_bio.asp</a> >. Acesso em: 11 jul. 2016. MÁRIO de Andrade: Quem foi... In: Biblioteca Mário de Andrade, [2016?].

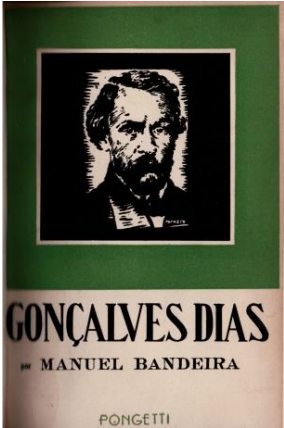
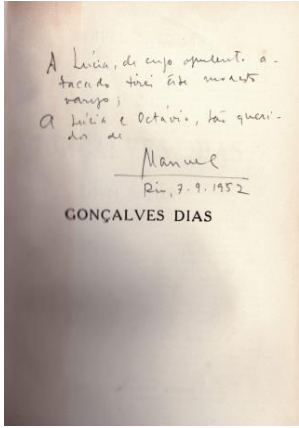
	<p>Disponível em: &lt;<a href="http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/patrono/index.php?p=1076">http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/patrono/index.php?p=1076</a>&gt;. Acesso em: 11 jul. 2016.</p> <p>SILVA JUNIOR, Humberto de França e. Álvaro Lins - 'um mestre esquecido'. <b>Perspectiva Filosófica</b>, v. 9, n. 18, p. 121-140, jul./dez. 2002.</p>
--	---


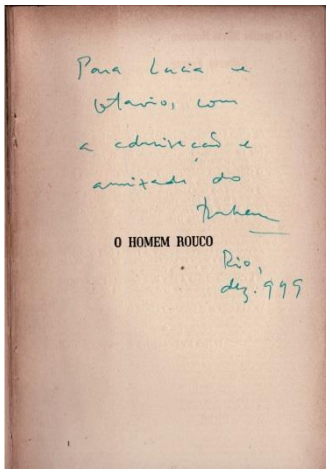



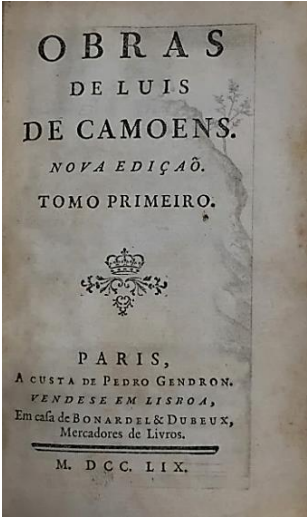
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 3</i>	
<b>1 Referência</b>	ASSIS, Machado de. <b>Esau e Jacob</b> . Rio de Janeiro; Paris: Garnier, [1925]. [3] f., 362 p., 19 cm. (Collecção dos Autores Celebres da Litteratura Brasileira).
<b>2 Localização original</b>	L3
<b>3 Localização atribuída</b>	[XV,003,017]
<b>4 Fotobibliografia</b>	COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES // DA // LITTERATURA BRASILEIRA [fio ondulado] // ESAÚ // E // JACOB // MACHADO DE ASSIS // (da Academia Brasileira) // [fio ondulado] // [marca do editor] // LIVRARIA GARNIER // [endereços e locais em 2 colunas] 109, rua do Ouvidor, 109 // RIO DE JANEIRO [fio ondulado vertical] 6. Rue des Saints-Pères // PARIS
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Brochura; Páginas acidificadas; Ex dono: "Lucia 1935" (falsa página de rosto); Caracteres romanos e aldinós; Marcas paragraficas e sublineares (grafite e tinta); Anotações manuscritas (grafite); Anotação manuscrita com rasura (grafite): (p. 100, 154); Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	**
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Nesta obra, "Machado fala ao avesso, numa espécie de palimpsesto, ora através dos mitos arcaicos, ora através de figuras bíblicas (Esau e Jacó, a luta dos gêmeos), ora através da filosofia, ora através de paródias, ou textos dialogais com Sterne, Hugo, Voltaire e outros. (...) O caso dos gêmeos Esau e Jacó, além da simbologia bíblica (...) advém igualmente da mitologia helênica, entre Íficles (filho de Júpiter, disfarçado em Anfitrião - motivo de uma comédia latina de Plauto) e Hércules (filho de Zeus), sendo esse nascido uma noite mais cedo que seu irmão gêmeo" (NEJAR apud SOARES, [2012?]).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Anotações manuscritas por Lucia Miguel Pereira.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	SOARES, Mariana Baieler. A construção das personagens e do narrador em Esau e Jacó (Machado de Assis). Revista Linguagem, [n. 17, 2012?]. Disponível em: < <a href="http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_mbosoares.php">http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_mbosoares.php</a> >. Acesso em: 27 jul. 2016.

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 4</i>	
<b>1 Referência</b>	ASSIS, Machado de. <b>Historias sem data...</b> Rio de Janeiro; Paris: Garnier, [1909?]. 224 p., 19 cm.
<b>2 Localização original</b>	C7
<b>3 Localização atribuída</b>	[VI.007.019]
<b>4 Fotobibliografia</b>	MACHADO DE ASSIS // [fio] // HISTORIASS SEM DATA // A EGREJA DO DIABO – O LAPSO – ULTIMO CAPITULO // CANTIGA DE ESPONSAES – UMA SENHORA // SINGULAR OCCURENCIA – FULANO – CAPITULO DOS CHAPÉOS // GALERIA POSTHUMA // CONTO ALEXANDRINO – PRIMAS DE SAPUCAIA // ANECDOTA PECUNIARIA – A SEGUNDA VIDA – X-CATHEDRA // MANUSCRITO DE UM SACRISTÃO // AS ACADEMIAS DE SIÃO // NOITE DE ALMIRANTE – A SENHORA DO GALVÃO // [fio] // NOVA EDIÇÃO // [marca do editor] // LIVRARIA GARNIER // [endereços e locais em 2 colunas] 109, RUA DO OUVIDOR, 109 // RIO DE JANEIRO [fio vertical] 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 // PARIS
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Brochura; Páginas acidificadas; Ex dono: “Lucia 1934” (página de rosto); Caracteres romanos e aldinós; Marcas paragrafícas e sublineares (grafite); Anotações manuscritas (grafite); Anotações manuscritas (tinha): (p. 71; 155); Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Páginas soltas. Possui apenas a parte posterior da capa (terceira e quarta capas).
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	A obra apresenta pequenas histórias ou contos. Quase todas “foram antes publicadas na <i>Gazeta de Notícias</i> ” (BLAKE, 1898, v. 4, p. 197). O exemplar analisado possui anotações que ratificam o exercício de Lucia Miguel Pereira como biógrafa de Machado de Assis. Ela “desenvolveu trabalhos onde buscava ‘fazer viver’ seu biografado, apresentando-os como sujeitos fragmentários através de uma construção narrativa permeada de análises psicologizantes. Para a autora, a biografia era o melhor meio de se fazer história, pois era o único meio capaz de fazer com que os brasileiros se interessassem pelas grandes figuras de sua terra” (FERNANDES, 2015).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Página de rosto.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Anotações manuscritas por Lucia Miguel Pereira.</p> </div> </div>
BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. <b>Diccionario bibliographico</b>	

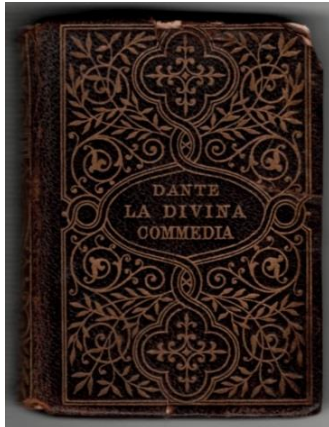

<b>11 Referências consultadas</b>	<b>brazileiro.</b> Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883-1902. 7 v. FERNANDES, Andréa Camila de Faria. Lúcia Miguel Pereira e as relações entre biografia e história no Brasil. In: Simpósio Nacional de História, 28., Florianópolis. <b>Anais...</b> Florianópolis: UFSC; UDESC, 2015. Disponível em: < <a href="http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais39/1439330950_/ARQUIVO_LuciaMiguelPereiraeasrelacoesentrebiografiaehistorianoBrasil-textoANPUH2015.pdf">http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais39/1439330950_/ARQUIVO_LuciaMiguelPereiraeasrelacoesentrebiografiaehistorianoBrasil-textoANPUH2015.pdf</a> >. Acesso em: 15 jul. 2016.
-----------------------------------	--

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 5</i>	
<b>1 Referência</b>	BANDEIRA, Manuel. <b>Gonçalves Dias</b> : esboço biográfico. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952. 233, [4] p., il., 23 cm.
<b>2 Localização original</b>	E3
<b>3 Localização atribuída</b>	[VIII.003.017]
<b>4 Fotobibliografia</b>	MANUEL BANDEIRA // GONÇALVES DIAS // Esboço Biográfico // 1952 // Irmãos PONGETTI Editores // RIO DE JANEIRO
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	A Lúcia, de cujo opulento a- // tacado tirei este modesto // varejo; // A Lúcia e Octávio, tão queri- // dos de // Manuel [sublinhado] // Rio, 7.9.1952 [Falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: meia, capa dura, em couro azul e papel marmorizado (azul-amarelo-vermelho). Lombada gravada em dourado. Guardas em papel fantasia (verde-bege-azul); Inclui capa original; Páginas acidificadas; Anotação manuscrita (grafite): (p. 54); Caracteres romanos e aldinós; Manchas d'água; Texto em linha tirada. Ilustrações: 1 (s/n): Reprodução do retrato de Gonçalves Dias por Cândido Portinari; 2 (s/n): Lâmina contendo “Autógrafo de ‘Ainda uma vez – adeus –’” (reto); “A caricatura da SEMANA ILUSTRADA” e “O pôrto de Caxias” (verso).
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	O autor menciona, na orelha do livro, a obra <i>Vida de Gonçalves Dias</i> , de autoria de Lucia Miguel Pereira. Afirma ser aquele livro “fruto de pacientes e exaustivas pesquisas em todas as fontes” referentes ao poeta à época. É provável que esta informação explique sua dedicatória à Lucia e Octavio.
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Como crítico de literatura e historiador literário, Manuel Bandeira revelou-se sempre um humanista. “Consagrou-se pelo estudo sobre as <i>Cartas chilenas</i> , de Tomás Antônio Gonzaga, pelo esboço biográfico Gonçalves Dias, além de ter organizado várias antologias de poetas brasileiros e publicado o estudo <i>Apresentação da poesia brasileira</i> (1946)” (BIOGRAFIA, 2016).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa original.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	BIOGRAFIA [de Manuel Bandeira]. In: Academia, 2016. Disponível em: < <a href="http://www.academia.org.br/academicos/manuel-bandeira/biografia">http://www.academia.org.br/academicos/manuel-bandeira/biografia</a> >. Acesso em: 8 ago. 2016.


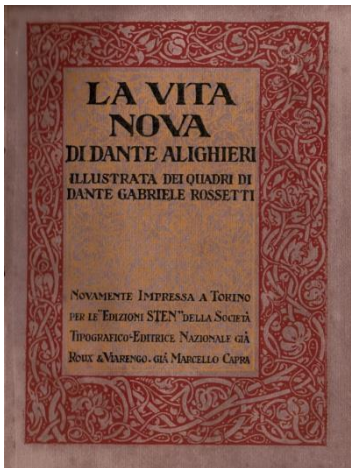
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 6</i>	
<b>1 Referência</b>	BRAGA, Rubem. <b>O homem rouco</b> : crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. 195 p., 23 cm.
<b>2 Localização original</b>	D2a
<b>3 Localização atribuída</b>	[VII,002,032]
<b>4 Fotobibliografia</b>	RUBEM BRAGA // <i>O HOMEM ROUCO</i> // <i>Crônicas</i> // 1949 // LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA // OUVIDOR, 110 – RIO DE JANEIRO // GUSMÕES, 104 – SÃO PAULO
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	Para Lucia Miguel e // Otavio, com // a admiração e // amizade do // Rubem // Rio, // dez. 949 [falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Brochura; Páginas acidificadas; Caracteres romanos e aldinós; Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	**
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Trata-se da primeira edição, publicada pela José Olympio. Rubem Braga é considerado por muitos o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis. Seus textos eram marcados pela linguagem coloquial e pelas temáticas simples, chave para entendermos a popularidade de sua obra (RUBEM..., 1996-2008). “Em <i>O homem rouco</i> , de 1949, reunindo trabalhos publicados em 1948/49, observa-se uma preponderância maior dos temas líricos, ligados ao afeto e à memória” (RIBEIRO, 2009, p. 91).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	<p>RIBEIRO, Carlos. Revendo Braga: olhar renovado sobre um cronista combativo. <b>Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras</b> [da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia]. Cachoeira, BA, v. 3, n. 2, p. 87-101, 2009.</p> <p>RUBEM Braga. In: Projeto Releituras, 1996-2008. Disponível em: &lt;<a href="http://www.releituras.com/rubembraga_bio.asp">http://www.releituras.com/rubembraga_bio.asp</a>&gt;. Acesso em: 24 ago. 2016.</p>

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 7</i>	
<b>1 Referência</b>	CAMÕES, Luís de. <b>Obras de Luis de Camoens...</b> Paris: A custa de Pedro Gendron, 1759. 3 t., il., 14 cm.
<b>2 Localização original</b>	N5
<b>3 Localização atribuída</b>	[III,001,022-024]
<b>4 Fotobibliografia</b>	OBRAS // DE LUIS // DE CAMOENS. // <i>NOVA EDIÇÃO.</i> // TOMO PRIMEIRO. // [vinheta] // PARIS, // A CUSTA DE PEDRO GENDRON. // <i>VENDESE EM LISBOA,</i> // Em casa de BONARDEL & DUBEUX, // Mercadores de Livros. // [fio] // M. DCC. LIX.
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: Inteira, capa dura, danificada, em couro marrom (tons claro-escuro). Lombadas com nervuras, gravadas em dourado. Guardas em papel marmorizado (azul-amarelo-branco-vermelho); Cortes marmorizados; Anotações manuscritas (tinta): (falsa página de rosto); Gravura inicial (t. 1): vista em perspectiva do Monte Parnaso (Grécia), com quatro figuras mitológicas, encimada por um cavalo alado (Pégasus); Gravuras em metal (t. 1); Assinatura; Vinhetas; Cabeção; Capitais; Caracteres romanos e aldinós; Texto em linha tirada; Texto em duas colunas (t. 2, p. 391); Manchas d'água (t. 1 e 2).
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Página aparentemente recortada, inserida ao miolo (entre a p. 378 e a p. de "index", t. 1). Possui 13 f. de lâms. (t. 1). Gravuras com testemunhos.
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	"É uma edição muito correta e muito bem impressa" (CAMONIANA, [2013?]). Nesta obra, "ao lado da página do título tem uma allegoria que consiste no Parnaso, onde se vê Caliope [musa da poesia épica] amamentando um menino que é o Poeta. Esta edição é dedicada a Pedro da Costa de Almeida Salema, Prelado da Patriarchal e Ministro portuguez na côrte de Paris" (CAMÕES, 1860, v. 1, p. 472-473).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div>
	<p>Figura 1: Gravura inicial.      Figura 2: Página de rosto.</p>


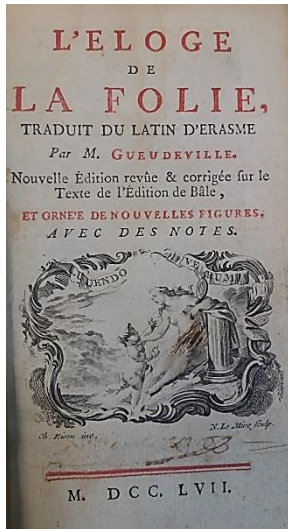
<b>11 Referências consultadas</b>	<p>CAMONIANA, [2013?]. In: Joaquim de Carvalho. Disponível em: &lt;<a href="http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/103-Camoniana/pag-5">http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/103-Camoniana/pag-5</a>&gt;. Acesso em: 10 mar. 2016.</p> <p>CAMÕES, Luís de. <b>Obras de Luiz de Camões</b>: precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, augmentadas com algumas composições ineditas do poeta, pelo visconde de Juromenha. Lisboa : Imprensa Nacional, 1860-69. 6 v.</p>
-----------------------------------	--

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 8</i>	
<b>1 Referência</b>	DANTE ALIGHIERI. <i>La Divina commedia di Dante Alighieri</i> . Firenze: G. Barbèra, 1900. 455 p., retr., 6 cm.
<b>2 Localização original</b>	N5
<b>3 Localização atribuída</b>	[III,001,001]
<b>4 Fotobibliografia</b>	LA // DIVINA COMMEDIA // DI // DANTE ALIGHIERI. // [vermelho][vinheta] // [preto] FIRENZE, // G. BARBÈRA, EDITORE. // [fio] // 1900.
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: Inteira, em couro marrom. Pastas com florões, título e filetes em dourado. Lombada gravada em dourado. Cortes em vermelho. Guardas em papel fantasia (bege-verde); Ilustração inicial: reprodução do retrato de Dante Alighieri [por Giotto di Bondone]; Vinhetas; Caracteres romanos; Páginas acidificadas; Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Edição liliputiana.
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	“É a obra prima de Dante Alighieri, que a iniciou provavelmente por volta de 1307, concluindo-a pouco antes de sua morte (1321). Escrita em italiano, é um poema narrativo rigorosamente simétrico e planejado que narra uma odisséia pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, descrevendo cada etapa da viagem com detalhes quase visuais [...].O poema possui uma impressionante simetria matemática baseada no número três. É escrito utilizando uma técnica original conhecida como <i>terza rima</i> , onde as estrofes de dez sílabas, com três linhas cada, rimam da forma ABA, BCB, CDC, DED, EFE, etc. Ou seja, a linha central de cada terceto controla as duas linhas marginais do terceto seguinte” (ROCHA, 1999-2000)..
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <p>Figura 1: Encadernação.</p> <p>Figura 2: Página de rosto.</p> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	FOTORESEARCH: Banco de imagens [informações sobre retrato]. Disponível em: < <a href="http://www.fotosearch.com.br/CLT011/kh13502/">http://www.fotosearch.com.br/CLT011/kh13502/</a> >. Acesso em: 3 ago. 2016.  ROCHA, Helder da. A Divina Comédia: Poema épico de Dante Alighieri. In: A Divina Comedia, 1999-2000. Disponível em: < <a href="http://www.stelle.com.br/pt/index_comedia.html">http://www.stelle.com.br/pt/index_comedia.html</a> >. Acesso em: 3 ago. 2016.


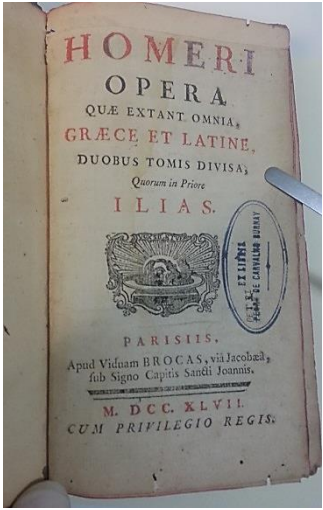



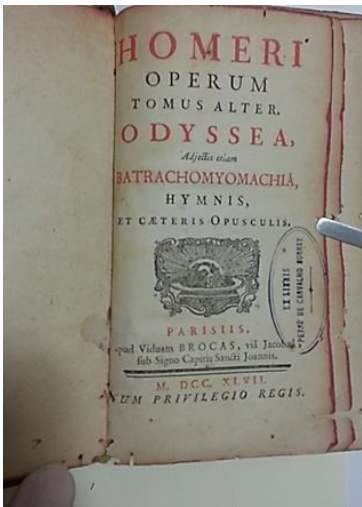
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 9</i>	
<b>1 Referência</b>	DANTE ALIGHIERI. <i>La vita nova</i> . Torino: Edizioni Sten, [1911]. xlii, 113 p., [11] f. de lâms., 22 cm.
<b>2 Localização original</b>	L2
<b>3 Localização atribuída</b>	[XV,002,033]
<b>4 Fotobibliografia</b>	[cercadura com florões em vermelho. Fundo com florões em amarelo] LA VITA // NOVA // DI DANTE ALIGHIERI // ILLUSTRATA DEI QUADRI DI // DANTE GABRIELE ROSSETTI // NOVAMENTE IMPRESSA A TORINO // PER LE “EDIZIONI STEN” DELLA SOCIETÀ // TIPOGRAFICO-EDITRICE NAZIONALE GIÀ // ROUX & VIARENGO. GIÀ MARCELLO CAPRA
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: Inteira, capa flexível, em pergaminho com amarras em tecido verde (incompletas). Lombada gravada em dourado. Pasta anterior gravada em dourado: “LA VITA NOVA DI DANTE”; Cercaduras e florões, ao logo das páginas; Páginas acidificadas; Vinhetas; Capitais ornamentadas; Manchas d’água; Caracteres romanos e aldinós; Texto em linha tirada e blocado, ao longo das páginas; Exemplar incompleto: falta 1 gravura.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Gravuras com testemunhos. Este exemplar fez parte da exposição “Livro, objeto precioso”, realizada em outubro de 2015 (EXPOSIÇÃO... 2015).
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Escritor italiano, “nasceu na cidade de Florença no ano de 1265. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Gibelinos e, por volta de 1300, iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se então a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Posteriormente, e seguindo as vicissitudes da política dos principados italianos, residiu também em Ravena, onde morreu em 14 de setembro de 1321” (PURGATÓRIO, 1996-2008).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <p style="text-align: center;">Figura 1: Encadernação em pergaminho.      Figura 2: Página de rosto.</p>

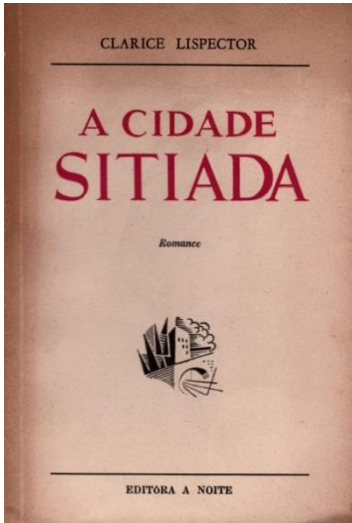
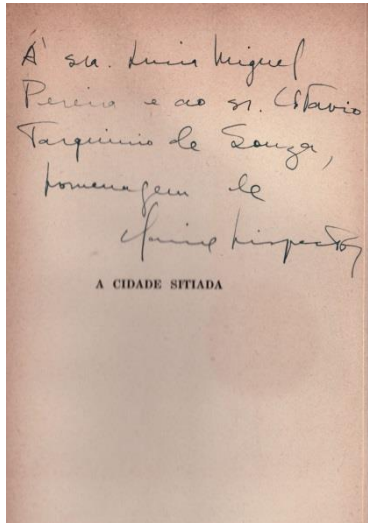
<b>11 Referências consultadas</b>	<p>EXPOSIÇÃO "livro, objeto precioso", 2015. In: Procuradoria Geral: Notícias. Disponível em: &lt;<a href="http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2617766">http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2617766</a>&gt;. Acesso em: 7 jun. 2016.</p> <p>PURGATÓRIO - Canto XI. In: Projeto Releituras, 1996-2008. Disponível em: &lt;<a href="http://www.releituras.com/dalighieri_menu.asp">http://www.releituras.com/dalighieri_menu.asp</a>&gt;. Acesso em: 17 mar. 2016.</p>
-----------------------------------	--

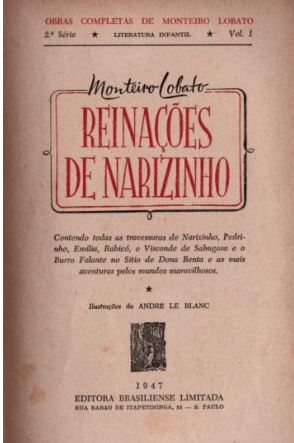
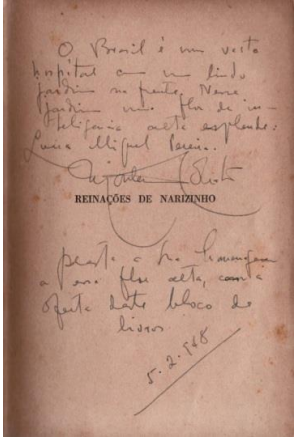
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 10</i>	
<b>1 Referência</b>	ERASMUS, Desiderius. <b>L'eloge de la folie...</b> [Paris]: [s.n.], 1757. xxiv, 222 p., [14] f. de lâms., 16 cm.
<b>2 Localização original</b>	N5
<b>3 Localização atribuída</b>	[III,001,029]
<b>4 Fotobibliografia</b>	[vermelho] L'ELOGE // [preto] DE // [vermelho] LA FOLIE, // [preto] TRADUIT DU LATIN D'ERASME // <i>Par M.</i> [vermelho] GUEUDEVILLE. // [preto] Nouvelle édition revûe & corrigée sur le // Texte de l'Édition de Bâle, // [vermelho] ET ORNÉE DE NOUVELLES FIGURES, // [preto] AVEC DES NOTES. // [gravura] // [vermelho; fio] // M. DCC. LVII.
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: Inteira, danificada, em couro marrom. Lombada gravada em dourado. Guardas em papel marmorizado (azul-bege-vermelho); Cortes marmorizados; Anotação manuscrita (tinta): (guarda volante inicial, verso); Anotação manuscrita (tinta): (página de rosto); Ex dono: "Bessoise [...] 1768 [...]" (gravura inicial, verso); Gravura inicial: Representação iconográfica (assinada por C. Eisen) do "bobo da corte" [bufão, bufo] junto a um soldado apoiado em sua lança; Gravuras em metal; Assinatura; Vinhetas; Cabeção; Capitais ornamentadas; Caracteres romanos e aldinós; Notas em corandel; Texto em linha tirada; Manchas d'água.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Gravuras com testemunhos.
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	(CATALOGUE..., 1866, p. 77).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Gravura inicial.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Página de rosto.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	CATALOGUE des livres rares et curieux: éditions des elzéviros... Paris: Miard, 1866.

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 11</i>	
<b>1 Referência</b>	HOMERO. <b>Homeri Opera quae extant omnia, Graece et Latine, duobus tomis divisa, quorum in priore Ilias.</b> Parisiis: Apud Viduam Brocas, 1747. [4], 706, [2] p., 18 cm. [v. 1].
<b>2 Localização original</b>	I4
<b>3 Localização atribuída</b>	[XII,004,001]
<b>4 Fotobibliografia</b>	[vermelho] HOMERI // [preto] OPERA // QUAE EXTANT OMNIA, // [vermelho] GRAECE ET LATINE, // [preto] DUOBUS TOMIS DIVISA, // <i>Quorum in Priore</i> // [vermelho] ILIAS. // [preto] [vinheta] // [vermelho] PARIIS, // [preto] Apud Viduam BROCAS, viâ Jacobaeâ, // sub Signo Capitis Sancti Joannis. // [fio] // [vermelho] M. DCC. XLVII. // [preto] <i>CUM PRIVILEGIO REGIS.</i>
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	<p>Encadernação: Inteira, capa dura, danificada, em couro marrom. Lombada com nervuras, gravada em dourado. Guardas em papel fantasia (púrpura-bege);</p> <p>Cortes em vermelho;</p> <p>Selo: Alfredo David, Encadernador, Lisboa (guarda volante inicial, verso);</p> <p>Vinheta;</p> <p>Cabeção;</p> <p>Capitulares;</p> <p>Texto: alternando grego e latim;</p> <p>Manchas d'água;</p> <p>Assinatura;</p> <p>Anotação manuscrita (tinta): (p. 14, 158);</p> <p>Erro de impressão: p. 116, 126, 344, 492, 539 impressas, respectivamente, como "16", "26", "44", "49", "53";</p> <p>Erros de paginação: páginas 86 e 589 numeradas, respectivamente, como 89 e 586.</p> <p>Número de paginação suprimido (p. 355);</p> <p>Marcas d'água;</p> <p>Texto em linha tirada;</p> <p>Texto em duas colunas (p. 698 a 706).</p>
<b>7 Marcas de proveniência</b>	<p>Ex libris: "Pedro de Carvalho Burnay".</p> <p>Carimbo: "Ex libris [rasura] de Carvalho Burnay" (página de rosto).</p>
<b>8 Observações</b>	[v. 2]: <b>Homeri operum:</b> tomus alter: <i>Odyssea, adjectis etiam batrachomyomachiâ, hymnis, et caeteris opusculis.</i> Parisiis: Apud Viduam Brocas, 1747. Localização: [XII,004,002].
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Pouco se sabe sobre Homero (c. 850 a.C.). Acredita-se que era um poeta cego, viveu na Grécia no século oito antes de Cristo e escreveu duas das mais importantes epopéias da história da civilização. [...] Na mesma época em que se supõe que tenha vivido Homero, apareceram na literatura grega dois poemas épicos: a <i>Ilíada</i> e a <i>Odisséia</i> . Tendo como pano de fundo a Guerra de Tróia, eles são tão impressionantes que resistiram durante séculos como obras-primas literárias (A HISTÓRIA..., 2016). Ambas são o marco inicial da literatura do Ocidente (CAMPOS, 1998, p. 387).

<p><b>10 Registro imagético</b></p>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Ex libris.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Página de rosto.</p> </div> </div>
<p><b>11 Referências consultadas</b></p>	<p>CAMPOS, André Malta. Mênis, a ira de Aquiles: canto I da Ilíada de Homero [Resenha]. <b>Letras clássicas: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo</b>, São Paulo, n. 2, p. 387-401, 1998.</p> <p>A HISTÓRIA e biografia do poeta Homero, 2016. In: A História. Disponível em: &lt;<a href="http://www.ahistoria.com.br/biografia-homero/">http://www.ahistoria.com.br/biografia-homero/</a>&gt;. Acesso em: 13 jun. 2016.</p>

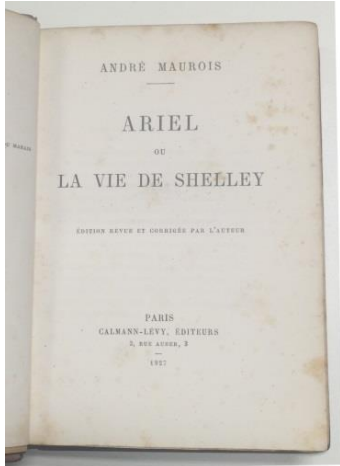
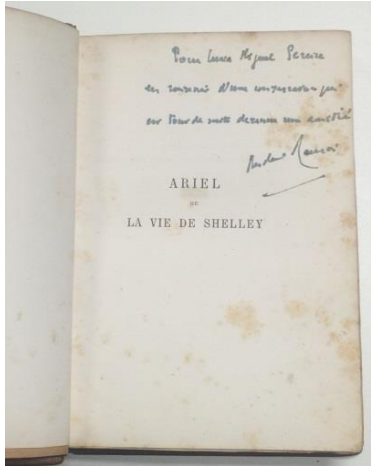
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 12</i>	
<b>1 Referência</b>	HOMERO. <b>Homeri operum</b> : tomus alter: Odyssea, adjectis etiam batrachomyomachiâ, hymnis, et caeteris opusculis. Parisiis: Apud Viduam Brocas, 1747. 651 p., 18 cm. [v. 2].
<b>2 Localização original</b>	I4
<b>3 Localização atribuída</b>	[XII,004,002]
<b>4 Fotobibliografia</b>	[vermelho] HOMERI // [preto] OPERUM // TOMUS ALTER. // [vermelho] ODYSSEA, // [preto] <i>Adjectis etiam</i> // [vermelho] BATRACHOMYOMACHIA, // [preto] HYMNIS, // ET CAETERIS OPUSCULIS. // [vinheta] // [vermelho] PARIIS, // [preto] Apud Viduam BROCAS, viâ Jacobaeâ; // sub Signo Capitis Sancti Joannis. // [fio] // [vermelho] M. DCC. XLVII. // [preto] <i>CUM PRIVILEGIO REGIS.</i>
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: Inteira, capa dura, danificada, em couro marrom. Lombada gravada em dourado. Guardas em papel fantasia (púrpura-bege); Cortes em vermelho; Selo: Alfredo David, Encadernador, Lisboa (guarda volante inicial, verso); Vinheta; Cabeção; Capitulares; Texto: alternando grego e latim; Manchas d'água; Assinatura; Erro de impressão: p. 79 impressa como "7"; Erros de paginação: páginas 86 e 589 numeradas, respectivamente, como 89 e 586. Números de paginação suprimidos (p. 89, 379); Marcas d'água; Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	Ex libris: "Pedro de Carvalho Burnay". Carimbo: "Ex libris Pe [ilegível] de Carvalho Burnay" (página de rosto).
<b>8 Observações</b>	Miolo solto. Lombada deteriorada. [v. 1]: <b>Homeri Opera quae extant omnia, Graece et Latine, duobus tomis divisa, quorum in priore Ilias.</b> Parisiis: Apud Viduam Brocas, 1747. Localização: [XII,004,001].
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	cf. volume 1.
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Ex libris.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Página de rosto.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	cf. volume 1.

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 13</i>	
<b>1 Referência</b>	LISPECTOR, Clarice. <b>A cidade sitiada</b> : romance. Rio de Janeiro: A Noite, [1948]. 166 p., 23 cm.
<b>2 Localização original</b>	D2a
<b>3 Localização atribuída</b>	[VII,002,030]
<b>4 Fotobibliografia</b>	CLARICE LISPECTOR // A CIDADE SITIADA // <i>Romance</i> // CAPA DE // SANTA ROSA // EDITORA A NOITE // Av. Rodrigues Alves, 435 – Av. Rio Branco, 120-Lojas 18/20 // RIO DE JANEIRO
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	À Sra. Lucia Miguel // Pereira e ao sr. Octavio // Tarquinio de Souza, // homenagem de // Clarice Lispector [falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Brochura; Cortes intonsos; Páginas acidificadas; Capitais; Caracteres romanos e aldinios; Texto em linha tirada; Contém 1 folha dobrada, datilografada: “O NOVO ROMANCE DE CLARICE LISPECTOR... [Propaganda da editora]”; Contém 1 folha de errata inserida na obra (entre as p. 8 e 9).
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	**
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	“Escrito entre os anos de 1946 e 1948, durante a permanência da autora em Berna, na Suíça [...]. Algumas características desse romance, tanto no que diz respeito à sua estrutura formal quanto no que se refere ao conteúdo narrativo, permitem uma aproximação profícua com a pintura desenvolvida por alguns artistas europeus pertencentes à vanguarda europeia do início do século XX” (SANTOS; ROCHA, 2005, p. 156).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	SANTOS, Rejane Granato; ROCHA, Enilce Albergaria. A escrita pictórica em <i>A Cidade Sitiada</i> de Clarice Lispector. <i>Ipotesi</i> , Juiz de Fora, v. 9, n. 1-2, p. 155-166, jan/dez 2005.

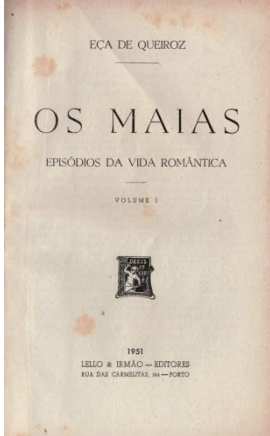
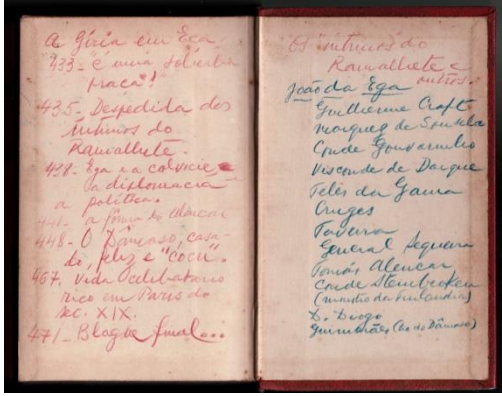
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 14</i>	
<b>1 Referência</b>	LOBATO, Monteiro. <b>Reinações de Narizinho</b> . São Paulo: Editora Brasiliense, 1947. 312 p., il., 21 cm. (Obras Completas de Monteiro Lobato. 2ª Série. Literatura Infantil, 1).
<b>2 Localização original</b>	B7
<b>3 Localização atribuída</b>	[III,004,007]
<b>4 Fotobibliografia</b>	[vermelho] OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO // [preto] 2. <sup>a</sup> Série [vinheta] LITERATURA INFANTIL [vinheta] Vol. 1 // [fio] // [preto] Monteiro Lobato // [cercadura em preto e vermelho] // [vermelho] REINAÇÕES DE NARIZINHO // [preto] <i>Contendo todas as travessuras de Narizinho, Pedri- // nho, Emília, Rabicó, o Visconde de Sabugosa e o // Burro Falante no Sítio de Dona Benta e as mais // aventuras pelos mundos maravilhosos.</i> // [vinheta] // [preto] Ilustrações de ANDRÉ LE BLANC // [preto] [vinheta] // [preto] 1947 // [preto] EDITORA BRASILIENSE LIMITADA // [preto] RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 – S. PAULO
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	O Brasil é um vasto // hospital com um lindo // jardim na frente. Nesse // jardim uma flor de in- // teligencia alta esplende: // Lucia Miguel Pereira. // Monteiro Lobato // [texto impresso] // Presta a sua homenagem // a essa flor alta, com a // oferta deste bloco de livros // 5.2.948 [sublinhado] [falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: Inteira, capa dura, marrom. Lombada gravada em dourado. Pasta anterior gravada em dourado: “REINAÇÕES DE NARIZINHO”. Guardas ilustradas com “MAPA DO MUNDO DAS MARAVILHAS” (marrom-bege); Exemplar numerado: “Nº 3871” (carimbo); Páginas acidificadas; Caracteres romanos e aldinos; Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Este exemplar fez parte da exposição sobre obras da Biblioteca de Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, com dedicatórias de autores nacionais, realizada em maio de 2014 (PGE... 2014).
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	É o livro inaugural da coleção das obras completas de Monteiro Lobato para a infância, lançada em 1931 (REINAÇÕES..., 2014). “Na literatura infantojuvenil (ou infantil e juvenil como chamam atualmente) do Brasil, coube a Lobato ser uma espécie de divisor de águas que separa o Brasil de passado e o Brasil da atualidade” (COELHO apud ESCOSTEGUY, [2010]).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Página de rosto.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>




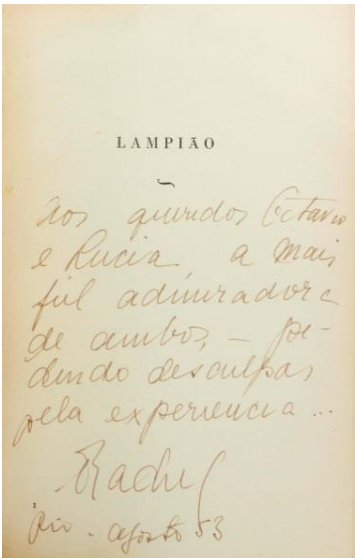
<b>11 Referências consultadas</b>	<p>ESCOSTEGUY, Cléa Coitinho. Leitura de Monteiro Lobato. [IN: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 2010, Porto Alegre]. <b>Anais...</b> Porto Alegre: PUC-RS, 2010.</p> <p>PGE realiza mostra de livros autografados..., 2014. In: Procuradoria Geral: Notícias. Disponível em: &lt;<a href="http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2073196">http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2073196</a>&gt;. Acesso em: 2 mar. 2016.</p> <p>REINAÇÕES de Narizinho, obra-prima de Monteiro Lobato..., 2014. In: homoliteratus. Disponível em: &lt;<a href="http://homoliteratus.com/reinacoes-de-narizinho-obra-prima-de-monteiro-lobato/">http://homoliteratus.com/reinacoes-de-narizinho-obra-prima-de-monteiro-lobato/</a>&gt;. Acesso em: 6 jun. 2016.</p>
-----------------------------------	--

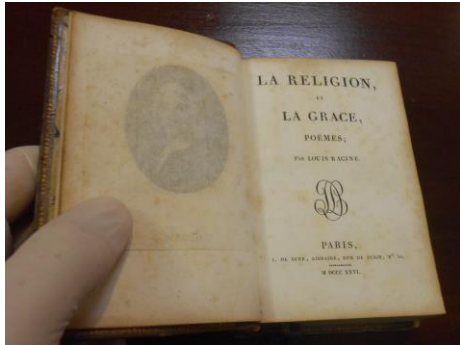
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 15</i>	
<b>1 Referência</b>	MAUROIS, André. <b>Ariel, ou, la vie de Shelley</b> . Paris: Calmann-Lévy, 1927. 298 p., 20 cm.
<b>2 Localização original</b>	O5
<b>3 Localização atribuída</b>	[III,002,014]
<b>4 Fotobibliografia</b>	ANDRÉ MAUROIS // [fio] // ARIEL // OU // LA VIE DE SHELLEY // ÉDITION REVUE ET CORRIGÉE PAR L'AUTEUR // PARIS // CALMANN-LÉVY, ÉDITEURS // 3, RUE AUBER, 3 // [fio] // 1927
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	À Lucia, // com um abraço de Julietinha // Dezembro de 1928 [guarda volante inicial]; Para Lucia Miguel Pereira [...] // Andre Maurois [falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: inteira, capa dura, em couro marrom (tons claro-escuro). Lombada gofrada, gravada em dourado. Corte superior dourado. Guardas em papel fantasia (vermelho-verde-cinza). Páginas acidificadas; Inclui capa original; Exemplar numerado: "N° 1296" (carimbo); Caracteres romanos e aldinós; Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	**
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Este exemplar apresenta dedicatória do autor, André Maurois (Elbeuf, 1885 - Paris, 1967), romancista e ensaísta francês. Maurois tornou-se conhecido, sobretudo, por suas biografias (ANDRÉ..., 2004-2016, tradução nossa), entre elas a de Percy Bysshe Shelley, um dos poetas românticos ingleses mais conceituados do século XIX (PERCY..., 2016, tradução nossa). Tornou-se membro da Academia Francesa em 1938 (BIOGRAPHIE, [2016?]).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figure 1: Página de rosto.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figure 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	ANDRÉ Maurois. In: Biografias y vidas: la enciclopedia biográfica en línea, 2004-2016. Disponível em: < <a href="http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/maurois.htm">http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/maurois.htm</a> >. Acesso em: 18 ago. 2016.  BIOGRAPHIE [de André Maurois]. In: Academie Française, [2016?]. Disponível em: < <a href="http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/andre-maurois?fauteuil=26&amp;election=23-06-1938">http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/andre-maurois?fauteuil=26&amp;election=23-06-1938</a> >. Acesso em: 12 ago. 2016.  PERCY Bysshe Shelley: Biography. In: Biography, 2016. Disponível em:

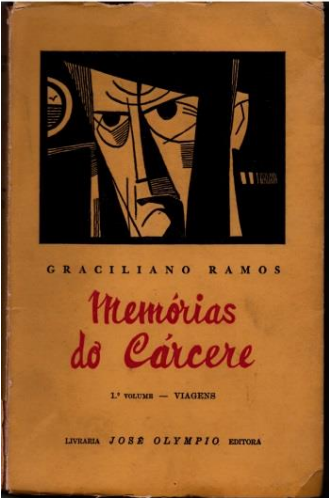
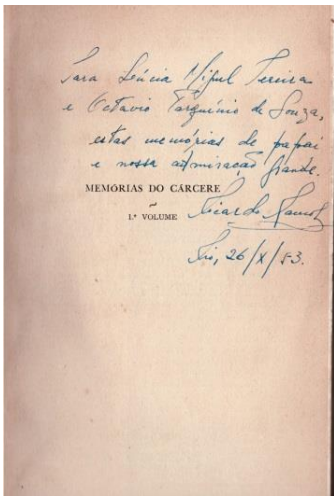
	<p><a href="http://www.biography.com/people/percy-bysshe-shelley-9481527#related-video-gallery">http://www.biography.com/people/percy-bysshe-shelley-9481527#related-video-gallery</a>&gt;. Acesso em: 18 ago. 2016.</p>
--	--

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 16</i>	
<b>1 Referência</b>	QUEIROZ, Eça de. <b>Os Maias</b> : episódios da vida romântica. Porto: Lello & Irmão, 1951. 2 v., 20 cm.
<b>2 Localização original</b>	D1
<b>3 Localização atribuída</b>	[VII,001,005-006]
<b>4 Fotobibliografia</b>	EÇA DE QUEIROZ // [fio] // OS MAIAS // EPISÓDIOS DA VIDA ROMÂNTICA // [FIO] // VOLUME I // [marca do editor] // 1951 // LELLO & IRMÃO – EDITORES // RUA DAS CARMELITAS, 144 - PORTO
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: inteira, capa dura em vermelho. Lombadas gravadas em dourado; Páginas acidificadas; Anotações manuscritas (lápiz azul e vermelho) por Lucia Miguel Pereira: (contraguarda e guarda volante iniciais; falsa página de rosto, v. 1, e ao longo das páginas em ambos os volumes); (contraguardas e guardas volante iniciais e finais; falsa página de rosto reto e verso, v. 2); Caracteres romanos e aldinos; Ilustração inicial: Retrato de Eça de Queiroz (v. 1); Marcas paragrafícas e sublineares (lápiz vermelho); Capitais; Contém 1 nota de recibo dobrada, inserida na obra (entre as p. 218 e 219, v. 1); Cortes intonsos (p. 307-310, v. 1); Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Esta obra faz parte da edição comemorativa do primeiro centenário do nascimento do romancista, intitulada “Uma Edição Monumental”. Volume de lombada: 5 (v. 1) e 6 (v. 2).
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	A produção de Eça de Queiroz, escritor português, é objeto de reconhecimento nacional e internacional. Além “de ser uma personalidade notável do mundo literário, é também um escritor cujas obras induziram, por diversas vezes, a criação em outros universos midiáticos” (SOBRAL, 2011, p. 29). No Brasil, “Os Maias” foi adaptado para a televisão em 2001, sendo a primeira produção na qual se passou um longo período em gravações fora do país (BRASIL JUNIOR; GOMES; OLIVEIRA, 2004, p. 7). Em Portugal, teve adaptações em 1979, 2003 e 2014 (SOBRAL, 2015, p. 62).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Página de rosto (v. 1).</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Anotações manuscritas por Lucia Miguel Pereira (v. 2).</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	BRASIL JUNIOR, Antonio da Silveira; GOMES, Elisa da Silva; OLIVEIRA,

	<p>Maíra Zenun de. Os Maias: a literatura na televisão. <b>Revista Habitus</b>, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-20, mar. 2004.</p> <p>SOBRAL, Filomena. A adaptação de <i>Os Maias</i> na televisão brasileira e portuguesa – uma abordagem comparativa. <b>Revista Alceu</b>, v. 12, n. 23, p. 20-33, jul./dez. 2011.</p> <p>_____. <i>Os Maias</i> do século XIX num filme do século XXI: recriação cinematográfica de João Botelho. <b>Revista de Letras</b>, São Paulo, v. 55, n.1, p.55-69, jan./jun. 2015.</p>
--	---

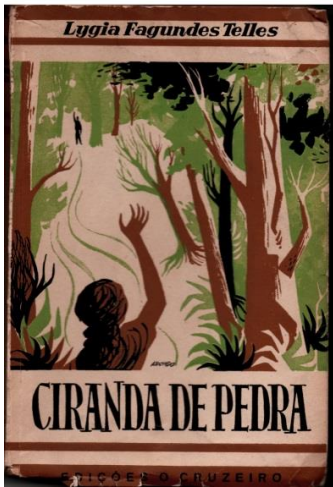
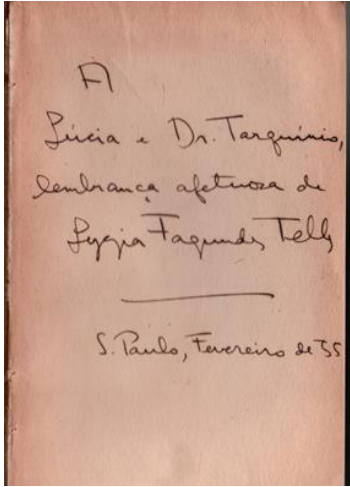
<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 17</i>	
<b>1 Referência</b>	QUEIROZ, Rachel de. <b>Lampião</b> : drama em cinco quadros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. 143 p., 23 cm.
<b>2 Localização original</b>	D2a
<b>3 Localização atribuída</b>	[VII,002,020]
<b>4 Fotobibliografia</b>	RACHEL DE QUEIROZ // LAMPIÃO // DRAMA // EM CINCO QUADROS // [vinheta] // Capa de <i>Santa Rosa</i> // LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA // Rua do Ouvidor, 110 – Rio de Janeiro – 1953
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	Aos queridos Octavio // e Lucia, a mais // fiel admiradora // de ambos, - pe- // dindo desculpas // pela experiencia... // Rachel // Rio – agosto 53 [falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Brochura; Páginas acidificadas; Caracteres romanos e aldinós; Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	Este exemplar fez parte da exposição sobre obras da Biblioteca de Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, com dedicatórias de autores nacionais, realizada em maio de 2014 (PGE realiza mostra... 2014).
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	“Em 1953, é montada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e no Teatro Leopoldo Fróes, em São Paulo, a peça <i>Lampião</i> . Rachel ganha o Prêmio Saci, do jornal <i>O Estado de São Paulo</i> ” (GASPAR, 2009).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	<p>GASPAR, Lúcia. Rachel de Queiroz, 2009. In: Fundação Joaquim Nabuco, 2016. Disponível em: &lt;<a href="http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=231&amp;Itemid=1">http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=231&amp;Itemid=1</a>&gt;. Acesso em: 3 mar. 2016.</p> <p>PGE realiza mostra de livros autografados..., 2014. In: Procuradoria Geral: Notícias. Disponível em: &lt;<a href="http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2073196">http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2073196</a>&gt;. Acesso em: 2 mar. 2016.</p>

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 18</i>	
<b>1 Referência</b>	RACINE, Louis. <b>La religion, et la grace, poèmes</b> . Paris : L. de Bure, 1826. IV, 358, [1] p., 12 cm.
<b>2 Localização original</b>	N5
<b>3 Localização atribuída</b>	[III,001,019]
<b>4 Fotobibliografia</b>	LA RELIGION, // ET // LA GRACE, // POÈMES; // PAR LOUIS RACINE. // [marca do editor] // PARIS, // L. DE BURE, LIBRAIRE, RUE DE BUSSY, N° 30. // [vinheta] // M DCCC XXVI.
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	**
<b>6 Descrição</b>	Encadernação: Inteira, capa dura, em couro marrom. Lombada gravada em dourado, com marcas de restauro. Pastas com vinhetas e cercaduras gofradas. Guardas em papel fantasia (bege-azul-vermelho). Cortes em dourado. Seixas gravadas em dourado. Marcador em tecido (preto). Páginas acidificadas; Caracteres romanos e alditinos; Texto em linha tirada; Gravura inicial: Retrato de L. Racine.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	**
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	<i>La Grace e La Religion</i> são considerados os dois grandes poemas de Louis Racine, fato evidenciado pelo grande número de reimpressões (LOUIS..., 2014, tradução nossa). Filho do dramaturgo francês Jean Racine, o autor é visto como um dos poetas de destaque em sua época (RACINE..., [2016?], tradução nossa).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;">   </div> <p>Figura 1: Encadernação.                      Figura 2: Página de rosto.</p>
<b>11 Referências consultadas</b>	<p>LOUIS Racine. In: Cosmovisions, 2014. Disponível em: &lt;<a href="http://www.cosmovisions.com/Louis-Racine.htm">http://www.cosmovisions.com/Louis-Racine.htm</a>&gt;. Acesso em: 25 ago. 2016.</p> <p>RACINE Louis: Oeuvres de Louis Racine. In: livre-rare-book, [2016?]. Disponível em: &lt;<a href="http://www.livre-rare-book.com/?l=fr">http://www.livre-rare-book.com/?l=fr</a>&gt;. Acesso em: Acesso em: 25 ago. 2016.</p>

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição Nº 19</i>	
<b>1 Referência</b>	RAMOS, Graciliano. <b>Memórias do cárcere</b> : (obra póstuma). Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. 4 v., retrs., 23 cm.
<b>2 Localização original</b>	L3
<b>3 Localização atribuída</b>	[XV,003,020-023]
<b>4 Fotobibliografia</b>	[preto] GRACILIANO RAMOS // [coral] memórias // do cárcere // [preto] 1.º VOLUME // Viagens // (OBRA PÓSTUMA) // [coral] [gravura] // [preto] 1953 // LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA // RUA DO OUVIDOR, 110 – RIO DE JANEIRO
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	Para Lúcia Miguel Pereira // e Octavio Tarquínio de Souza, // estas memórias de papai // e nossa admiração grande. // Ricardo Ramos // Rio, 26/X/53 [falsa página de rosto].
<b>6 Descrição</b>	Brochura; Páginas acidificadas; Caracteres romanos e aldinós; Capitais; Texto em linha tirada; Contém 1 marcador de páginas, inserido na obra: “IV Campeonato Mundial de Futebol”: (v. 1, entre as p. 58 e 59); Inclui fac-símiles de trechos dos manuscritos das Memórias do Cárcere; Conteúdo: v. 1. Viagens; v. 2. Pavilhão dos primários; v. 3. Colônia Correccional; v. 4. Casa de Correção; Ilustrações: 1 (v. 1, s/n): Desenho do autor; 2 (v. 2, s/n): “Graciliano Ramos (27/10/1892 – 20/3/1953), com o inseparável cigarro, numa de suas últimas fotografias”; 3 (v. 3, s/n): Retrato do autor; 4 (v. 4, s/n): Retrato do autor.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	**
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Nesta primeira edição observa-se a dedicatória de Ricardo Ramos, filho de Graciliano, datada de 26 de outubro de 1953. O autor do livro faleceu em 20 de março do mesmo ano e não chegou a concluí-lo, tendo ficado sem o capítulo final (GRACILIANO..., 1996-2008). “Testemunho [...] sobre a prisão a que foi submetido durante o Estado Novo, é uma narrativa contundente de quem foi torturado, viveu em porões imundos e sofreu privações provocadas por um regime ditatorial” (MEMÓRIAS..., 2016).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa (v. 1).</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	GRACILIANO Ramos. In: Projeto Releituras, 1996-2008. Disponível em: < <a href="http://www.releituras.com/graciramos_bio.asp">http://www.releituras.com/graciramos_bio.asp</a> >. Acesso em: 28 jul. 2016.



	MEMÓRIAS do Cárcere (1953). In: Graciliano Ramos: site oficial do escritor, 2016. Disponível em: < <a href="http://graciliano.com.br/site/obra/memorias-do-carcere-1953/">http://graciliano.com.br/site/obra/memorias-do-carcere-1953/</a> >. Acesso em: 28 jul. 2016.
--	--

<b>BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA E LUCIA MIGUEL PEREIRA</b> <b>ANÁLISE BIBLIOLÓGICA</b> (Seleção e descrição de raridades em Literatura)	
<i>Descrição N° 20</i>	
<b>1 Referência</b>	TELLES, Lygia Fagundes. <b>Ciranda de pedra</b> : romance. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1955. 212 p., 22 cm. (Coleção Contemporânea, 6).
<b>2 Localização original</b>	D2a
<b>3 Localização atribuída</b>	[VII,002a,033]
<b>4 Fotobibliografia</b>	<i>COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA</i> // [cercadura] 6 // LYGIA FAGUNDES TELLES // CIRANDA // DE PEDRA // romance // <i>EDIÇÕES O CRUZEIRO</i> // RUA DO LIVRAMENTO N.º 203 – RIO DE JANEIRO
<b>5 Dedicatória/autógrafo</b>	A // Lúcia e Dr. Tarquínio, // lembrança afetuosa de // Lygia Fagundes Telles // [linha] // S. Paulo, Fevereiro de 55 [folha anterior à falsa página de rosto, reto].
<b>6 Descrição</b>	Brochura; Páginas acidificadas; Caracteres romanos e aldinos; Texto em linha tirada.
<b>7 Marcas de proveniência</b>	**
<b>8 Observações</b>	**
<b>9 Nota de raridade/importância</b>	Considerado pela crítica em geral como o marco da maturidade intelectual da autora (FREITAS; SILVA, 2010). Foi base para telenovelas homônimas no Brasil em 1981 e 2008 (XAVIER, 2015).
<b>10 Registro imagético</b>	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 1: Capa.</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Figura 2: Dedicatória.</p> </div> </div>
<b>11 Referências consultadas</b>	<p>FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; SILVA, Ângela Maria Garcia dos Santos. A representação da mulher na obra ciranda de pedra, 2010. In: PUCRS Journals. Disponível em: &lt;<a href="http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Cibele-Beirith-Figueiredo-Freitas.pdf">http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Cibele-Beirith-Figueiredo-Freitas.pdf</a>&gt;. Acesso em: 8 jun. 2016.</p> <p>XAVIER, Nilson. Ciranda de Pedra (1981). In: Teledramaturgia, 2015. Disponível em: &lt;<a href="http://www.teledramaturgia.com.br/ciranda-de-pedra-1981/">http://www.teledramaturgia.com.br/ciranda-de-pedra-1981/</a>&gt;. Acesso em: 8 jun. 2016.</p> <p>_____. Ciranda de Pedra (2008). In: Teledramaturgia, 2015. Disponível em: &lt;<a href="http://www.teledramaturgia.com.br/ciranda-de-pedra-2008/">http://www.teledramaturgia.com.br/ciranda-de-pedra-2008/</a>&gt;. Acesso em: 8 jun. 2016.</p>

### 5.5 Expectativas quanto à recuperação de informações: uma proposta de produto

Deve-se à biblioteca o sagrado papel de guardião da memória. Tal função é construída a partir de conexões multiculturais, resultando nos registros de conhecimento armazenados e salvaguardados à posteridade: à nossa ascendência e à nossa descendência. Encontramos em Gérard Namer definições importantes a este respeito<sup>56</sup>. Para o sociólogo, é uma memória social, resultado de uma acumulação e de uma interação de memórias coletivas, a memória de todos os pontos de vista culturais reenviando aos grupos ou às correntes de pensamento, a memória de todas as línguas como acesso às culturas, políticas de conservação, de compra e acesso que se sucederam e talvez se tenham coordenado no tempo (NAMER, 1987).

Sob este caminho, Namer avalia que todas essas memórias, todos esses livros, todos esses grupos, os diferentes poderes (principesco, real, nacional, municipal) fizeram uma memória social virtual, graças a um corpo de bibliotecários: uma sociedade que funciona como uma memória cuja totalidade não foi elaborada ou desejada por qualquer grupo particular. Demonstra também que esta instituição de memória é já uma resposta aos “problemas da ‘Memória coletiva’ no sentido de que a instituição de memória só permite uma memória virtual porque ela unifica sem cessar as memórias culturais, as memórias políticas, as memórias administrativas e as memórias eruditas” (NAMER, 1987).

A totalização de memórias encontra lugar em um processo histórico-cognitivo, assentado sobre a formação de bibliotecas ao longo dos séculos. Namer explica que esta unificação “teve lugar, primeiramente, nos fichários, catálogos, classificações; teve lugar, em seguida, pelas obrigações sociais de memória cultural e erudita que suscita a sociedade global em que a biblioteca é um instrumento permanente”. Declara também que é nesse contexto que “a Biblioteca organiza um encontro possível entre a totalização das memórias coletivas em uma memória social virtual fechada/guardada nos livros e a obrigação ou necessidade social de atualizar essa memória que leva os leitores a demandar os livros” (NAMER, 1987).

Ratificam-se, nas bibliotecas, a confiabilidade depositária que um dia foi condição explícita de poder e saber: nela se guardava o conhecimento perpassado às esferas sociais; um *empowerment* para a elite.

A primeira forma de memória que se pode encontrar nas bibliotecas assírias (3º milênio A.C.) é uma memória do saber econômico (relativo à propriedade, aos impostos), uma memória das decisões políticas, uma

---

<sup>56</sup> Trechos com a tradução livre de Icléia Thiesen, em 13 de setembro de 2015.

memória das técnicas, uma memória científica (astronômica), tendo por cima todo um saber relativo à adivinhação. Esta biblioteca composta de tabuinhas cuneiformes é, portanto, uma memória que acumula saberes das elites do poder, saber que guardam para eles mesmos ou seus descendentes com a finalidade de utilização futura. Desde o início, no entanto, nada distingue a biblioteca de um lugar dos arquivos oficiais reservados ao poder (NAMER, 1987).

É válido afirmar a noção da biblioteca não apenas como servidora de memórias eruditas. Ela passará a assumir, também, a função acumuladora de memórias culturais. Desde a Renascença, “o colecionador, um Médicis, por exemplo, faz da sua biblioteca não apenas um lugar para onde vieram os manuscritos gregos, mas um lugar onde se guarda a produção da cultura de corte neoplatônica que a política encorajou” (NAMER, 1987).

De acordo com Gérard Namer, se as primeiras bibliotecas principescas acumulam, na Assíria, o saber esotérico do poder, as primeiras bibliotecas públicas, ao contrário, buscam ser a lembrança da afetividade de uma sociedade. O teórico continua sua argumentação informando que “é o que se disse das bibliotecas públicas gregas fundadas por Licurgo, no século IV, para conservar as obras de Ésquilo<sup>57</sup>, Sófocles<sup>58</sup>, Eurípides<sup>59</sup>”. Em sua concepção, elas “não são apenas a acumulação do saber estético, de belas formas literárias; elas pretendem ser ‘medicinas da alma’ porque elas conservam assim os meios de recriar, pelo teatro, momentos vividos de afetividade coletiva intensa”. Assim, a biblioteca é um meio de acesso às sensibilidades do passado que apenas estão lá em estado virtual e que precisam de uma prática de memória (NAMER, 1987).

É válido comentarmos que as bibliotecas, enquanto espaços de discussões e debates intelectuais, ou mesmo como instrumento para a produção científica ou literária de seu acumulador, não tem seu prólogo no século XX, embora nesta época os acervos chegassem facilmente à casa dos milhares de exemplares. Somente na Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, temos, além da biblioteca de Octavio e Lucia com seus 8.500 itens, a de Raymundo Faoro, chegando a 9.200. A coleção que pertenceu a Francisco Campos possui 2.500 obras. De Philadelpho Azevedo, temos 1.250 itens identificados.

Para entendermos o percurso de formação de algumas bibliotecas particulares ao longo da história, recorreremos a Rubens Borba de Moraes. Em *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*

<sup>57</sup> Poeta e dramaturgo grego. Admitido como “pai da tragédia”. Nasceu próximo a Atenas (ÉSQUILO, 2009).

<sup>58</sup> Reconhecido como “figura centralíssima não apenas para o estudo da cultura helênica, mas também da literatura, uma vez que uma de suas peças (*Édipo Rei*) foi praticamente utilizada como modelo de tragédia em *A Poética*, de Aristóteles” (VIDA & OBRA..., 2016).

<sup>59</sup> Poeta trágico grego do século V a.C. “Ressaltou em suas obras as agitações da alma humana, em especial a feminina” (EURÍPEDES, [2016?]).

(Briquet de Lemos, 2006), ele dedica um capítulo especialmente a este tema. Deduz que “temos poucas informações sobre os livros em mãos de particulares nos séculos XVI e XVII”. Moraes inicia sua exposição destacando que o movimento academicista do século XVIII “que se espalhou pelos centros mais ricos da colônia – Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e até Cuiabá – já demonstra a existência de uma vida cultural significativa”. Esse movimento pressupõe, então, a existência de livros em mãos de seus autores (MORAES, 2006, p. 28).

Ocorre que no início do século XVII os livros se multiplicam em mãos de particulares e as bibliotecas aumentam seus acervos. Na capitania de São Paulo, onde os habitantes se empenhavam na descoberta de ouro e em combater índios, sabe-se da existência de livros com os paulistas (MORAES, 2006, P. 29). Moraes identifica que em 1664 um vereador solicita que se mande reparar um exemplar de *Ordenações*, por ele requerido. Acrescenta:

Em 1627, faleceu em São Paulo o holandês Manuel ‘Vandala’. O papel em que foi redigido seu testamento foi comido pelas traças, o que deixou o título que possuía incompleto. Esse homem rico possuía uma *Divina...* avaliada em 640 réis. Perguntam os historiadores: seria um exemplar da *Divina comédia* ou simplesmente um romance ao gosto do tempo, como *Divina dama* ou coisa parecida? (MORAES, 2006, p. 29).

Já em Minas, haveria em Vila Rica livros nas mãos de moradores. “Pedro Ribeiro Lourenço tinha uma pequena biblioteca de obras religiosas e de clássicos latinos”. Possuía também oito peles de carneiro pequenas, 20 peles de pergaminho, cinco prensas de livros e cento e onze “ferros de várias castas, pertencentes ao ofício de livreiro” (MORAIS, 2006, p. 30-31).

Ampliando esta lista, encontramos referências a Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá (Figura 35), que “possuía boa biblioteca de livros científicos instalada em cômodo próprio”. Outros homens cultos também possuíam livros. José Teixeira da Fonseca e Vasconcelos, proprietário rural, juiz de fora e político, formou uma biblioteca com livros ingleses e franceses (MORAIS, 2006, p. 31).



Figura 35: Retrato de Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá. Ocupou o cargo de 3º Presidente da Câmara dos Deputados na fase imperial. Sua biblioteca era composta por livros científicos.

Fonte: Boletim da Biblioteca da Câmara dos Deputados, v. 18, 1969.

Em sua análise, Rubens Borba de Moraes alerta que havia outras bibliotecas particulares, mas pouco se sabe sobre elas. Acrescenta que “há muito material nos arquivos à espera de pesquisadores”. O Padre Francisco Agostinho Gomes<sup>60</sup> (1769-1842) reuniu “a melhor e maior livraria particular existente no Brasil na passagem do século XVIII para o XIX. Infelizmente não existe um catálogo dessa coleção” (MORAES, 2006, p. 32; 34).

Há indícios ainda de que em fins do século XVIII “numerosos pernambucanos possuíam livros. Os ‘filósofos’ esclarecidos reunidos nas diversas academias, que se ligariam mais ou menos à maçonaria, formavam centros de propagação das ideias liberais e republicanas”. João Ribeiro Pessoa, discípulo de Manuel de Arruda Câmara, começava a formar uma “biblioteca particular em sua habitação”, informa Moraes (2006, p. 35).

No Rio de Janeiro do século XVIII viviam diversos brasileiros que tiveram sua formação em Coimbra. Eles ocupavam cargos na magistratura, magistério e na administração. “Outros exerciam profissões liberais como o advogado João Mendes da Silva”, que possuía uma coleção de 250 volumes. A maior biblioteca seria a do poeta Manoel Inácio da Silva

---

<sup>60</sup> Filho de Agostinho Gomes, fidalgo cavaleiro da casa real, e D. Isabel Maria Maciel Teixeira. Redigiu *O Escudo da Liberdade*, em Pernambuco, no ano de 1822, quando retornou da Inglaterra. Escreveu também no *Jornal da Soe. de Agric. Com. e Ind.* da província da Bahia, de 1833 a 1835 (PADRE Francisco Agostinho... 2011).

Alvarenga. Estima-se que seu acervo foi composto por 1576 itens, sendo, como nos lembra Moraes, 687 de Direito e 889 obras gerais. Esta biblioteca comparava-se, numericamente, à do padre Agostinho Gomes, da Bahia, e à do cônego Luís Vieira da Silva, de Minas Gerais (MORAES, 2006, p. 35-37).

Pensar sobre a história de acervos particulares ao longo do tempo, confrontando-a com a realidade encontrada nos registros catalográficos da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira nos impõe uma impressão dúbia: se, por um lado, saímos há tempos de um “estágio zero” de registro graças às ações da família, que geriu este patrimônio até 2011, por outro, somos impelidos a questionar: o nível de descrição das obras é suficiente diante do grau de nuances intrínsecas e extrínsecas apresentadas por centenas, talvez milhares de obras?

Desejamos incentivar e, neste ensejo propor, como fruto desta pesquisa, as bases para a publicação de um *Catálogo de obras raras e preciosas da coleção Lucia Miguel Pereira*. Este seria um instrumento valioso na rememoração das “sensibilidades” de um passo recente, porém amplamente espelhado sobre livros, anotações, dedicatórias, raridade.

Com efeito, pretende-se encaminhar ao Centro de Estudos Jurídicos da Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro esta proposta que, de certo, será vista como positiva pela instituição. Trata-se da disseminação de informações de grande estima, de um patrimônio intelectual e cultural. Se descrita, analisada e preparada para ser redescoberta pelos estudiosos interessados, a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira acrescentará em muito à produção em diversos campos do saber.

Recuperar informações registradas em uma coleção especial tão peculiar é como abrir um baú de reminiscências. Um produto como este que se pretende alcançar sinaliza o caráter representativo e narrativo que pode ser extraído de um acervo de memória a partir das práticas biblioteconômicas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esta altura, esperamos que o leitor deste escrito tenha formulado resposta à pergunta: seria a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira uma biblioteca de colecionadores? Procuramos demonstrar que, no que tange principalmente à época do casal em vida e ao período pós-doação à PGE-RJ, seu caráter está envolto às atividades de produção e pesquisa – o que praticamente inviabiliza sua concepção exclusiva como um objeto estático para colecionismo.

Segundo Pomian (1984, p. 53), uma coleção estará sempre exposta ao olhar do outro, sendo “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais” sujeitos a uma proteção especial. O que se entende como coleção especial, bibliográfica, é algo que inclui não apenas um “olhar do outro”, mas a possibilidade de manuseio pelo pesquisador interessado, ainda que limitada e sob vigilância em casos específicos.

Neste sentido, temos um acréscimo pertinente para nosso entendimento. Wilson Martins não deixará esquecer a faceta espiritual dos livros. Em sua análise, ele defende que o livro não é uma mercadoria como outras, uma vez que possui um aspecto nobre, representado por suas origens espirituais e pelos fins a que se destina. Considera ainda: “Seu emprego próprio não exclui, antes pressupõe, a delicadeza de trato, o bom gosto, a finura intelectual, os ambientes em que a inteligência e não a matéria deve reinar soberanamente”. Assim, o livro “guarda a sua superioridade própria e venerável de veículo privilegiado, de forma pela qual a idéia se materializa e transmite” (MARTINS, 2002a, p. 242).

O raciocínio deste teórico parece ratificar a condição do livro como sintetizador de sentidos múltiplos. Reduzi-lo à condição de mera mercadoria, indica Martins, é “vilipendiá-lo, é humilhá-lo na sua natureza e, o que é pior, é tornar o homem indigno dele” (MARTINS, 2002a, p. 242).

O livro, solitário ou unissonante a um conjunto, dotado de sentidos atribuídos pelo acumulador (ou acumuladores no caso deste estudo), aliados à rememoração *a posteriori*, corrobora um importante fato observado em nossas investigações: todo grande movimento que se propõe a tirar da inércia grupos intelectuais, literários ou artísticos, desde o período do Brasil colonial, parece resultar, em menor ou maior escala, em bibliotecas particulares.

Muitas destas bibliotecas foram estudadas ao longo do tempo. Algumas, infelizmente, se perderam na linha do esquecimento, da falta de incentivos ou até mesmo em razão do desinteresse. Outras, neste momento, são objetos de estudo. Este é o nosso caso.



A peculiaridade da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira, que nos últimos anos tem sido analisada academicamente por diversos ângulos, com ineditismo para o biblioteconômico-informacional, praticamente nos distancia do que Schopenhauer chama de “autores que escrevem por escrever”.

Para este pensador, existe um grupo que produz em função exclusivamente dos lucros, sem dedicar-se totalmente ao assunto, apenas para “encher o papel” (SCHOPENHAUER, 2010, p. 55-56). Não parece ser o que temos diante de nós. Aliás, o que vimos é o antagonismo a esta colocação, embora real em muitos casos. A palavra *dedicação* seria uma síntese adequadamente atribuída à Lucia Miguel Pereira. Houaiss esclarece que para a realização de um livro,

de um documento qualquer em que se encerre tradição-transmissão, a complexificação de estruturas e fatos atingiu tal ponto que se impõe – para a máxima liberdade e eficácia criadoras – um máximo de princípios reguladores do já édito, conhecido, adquirido, incorporado, princípios que permitirão a democratização crescente do livro, sua universalização, sua assimilação máxima e sua rejeição máxima (HOUAISS, 1983, v. 2, p. 4).

Essa complexificação refletirá também no conhecimento adquirido sobre o objeto livro. Houaiss acrescenta que sua ação bigume, “moral e imoral, útil e maléfica, criadora e perversora, se manifestará em toda a claridade” (HOUAISS, 1983, v. 2, p. 4). O que a escritora e crítica literária perpassa como legado de estudo aos pesquisadores, bibliotecários, bibliófilos, historiadores e demais interessados em sua influência, são as marcas e vestígios que não permitem dúvidas quanto à sua notabilidade e quanto à abnegação em suas reflexões, materializadas em vasta produção. Isso é confirmado, por exemplo, pela rede de dedicatórias apostas sobre obras entregues por autores de grande destaque na literatura. Outra mostra de sua dedicação está nas anotações deixadas em alguns livros, assim como a raridade de outros exemplares – uma simbiose de instrumentos para seu trabalho e sua íntima relação com o historiador Octavio Tarquinio de Sousa.

Empreendemos um esforço no sentido de dissolver um pretense estado de petrificação à memória dos grandes críticos literários. É a busca pelo “estado não rígido” da biblioteca particular. Esta rigidez, sinalizada por Schopenhauer ao afirmar que as prateleiras podem ser lugar de interesse “apenas aos paleontólogos literários” (cf. SCHOPENHAUER, 2010, p. 130) é uma hipótese que desejamos, efetivamente, rechaçar.

Um dos resultados mais significativos alcançados neste estudo foi a reconstrução de um extrato do percurso histórico e cultural da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia

Miguel Pereira, obtida a partir da análise de seu caráter bibliológico. Debruçados sobre as obras de literatura, observamos a notória influência da escritora entre os intelectuais da primeira metade do século XX.

Revelam-se, desta maneira, hábitos de estudo e leitura: anotações, marcações sublineares e paragrafícas. Aqui temos ainda uma redescoberta: conteúdos manuscritos por Lucia, “salvos” da incineração por ela mesma proposta, estão registrados sobre seu mais querido instrumento de trabalho: o livro. Algumas interpretações tornam-se plausíveis ao esquadriharmos as 20 obras que foram selecionadas no percurso deste estudo. Agruparemos estas interpretações em fatores, da maneira que segue:

**Primeiro fator: datas-limite:** A Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira apresenta certa amplitude no que diz respeito às datas de publicação das obras, e não está fixada ao século em que ambos viveram. Significa, portanto, que o estudo intelectual de Lucia, para citarmos o segmento literário da coleção, temática definida no início desta dissertação, possuía caráter contemporâneo e retrospectivo. A presença de publicações dos séculos XVIII e XIX na coleção dimensiona o perfil leitor de Lucia Miguel Pereira, ao mesmo tempo alheio e igualmente testemunho do tempo em que vivia, já que o “possuir” uma obra antiga permite uma releitura e uma reconfiguração de costumes, influências e visão a respeito do mundo e das coisas, a partir da atividade crítica.

**Segundo fator: produção literária:** A biblioteca era a fonte dinâmica de pesquisa para seus agentes formadores. As anotações encontradas em *Os Maias*, *Esaú e Jacob* e *Historias sem data* apontam para esta direção. No primeiro exemplar, temos um esboço sumarizado de leitura, o que sinaliza um hábito, o ato de “dissecar” o livro, adotado por sua leitora. Ao mesmo tempo, a presença de dois títulos com anotações manuscritas, de mesma autoria (*Esaú e Jacob* e *Historias sem data*, escritas por Machado de Assis) confirma a atividade que Lucia exercia como biógrafa machadiana.

**Terceiro fator: rede de relacionamentos:** Sugere a ligação bastante próxima entre o casal Lucia e Octavio e os autores que publicavam seus livros pela Livraria José Olympio, editora que atuava na promoção da literatura nacional. Dos dez exemplares dedicados que constam na amostra, quatro foram lançados pela JO. Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Rubem Braga compõem a lista desses autores. Já no exemplar *Aspectos da literatura brasileira*, com autoria de Mário de Andrade e direção de coleção de Álvaro Lins, temos uma grata particularidade: a dedicatória de ambos. Se somarmos esses registros à ampla produção de Lucia junto à Ariel Editora, como

exemplificamos por meio de sua participação no *Boletim de Ariel*, será possível concluir que ela, juntamente com Octavio, estava incluída na rede de intelectuais que frequentavam os prelos das editoras de maior destaque no Rio de Janeiro. Por essa razão, participavam ativamente do mercado editorial da primeira metade do século XX pela via da convivência ou da colaboração direta como autores. Este dado evidencia a estima com a qual alguns dos principais nomes da literatura nacional consideravam tanto Lucia como Octavio. Não obstante as reproduções fotográficas emolduradas na biblioteca (ver anexo 3), que flagram momentos de sociabilidade entre intelectuais e editores, a exemplo de José Olympio, as marcas extrínsecas, como no caso das dedicatórias, comprovam o teor de prestígio usufruído pelo casal.

**Quarto fator: requinte editorial:** É nítido que a biblioteca recebeu bons livros, tanto bibliográfica como bibliologicamente. A composição física de diversos exemplares encontrados também ressalta o gosto pelo livro como objeto precioso, embora esse não seja o tom predominante na formação da coleção. Edições de pequenas dimensões, tiragens limitadas e fora de comércio, encadernações de acabamento detalhado, suportes variados como couro, tecidos e pergaminho, atribuem uma variedade de composições que, vista pelo ângulo da biblioteca particular residencial, torna-se bastante significativa.

Ao passo que a conclusão desta pesquisa motiva um sentimento de satisfação, ela oferece também a percepção de termos deixado “algo de fora”. Parece-nos ser exatamente isso o que ocorre, pois a Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira é muito mais do que parece ser e é exatamente essa crescente simbólica a razão deste sentimento. Se em lugar de 20 obras examinadas, optássemos por 50 ou 100, a impressão seria a mesma. Uma vez que a raridade bibliográfica da coleção não se encerra nesta amostra, a continuidade nos estudos tendo como objeto os livros que pertenceram ao casal de intelectuais é convidativa.

Acreditamos ser esta coleção uma narrativa de vida dos seus formadores, pois ela reforça a noção de um envolvimento literato intenso, recorrente, e não de um convívio esporádico. A presente pesquisa configurou-se, também, como um contributo para uma reflexão sobre o potencial narrativo encontrado em outras bibliotecas privadas, outrora pertencentes a escritores, juristas e intelectuais de diversas áreas e posteriormente incorporadas a instituições. Consubstancia ainda: a) Um juízo sobre a importância do bibliotecário pesquisador e curador de acervos especiais, uma vez que ele pode ser a figura central para a disseminação de determinada coleção; b) Uma análise sobre a necessidade de

aplicação de práticas consagradas na Biblioteconomia de Livros Raros; c) Um embasamento inicial e consolidado para a organização de um relevante produto: um catálogo de obras raras e preciosas da coleção.

Finalizamos observando que a história das bibliotecas particulares, como esta sobre a qual trabalhamos, e de tantas outras formadas por intelectuais, será melhor contada ao passo que melhor for descrita. Se assim não for, elas estarão fadadas ao seu próprio falecimento simbólico. Senão, vejamos: qual o número de acervos particulares que são desmembrados, vendidos às partes, mutilados e esquecidos? Eles perdem o seu conjunto, suas características cartesianas, por fim, seu potencial de rememoração.

Cientes de que a coleção especial examinada encontra-se instalada em uma instituição comprometida com a memória e o patrimônio intelectuais, cremos ter efetivado, nesta pesquisa, um relevante compromisso: o de ratificar a singularidade das coleções especiais que dela fazem parte.

## REFERÊNCIAS

ALBANI, Juan. et al. **Manual de Bibliotecología**. Buenos Aires: Kapelusz, 1968.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. O legado da rememoração: traços e vestígios memoriais nas Américas. **ALEA**, Rio de Janeiro, v. 15, jan./jun. 2013.

ARAUJO, Andre Vieira de Freitas. Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações. In: VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 15-31.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028: Informação e documentação: resumo: apresentação**. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2005.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAHIA, Juarez. **Dicionário de jornalismo: século XX**. Rio de Janeiro: Maud X, 2010.

BATISTA, Aline Herbstrith. **Conceitos e critérios para a qualificação de obras raras da Biblioteca de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, 2012. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

BERNARDES, Julio. USP inaugura Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2013. In: USP, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www5.usp.br/24376/usp-inaugura-biblioteca-brasiliana-guita-e-jose-mindlin/>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

BEZERRA, Elvia. Sadoyale: o último salão literário, 2014. In: Instituto Moreira Salles [Blog]. Disponível em: <<http://www.blogdoims.com.br/ims/sadoyale-o-ultimo-salao-literario>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

BIOGRAFIA [de Manuel Bandeira]. In: Academia, 2016. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/manuel-bandeira/biografia>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

BIOGRAPHIE [de André Maurois]. In: Academie Francaise, [2016?]. Disponível em: <<http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/andre-maurois?fauteuil=26&election=23-06-1938>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883-1902. 7 v.

BOLETIM da Biblioteca da Câmara dos Deputados. Brasília, DF, v. 18, n. 2, maio/ago. 1969.

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves. Mulheres e leitoras: entre oralidade e escrita, espaços privados e públicos. **Cadernos Pagu**, n.43, p. 417-441, dez. 2014.

BRASIL JUNIOR, Antonio da Silveira; GOMES, Elisa da Silva; OLIVEIRA, Maíra Zenun de. Os Maias: a literatura na televisão. **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-20, mar. 2004.

CAMÕES, Luís de. **Obras de Luiz de Camões**: precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, augmentadas com algumas composições inéditas do poeta, pelo visconde de Juromenha. Lisboa : Imprensa Nacional, 1860-69. 6 v.

CAMONIANA, [2013?]. In: Joaquim de Carvalho. Disponível em: <<http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/103-Camoniana/pag-5>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

CANTARINO, Elena. Justo Lipsio en la Biblioteca de Lastanosa. Apuntes para las fuentes de Gracián. **AISO**. Actas VI [Actas de los Congresos de la Asociación Internacional Siglo de Oro...], p. 457-465, 2002.

CAMPOS, André Malta. Mênis, a ira de Aquiles: canto I da Ilíada de Homero [Resenha]. **Letras clássicas: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo**, São Paulo, n. 2, p. 387-401, 1998.

CARVALHO, Tereza Cristina Oliveira Nonatto de. UNICAMP: coleções especiais e obras raras. In: VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 89-100.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**: ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CATALOGUE des livres rares et curieux: éditions des elzévir... Paris: Miard, 1866.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

\_\_\_\_\_. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

COC abre inscrições para oficina sobre formação e gestão de coleções bibliográficas especiais. In: Fiocruz, 2015. Disponível em: <<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/coc-abre-inscricoes-para-oficina-sobre-formacao-gestao-de-colecoes-bibliograficas-especiais>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

CONDE, Miguel. A biblioteca de Octavio Tarquínio e Lucia Miguel Pereira. In: O Globo: Blogs, 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/04/09/a-biblioteca-de-octavio-tarquinio-lucia-miguel-pereira-373707.asp>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

CORTI, Ana Paula. Estado Novo (1937-1945): A ditadura de Getúlio Vargas. In: Uol Educação, 2013. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/estado-novo-1937-1945-a-ditadura-de-getulio-vargas.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

COSTA, Agenor (Org.). **Dicionário de sinônimos e locuções da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.

COSTA, Joaquim. **Elementos de biblioteconomia**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1943.

COUTINHO, Fábio de Sousa. Biografia resumida de Lucia Miguel Pereira. In: Biblioteca Octavio Tarquínio de Souza [e] Lucia Miguel Pereira, 2010. Disponível em: <<http://www.octavioelucia.com/otavio-tarquinio-de-sousa/lucia-miguel-pereira/>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

CRITÉRIOS de raridade empregados para a qualificação de obras raras, [2000?]. Disponível em: <[planorweb.bn.br/documentos/criterioraridadedioraplanor.doc](http://planorweb.bn.br/documentos/criterioraridadedioraplanor.doc)>. Acesso em: 5 maio 2015.

CRITÉRIOS para identificação de obras raras. Rio de Janeiro, 2010. Documento administrativo utilizado pela Biblioteca Marcos Juruena Villela Souto. Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro.

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda. In: FGV. CPDOC, 2015. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/DIP>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

DODEBEI, Vera. Ensaio sobre memória e informação. **Morpheus** (UNIRIO. Online), v. 9, p. 227-244, 2016.

\_\_\_\_\_. Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação digital. In: Cécile Tardy; Vera Dodebei. (Org.). **Memória e novos patrimônios**. Marseille: OpenEdition Press, 2015, v. 1, p. 21-45.

\_\_\_\_\_. **Rastros memoriais na web**: questões teóricas sobre o ciclo de vida dos objetos digitais. CNPq, 2015. (Projeto de pesquisa).

ESCOSTEGUY, Cléa Coitinho. Leitura de Monteiro Lobato. [IN: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 2010, Porto Alegre]. Anais... Porto Alegre: PUC-RS, 2010.

ÉSQUILO, 2009, In: Grécia Antiga. Disponível em: <<http://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0059>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

EURÍPEDES, [2016?]. In: Zahar. Disponível em: <<http://www.zahar.com.br/autor/eur%C3%ADpedes>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

EXPOSIÇÃO "livro, objeto precioso", 2015. In: Procuradoria Geral: Notícias. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2617766>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FERNANDES, Andréa Camila de Faria. Lúcia Miguel Pereira e as relações entre biografia e história no Brasil. In: Simpósio Nacional de História, 28., Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC; UDESC, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439330950\\_ARQUIVO\\_LuciaMiguelPereiraeasrelacoesentrebiografiaehistorianoBrasil-textoANPUH2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439330950_ARQUIVO_LuciaMiguelPereiraeasrelacoesentrebiografiaehistorianoBrasil-textoANPUH2015.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2016.

FONSECA JUNIOR, Antonio Gabriel de Paula. História Resumida da Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa/Lucia Miguel Pereira. In: Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa, Lucia Miguel Pereira, 2010. Disponível em: <<http://www.octavioelucia.com/pequena-historia/>>. Acesso em 21 maio 2013.

\_\_\_\_\_. ; VASCONCELLOS, Luiz Eduardo Meira de (Org.). **Biblioteca Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. **As dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo; SILVA, Ângela Maria Garcia dos Santos. A representação da mulher na obra ciranda de pedra, 2010. In: PUCRS Journals. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Cibele-Beirith-Figueiredo-Freitas.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

GASPAR, Lúcia. Rachel de Queiroz, 2009. In: Fundação Joaquim Nabuco, 2016. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=231&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=231&Itemid=1)>. Acesso em: 3 mar. 2016.

GREENHALGH, Raphael Diego. **Segurança contra roubo e furto de livros raros: uma perspectiva sob a ótica da Economia do Crime e da Teoria da Dissuasão**. Brasília, DF, 2014. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

GREENHALGH, Raphael Diego; MANINI, Miriam Paula. Análise bibliológica: ferramenta de segurança em coleções de livros raros. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 20, n. 42, p. 17-29, jan./abr., 2015.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HANNESCH, Ozana ; LINO, Lúcia Alves da Silva; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. **Coleções Especiais: um estudo de caso no Museu de Astronomia e Ciências Afins**, 2006. In:



e-LiS, 2008. Disponível em: <[http://eprints.rclis.org/11894/1/Cole%C3%A7%C3%B5es\\_especiais\\_Hannesch\\_Lino\\_Azevedo\\_ABRACOR.pdf](http://eprints.rclis.org/11894/1/Cole%C3%A7%C3%B5es_especiais_Hannesch_Lino_Azevedo_ABRACOR.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

A HISTÓRIA e biografia do poeta Homero, 2016. In: A História. Disponível em: <<http://www.ahistoria.com.br/biografia-homero/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

IAB recebe doação de pranchas e reproduções fotográficas de Marc Ferrez, 2013. In: Instituto de Arquitetos do Brasil: Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.iabrj.org.br/iab-recebe-doacao-de-pranchas-e-reproducoes-fotograficas-de-marc-ferrez>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

INSCRIÇÕES abertas para oficina de obras raras. In: Fiocruz, 2015. Disponível em: <<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/inscricoes-abertas-para-oficina-de-obras-raras>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LOUIS Racine. In: Cosmovisions, 2014. Disponível em: <<http://www.cosmovisions.com/Louis-Racine.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

LOUREIRO, Mônica de F.; JANNUZZI, Paulo de Martino. Profissional da informação: um conceito em construção. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 123-151, maio/ago. 2005.

LUCA, Tania Regina de. Editoras e publicações periódicas: o caso do Boletim de Ariel. In: Associação Nacional de História: Seção São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%C9TICA/Tania%20Regina%20de%20Luca.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2013.

MARC Ferrez, [2015?]. In: Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/marc-ferrez>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

MÁRIO de Andrade. In: Projeto Releituras, 1996-2008. Disponível em: <[http://www.releituras.com/marioandrade\\_bio.asp](http://www.releituras.com/marioandrade_bio.asp)>. Acesso em: 11 jul. 2016.

MÁRIO de Andrade: Quem foi... In: Biblioteca Mário de Andrade, [2016?]. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/patrono/index.php?p=1076>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002. 2 v.

\_\_\_\_\_. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002a.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

NAMER, Gérard. **Mémoire et société**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

NELLES, Paul. Justo Lísio e Alexandria: as origens “arqueológicas” da história das bibliotecas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Dir.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Proj. História**. São Paulo: PUC, n.10, p. 07-28, dezembro de 1993.

OTLET, Paul. **Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelas: Editions Mundaneum, 1934.

PADRE Francisco Agostinho Gomes. In: Consciencia.org, 2011. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/padre-francisco-agostinho-gomes>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

PEREIRA, Lucia Miguel. **A leitora e seus personagens**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

\_\_\_\_\_. **Escritos da maturidade**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2005.

PGE realiza mostra de livros autografados..., 2014. In: Procuradoria Geral: Notícias. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/pge/exibeConteudo?article-id=2073196>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

PINHEIRO, Ana Virginia. Catalogação de livros raros: proposta de metodologia de formalização de notas especiais para difusão, recuperação e salvaguarda. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 131, p. 185-213, 2011 [Rio de Janeiro, 2014].

\_\_\_\_\_. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). **Acervos especiais: memórias e diálogos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 33-44.

\_\_\_\_\_. Metodologia para inventário de acervo antigo, 2007. In: Planor. Disponível em: <<http://planorweb.bn.br/documentos/ARTIGOS/inventarioacervoantigoanavirginia.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros na biblioteca: uma abordagem preliminar ao sistema de localização fixa**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica**. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

POLÍCIA prende quadrilha e recupera obras raras roubadas em São Paulo, 2013. In: G1: Campinas e Região. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/11/policia-prende-quadrilha-e-recupera-obras-raras-roubadas-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

POMIAN, K. Coleções. In: GIL, Fernando. Memória-História. **Enciclopédia Einaudi**, v.1. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. p.51-86.

PROJETO de descrição e análise do acervo de Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel Pereira. Rio de Janeiro, 2015. Documento de apoio e orientação da BMJVS.

PURGATÓRIO - Canto XI. In: Projeto Releituras, 1996-2008. Disponível em: <[http://www.releituras.com/dalighieri\\_menu.asp](http://www.releituras.com/dalighieri_menu.asp)>. Acesso em: 17 mar. 2016.

QUADRA, Tatiane. Quadrilha rouba livros raros do CCLA em Campinas, 2013. **Correio Popular**, Campinas, 09 ago. 2013. Disponível em: <[http://correio.rac.com.br/\\_conteudo/2013/08/capa/campinas\\_e\\_rmc/89314-quadrilha-rouba-livros-raros-do-ccla-em-campinas.html](http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/08/capa/campinas_e_rmc/89314-quadrilha-rouba-livros-raros-do-ccla-em-campinas.html)>. Acesso em: 1 fev. 2016.

RACINE Louis: Oeuvres de Louis Racine. In: livre-rare-book, [2016?]. Disponível em: <<http://www.livre-rare-book.com/?l=fr>>. Acesso em: 25 ago. 2016.  
REINAÇÕES de Narizinho, obra-prima de Monteiro Lobato..., 2014. In: homoliteratus. Disponível em: <<http://homoliteratus.com/reinacoes-de-narizinho-obra-prima-de-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. **Álbuns de família**: fotografia e memória nos *Anos Dourados*. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

RIBEIRO, Carlos. Revendo Braga: olhar renovado sobre um cronista combativo. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras** [da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia]. Cachoeira, BA, v. 3, n. 2, p. 87-101, 2009.

RIO, Sinomar Ferreira do; SANCHES; Gisele A. Ribeiro. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v.1, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2010.

ROCHA, Helder da. A Divina Comédia: Poema épico de Dante Alighieri. In: A Divina Comedia, 1999-2000. Disponível em: <[http://www.stelle.com.br/pt/index\\_comedia.html](http://www.stelle.com.br/pt/index_comedia.html)>. Acesso em: 3 ago. 2016.

ROCHA, Izaura Regina Azevedo. Literatura e representação: Lucia Miguel Pereira e o debate do realismo nos anos 30. **Estação Científica**, Juiz de Fora, n. 07, jun. 2012. Disponível em <<http://portal.estacio.br/media/3580550/literatura-e-representacao.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

RODRIGUES, José Honorio. Octavio Tarquinio de Sousa (1889-1959). **HAHR**: the Hispanic American historical review. Durham, N.C., v. 40, n. 3, Aug. 1960.

RODRIGUES, Márcia Carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 115-121, 2006.

RUBEM Braga. In: Projeto Releituras, 1996-2008. Disponível em: <[http://www.releituras.com/rubembraga\\_bio.asp](http://www.releituras.com/rubembraga_bio.asp)>. Acesso em: 24 ago. 2016.

SANTOS, Juliana. **Ficção e crítica de Lucia Miguel Pereira**: a literatura como formação. Porto Alegre, 2012. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Rejane Granato; ROCHA, Enilce Albergaria. A escrita pictórica em *A Cidade Sitiada* de Clarice Lispector. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1-2, p. 155-166, jan/dez 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: EDUSP, 1984.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma ideia e de um sistema. **R. Esc. Bibliotecon**. UFMG, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 141-161, set. 1975.

SILVA JUNIOR, Humberto de França e. Álvaro Lins - 'um mestre esquecido'. **Perspectiva Filosófica**, v. 9, n. 18, p. 121-140, jul./dez. 2002.

SILVA, Paulo Sérgio da. 'Chico Ciência' e sua obra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. 01 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1403>>. Acesso em: 26 out. 2010.

SIMAS, Anna. Claro enigma mostra outra face de Drummond, 2013. In: *Gazeta do Povo*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/vida-na-universidade/vestibular/claro-enigmamostra-outra-face-de-drummond-exkyprgelytnw0nh2atci3ozy>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

SOARES, Mariana Baieler. A construção das personagens e do narrador em *Esaú e Jacó* (Machado de Assis). *Revista Linguagem*, [n. 17, 2012?]. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguagem/educacao17/art\\_mbsoares.php](http://www.letras.ufscar.br/linguagem/educacao17/art_mbsoares.php)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

SOBRAL, Filomena. A adaptação de *Os Maias* na televisão brasileira e portuguesa – uma abordagem comparativa. **Revista Alceu**, v. 12, n. 23, p. 20-33, jul./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. *Os Maias* do século XIX num filme do século XXI: recriação cinematográfica de João Botelho. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 55, n.1, p.55-69, jan./jun. 2015.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção do conhecimento. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia Matheus (Org.). **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MAST, 2009.

VIDA & obra: Sófocles, 2016. In: L&PM Editores. Disponível em: <[http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/la\\_yout\\_autor.asp&AutorID=829291](http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/la_yout_autor.asp&AutorID=829291)>. Acesso em: 4 fev. 2016.

VIÉGAS, Luciana K. **Escrever para compreender: uma leitura dos escritos da maturidade de Lucia Miguel Pereira**. Rio de Janeiro, 2012. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

VIEIRA, Bruno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). **Acervos especiais**: memórias e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

XAVIER, Nilson. Ciranda de Pedra (1981). In: Teledramaturgia, 2015. Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/ciranda-de-pedra-1981/>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. Ciranda de Pedra (2008). In: Teledramaturgia, 2015. Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/ciranda-de-pedra-2008/>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

**Anexo 1:** LMP – *Boletim de Ariel*, n. 5, fev. 1934. Observa-se o nome de Lucia Miguel Pereira entre os membros do Conselho consultivo.

Fonte: Acervo – Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro.

Anno III                      Fevereiro 1934                      N. 5



# BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

## LETRAS ▢ ARTES ▢ SCIENCIAS

DIRECTOR: Gastão Cruls	CONSELHO CONSULTIVO: Gilberto Amado — Lucia Miguel Pereira Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria V. Miranda Reis	REDACTOR-CHEFE Agrippino Grieco
---------------------------	---	------------------------------------

“ P A U L I S T I C A ”

(TRECHO DO PREFACIO DA 2ª EDIÇÃO)

**E**STE, é um livro de estudos regionaes. Nelle apparecem as figuras typicas da historia paulista: o portuguez, o aventureiro, o mamaluco, o jesuíta, o piratinhango — conquistador e povoador — e o fazendeiro. Apenas as ultimas paginas exprimem uma homenagem reconhecida ao Mestre e Amigo que consentiu em inspirar e acoroçoar estes modestos trabalhos. Tudo o mais se refere à historia de São Paulo.

Na indagação do passado, cada dia augmenta o interesse particularista pelos seus periodos fragmentarios. Deante da complexidade dos phenomenos e da mole formidavel das informações que a erudição e os documentos accumulam — até chegar ás relações de causalidade — no emaranhado de textos, de leis, de factos, de aneddotas, a base da reconstituição desse passado está certamente no exame analytic das parcelas que constituem o todo. Seja qual for o processo da indagação historica — ideologia ou materialismo — não se pôde, entre nós, comprehender a historia do Brasil sem conhecer a historia de S. Paulo, assim como a da Bahia, ou de Pernambuco, ou de Minas. Foi deante dessa tarefa gigantesca que recouo a honestidade intellectual de Capistrano; preferiu ser operario minucioso e incançavel a erigir em areia incerta uma cathedra disforme.

Cada povo que pretenda ser mais do que uma simplex agglomeração gregaria, deve possuir o seu patrimonio historico. Nelle se vão inspirar as forças vivas e palpitantes da sua actividade actual, e nelle se estabelece o criterio da utilidade, que transforma em Política — na accepção aristotelica da palavra — os ensinamentos da philosophia da Historia. E' a explicação e desculpa das preoccupações do passado, que a muitos parecerá puro luzo intellectual, ou mero narcisismo litterario.

Não falta a São Paulo o legado dessa riqueza ancestral. No conjuncto da formação do paiz se destaca a sua historia regional com uma peculiaridade notavel e que os seculos tem transmittido de geração em geração, com vicissitudes varias, mas sem solução de continuidade em relação a certos attributos, ou certa feição especifica. Nem lhe faltou esse epos, de que falava Martius; ah!, a imaginação dos homens creou em torno dos factos que o tempo deforma e apaga, as fórmias mais seductoras do seu poder phantasista. *Mysterio das origens, nos homens que primeiro desembarcaram nas praias solitarias; poetisação do dynamismo formidavel da raça; lendas que o medo e a calunnia formaram e se transformaram, no decorrer dos seculos, em culto dos heróes; tragedia do seu desaparecimento pelo proprio excesso do esforço; resurgimento das mesmas virtudes e dos mesmos vicios em épocas differentes e em differentes condições. Assumptos em que a deficiencia de documentos permite, com mais liberdade, a reconstituição do passado, pela ignorancia que simplifica e clarifica, o que é, como dizia o ensaista victoriano, um dos requisitos do perfeito historador...*

Todo esse esplendido e turbado seculo XVI é para São Paulo, em sua quasi totalidade, um mysterio, com uma parca e suspeita documentação, illuminando por vezes alguns recantos da paisagem historica, para deixar em seguida e em vacuos de sombra, dezenas e dezenas de annos. As indagações formuladas, ha annos atraz, continuam sem solução, apesar dos esforços exhaustivos de alguns pesquisadores, como no monumental Diário de Pero Lopes, de Eugenio de Castro. Desde os primeiros annos do seculo sabemos que viviam no littoral da futura capitania vicentina grupos de brancos mercadejando com as naus que vinham buscar escravos ou passavam procurando refresco. Continuamos a ignorar quem era essa gente. Naufragos? Aventureiros ligados ás grandes cosas de negocio da Europa? Sentinellas avançadas na conquista economica do Novo Mundo? Quem eram os 400 homens da frota colonizadora de Martim Affonso?... “Eu trazia commigo allemães e italianos e homens que foram á India e francezes”, diz o Diário. Da tripulação, porém, nem mesmo sabemos 20 nomes, não contando, é certo, com as phantasias dos genealogistas. O proprio

**Anexo 2:** LMP – Padrão comum aos artigos do *Boletim de Ariel*. Neste, vemos “Pureza”, assinado por Lucia Miguel Pereira.

Fonte: Acervo – Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro.

## PUREZA

Já estamos habituados ao romance annual de José Lins do Rego; uma escapada ao nordeste em sua companhia faz parte do nosso rythmo de vida. Durante cinco annos, em livros ora mais plenamente realizados, como *Menino de Engenho* e *Banguê*, ora mais fracos, como *Doidinho*, mas sempre vivos e verdadeiros, o romancista nos trazia mais um caso da familia de José Paulino, mais uma vicissitude do Santa Rosa, mais um aspecto da existencia nas lavouras de canna do nordeste, e da industria do assucar. Com *Usina* esgotou o assumpto. Sem se repetir, não poderia continuar a estudar o mesmo thema.

Que daria José Lins do Rego sem o assucar, sem as recordações de infancia? Essa pergunta era formulada por todos quantos admiramos o seu talento e seguimos com interesse a expansão da sua força creadora. *Pureza* foi a resposta do romancista, e a pedra de toque que nos permittiu aquilatar com segurança da sua capacidade de crear livremente, sem o ponto de partida das evocações de gente e cousas familiares.

Talvez considerado em si mesmo *Pureza* não seja superior aos romances anteriores — pelo menos a alguns delles. Mas visto em função do romancista representa um caminho novo, mais uma abertura sobre a vida.

José Lins do Rego mostrou que tem muitas cordas no seu arco. E isso, para um romancista, é uma grande cousa. Mostrou não precisar das personalidades reaes para povoar os seus livros, possuir realmente o sopro animador, aquillo que faz do romancista, no dizer de Mauriac «le singe de Dieu». Mostrou poder prescindir da terra para formar o ambiente, dos cannaviaes que assobiam ao vento, das pastagens sonoras de mugidos, dos rios de cheias aterradoras, das mattas floridas, de tudo aquillo que constitúe, sobretudo em *Menino de Engenho*, um fundo de belleza e de poesia. E sobretudo provou que, embora as raizes da sua vocação de romancista se alimentem do seu provincianismo, não está escravizado á litteratura regionalista, não é apenas o chronista do nordeste. *Pureza*, que deve o seu nome a uma estação da Great-Western, poderia se passar em qualquer outro lugar, numa estação da Central ou da Sul Mineira, ao passo que os livros anteriores estão indissolvelmente ligados ás condições de vida do nordeste. Conheci no Estado do Rio a familia de um agente de estação parecidissima com a de Antonio Cavalcanti.

Essa supremacia, nas personagens, do humano sobre o regional, me parece ser um dos aspectos novos e importantes de José Lins do Rego em *Pureza*. Outro é a apparição da mulher, da mulher moça e amorosa, de que a Maria Alice do *Banguê* é uma tentativa frusta. Até aqui, José Lins do Rego creara bons typos de mães — lembro-me de D. Dondon de *Usina* — de negras, de mulatinhas dengosas, mas não soubera fazer a moça, a mulher valendo sobretudo pela sua feminilidade. Conseguiu-o agora. Aquella passividade indolente, quasi animal de Maria Paula,

a sua submissão ao destino, o immediatismo das duas irmãs são traços profundamente femininos. O que não quer dizer que as mulheres sejam sempre assim, nem só isso...

Tambem a analyse psychologica mais desenvolvida, a sondagem da vida interior dão a *Pureza* um cunho diverso dos outros romances do autor. Embora tambem dominado pelo sexo — *Pureza* gyra afinal todo em torno desse problema — o Lola é mais sensível, mais completamente humano do que Carlos de Mello. Sem se elevar muito, elle é menos preso á terra do que o outro, com quem entretanto tem muitos pontos de semelhança.

Dos grandes quadros muraes, brilhantes, coloridos, cheios de sol e de movimento, José Lins do Rego passou a uma pintura mais minuciosa, mais rica em entre-tons. Dahi talvez lhe venha alguma monotonia mas em compensação fez trabalho muito melhor acabado do que das outras vezes.

Aparece-nos agora muito mais controlado, muito mais commedido, até na linguagem — com o que só tem a lucrar. Os outros livros dão ás vezes a impressão de um transbordamento magnifico e desordenado, em que o assumpto dominava o romancista. Em *Pureza* sente-se, ao contrario, que é elle quem possui o assumpto, numa posse que não significa em absoluto a intervenção sempre indesejavel do romancista, a perda da sua poderosa objectividade, mas patenteia o amadurecimento completo, harmonioso, do seu talento. Essa harmonia, esse equilibrio novo são as qualidades mestras de *Pureza* e mostram que José Lins do Rego não se esgotou com o cyclo da canna do assucar, e que está ainda em ascensão.

LUCIA MIGUEL PEREIRA.

Alvaro Penafiel — *Grupo e Espirito* — Schmidt Editor — Rio.

Mão grado certo emmaranhamento de expressões, facto desculpavel num patricio ainda de extrema juventude, o sr. Alvaro Penafiel é um escriptor que pensa sempre com elevação e procura associar-se aos moços desejosos de ultimarem, em favor do Brasil, uma tarefa que as gerações anteriores, muito mais preocupadas com a simples belleza litteraria, frequentemente desdenhavam. Sem estreito materialismo, defende elle as prerogativas da intelligencia, sabendo-a indispensavel a todos os movimentos que importem em verdade na dignificação de um povo. Repugna-lhe qualquer progresso resultante da violencia e é, antes de tudo, pela pressão suave, pela força persuasiva do espirito.

E. Mallet de Lima — *Caminhos Perdidos* — Schmidt Editor — Rio.

Trata-se manifestamente de um estreado, e de aquem que começa affrontando logo o mais difficil dos generos: o romance. O mais difficil, sim, apesar da serenidade com que a elle se atiram tantas creaturas que, pouco sabendo dos livros, quasi nada tambem sabem da vida. Mas forçoso é reconhecer que o sr. E. Mallet de Lima, irmão de um brilhante chronista nosso e filho de um uorlista que foi amigo intimo de Goulart de Andrade, consegue expressar com singular belleza muitas scenas do Rio tumultuoso de hoje. Seu volume, com uma ou outra vulgaridade que o tempo fará desaparecer, apresenta-nos felizes retalhos da capital do paiz, illuminados por uma silhueta de estrangeira que passa a encher tudo isso de miragens de aventuras e correrias pelo vasto mundo.

**Anexo 3: Biblioteca OTS/LMP – Mobiliário.**  
 Fonte: O autor (2016).



Mesa de trabalho e tinteiro.



Mesa, cadeira, carpete.



Parte de uma das estantes, reproduções fotográficas e baú contendo fragmentos.



Baú de fragmentos, aberto. Contém jornais, revistas, cópias e outros itens que foram de interesse para o casal.



Ao alto, cartazes elaborados por Lota de Macedo Soares, arquiteta, e Elizabeth Bishop, poetisa americana. Ambas eram amigas do casal.



Estante giratória e sofá.



**Anexo 4:** Biblioteca OTS/LMP – Controle de ambiente.

Fonte: O autor (2016).



Ambiente monitorado por desumidificador.



Umidade relativa do ar dentro dos parâmetros indicados para preservação de acervos.




Acompanhamento de clima por termohigrômetro.




Termohigrômetro em uso. Aferição periódica dos níveis de umidade e temperatura.

**Anexo 5:** Biblioteca OTS/LMP – “Fantasmas” (marcadores para retirada de obras das estantes) e formulário para registro de pesquisadores.

Fonte: O autor (2016).

	
<p>PROCURADORIA GERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE ESTUDOS JURÍDICOS BIBLIOTECA MARCOS JURUENA VILLELA SOUTO BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO E LUCIA MIGUEL PEREIRA</p>	
<p><b>MARCADOR PARA RETIRADA DE OBRAS</b> (Inserir no local do livro durante a pesquisa)</p>	
Localização _____	Data de pesquisa: ____ / ____ / ____
Autor: _____	
Título: _____	
Pesquisador: _____	

			
<p>PROCURADORIA GERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE ESTUDOS JURÍDICOS BIBLIOTECA MARCOS JURUENA VILLELA SOUTO BIBLIOTECA OCTAVIO TARQUINIO / LUCIA MIGUEL PEREIRA</p>			
<p><b>ATENDIMENTO A PESQUISADORES</b></p>			
Data ____ / ____ / ____	Entrada ____: ____	Saída ____: ____	
<p>Nome do pesquisador: _____ Endereço: _____ Instituição: _____ Escolaridade: ( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado ( ) Pós-Doutorado</p>			
Identidade N°	e-mail	Cel.	Tel. Resid.
<p>Motivo da visita: _____ _____ _____</p>			
<p>Obras consultadas (Referência e Localização).</p>			
1) _____			
2) _____			
3) _____			
4) _____			

**Observações:**

É recomendado o uso de luvas e máscara durante a consulta.

O pesquisador será acompanhado por um bibliotecário ou estagiário em Biblioteconomia durante a permanência.

As obras utilizadas deverão ser deixadas sobre a mesa central.

O atendimento é realizado entre as 11h e 16h.

As visitas deverão ser agendadas através do e-mail [biblio@pge.rj.gov.br](mailto:biblio@pge.rj.gov.br) informando data, horário e objetivo da consulta.

\_\_\_\_\_

Bibliotecário/Estagiário responsável

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_